

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS
DOUTORADO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS

LENIR RODRIGUES MINGHETTI

RISCOS BIOPSIKOSSOCIAIS LABORAIS DE PROFESSORES DA REDE
ESTADUAL DE ENSINO DE SANTA CATARINA

CRICIÚMA

2023

LENIR RODRIGUES MINGHETTI

**RISCOS BIOPSIKOSSOCIAIS LABORAIS DE PROFESSORES DA REDE
ESTADUAL DE ENSINO DE SANTA CATARINA**

Tese de Doutorado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Orientador: Prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos
Coorientadora: Prof. Dra. Lilia Kanan (UNIPLAC)

CRICIÚMA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

M664rMinghetti, Lenir Rodrigues.

Riscos biopsicossociais laborais de
professores da rede estadual de ensino de Santa
Catarina / Lenir Rodrigues Minghetti. - 2023.
147 p. : il.

Tese (Doutorado) - Universidade do Extremo Sul
Catarinense, Programa de Pós-Graduação em
Ciências Ambientais, Criciúma, 2023.

Orientação: Juliano Bitencourt Campos.

Coorientação: Lília Kanan.

1. Riscos psicossociais. 2. Professores -
Saúde mental. 3. Professores - Estresse
ocupacional. 4. Saúde do trabalhador. 6. Saúde
socioemocional. I. Título.

CDD 23. ed. 613.62

Bibliotecária Eliziane de LuccaAlosilla - CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Inovação
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação

PARECER

Os membros da Comissão Examinadora homologada pelo Colegiado de Co-Graduação em Ciências Ambientais reuniram-se para realizar a arguição da pela candidata **LENIR RODRIGUES MINGHETTI**, sob o título: “**REPRESENTANTES NO AMBIENTE E NO TRABALHO DE PROFESSORES DO ENSINO DE SANTA CATARINA**”, para obtenção do grau de **MAESTRIA EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS** no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Após haver analisado o referido trabalho e arguida parecer pela “**APROVAÇÃO**” da Tese.

Criciúma

Documento assinado digitalmente



CRISTINA KEIKO YAMAGUCHI

Data: 05/05/2023 15:07:30-0300

Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Cristina Keiko Yamaguchi
Primeiro Examinador


Profa. Dra. Silvana Regina Ampessan Marc
Segundo Examinador

Dedico esta dissertação a minha mãe
D. Neli (†08/02/2017) e ao meu pai
Osvaldo (†12/02/2010) que estão
juntos no céu!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar credito a Deus essa ascensão, que é mais um degrau sonhado em minha vida; importante conquista de conhecimento que satisfaz uma desejada realização pessoal, a qual há alguns anos eu julgava inalcançável. Sou grata aos meus familiares, que me incentivaram e apoiaram-me na realização deste tão esperado sonho. Em especial a minha Mãe, que em meus momentos de insegurança, me encorajava com palavras doces e calmas, fazendo com que eu acreditasse que era capaz! Minha Mãe, meu Pai, acredito que onde vocês estiverem aplaudirão a minha conquista. Pai, Mãe, todo dia quando acordo, recordo de seus semblantes de felicidade, do lindo brilho que sempre irradiava seus olhares; Pai, Mãe, esse brilho busquei e creia ele me ajudará a seguir em minha caminhada com mais força, ânimo e alegria. Amarei vocês para todo sempre.

Aos meus irmãos Alceu, Celso, Paulo, Valdecir, Maria, Iracy e, ao Antônio e a Marli (in memória) pelo companheirismo, alegria e confiança depositados em mim nestes anos. Aos meus filhos por alegrarem a minha vida, por serem meus cúmplices e companheiros. Obrigada! Fernanda, Alison e Leonardo; eu só tenho a agradecer a Deus, por vocês existirem e fazerem parte da minha vida, que Deus os abençoe sempre! Agradeço especialmente a minha filha e meu genro pelo presente maravilhoso, meu neto Heitor.

No término deste trabalho, é hora de dizer obrigada às pessoas que de alguma forma me auxiliaram, ampararam e apoiaram para que este estudo fosse realizado. Agradeço pelo auxílio a todos os professores do Doutorado, pelo conhecimento e auxílio na elaboração do projeto de pesquisa.

Agradeço imensamente ao meu primeiro orientador, o prof. Dr. Nilzo Ivo Ladwig pela confiança dedicada e pelo auxílio na elaboração desta tese; agradeço ao orientador prof. Dr. Juliano Bitencourt Campos pelo auxílio e colaboração neste estudo, estendo meus agradecimentos à minha coorientadora Prof.^a Dra. Lilia Aparecida Kanan a quem admiro e de quem busco a minha inspiração. Em especial, agradeço ao relator desta tese, o prof. Dr. Jairo José Zocche. Da mesma forma, aos colegas de doutorado, que com suas individualidades, tiveram um papel importante na minha vida, dos quais guardarei sempre eterna amizade. Amigos! Não tenho como retribuir toda a alegria que me proporcionaram nesse tempo; aliás, poderei sim, ser sempre para vocês o que hoje são para mim!

Muito obrigada a todos que de alguma maneira, contribuíram nessa busca de crescimento e de conhecimento pessoal e profissional nesses dois anos de estudo, o que certamente, contribuirá significativamente na minha atuação como profissional e como pessoa. Estendo meus

agradecimentos aos Coordenadores do Programa, aos professores participantes da banca de avaliação Profa. Dra. Silvana Regina Anpessqan Marcon (UCS); Profa. Dra. Cristina KeikoYamaguchi (UNIPLAC); Prof. Dr. Geraldo Milioli (UNESC). A Secretária da pós-graduação Michele Ribeiro, pela compressão e solução dos pequenos problemas que surgiram no decorrer do curso.

Agradecimento especial ao Rafael e ao Paulo Cendron, pelo auxílio no desenvolvimento do site e uso do programa de estatística. Enfim agradecimentos intensos e eternos a todos que direta ou indiretamente participaram ao meu lado nesta jornada, meu eterno agradecimento por fazerem parte desta importante fase da minha história. Quero agradecer a Coordenação do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior do Estado de Santa Catarina- FUMDES (UNIEDU), ao Secretário de Educação de Santa Catarina Sr. Luiz Fernando Cardoso pela bolsa de estudos que me proporcionou parte do apoio financeiro necessário para esta conquista.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores, que participaram deste estudo, em especial Sr. Sergio Luiz de Almeida pelo auxílio no encaminhamento dos e-mails para as Coordenadorias de Educação e para os e-mails institucionais dos professores. Quero agradecer a Diretora Maria Tereza Paulo Hermes Cobra e, o Gerente em Exercício Adecir Pozzer (DIEN) pela autorização da pesquisa.

RESUMO

Este estudo objetivou analisar os riscos biopsicossociais laborais, de professores da rede estadual de ensino de Santa Catarina. Foi realizado junto a 345 profissionais, em pleno exercício de suas funções. Os instrumentos utilizados consistem de: um questionário para identificar características sociodemográficas dos participantes; um questionário ocupacional com 16 perguntas, envolvendo os possíveis riscos biológicos, químicos, físicos e ergonômicos, do ambiente laboral dos professores e, o Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento - ITRA, que é integrado por quatro escalas: Escala de Avaliação do Contexto do Trabalho (EACT), Escala Avaliação do Custo Humano do Trabalho (ECHT), Escala de Avaliação dos Indicadores de Prazer Sofrimento no Trabalho (EIPST), Escala de Avaliação de Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT). Os instrumentos foram disponibilizados online, em um website criado para este estudo. A análise dos dados foi realizada por meio de estatística inferencial, no software IBM-SPSS Statistics (StatisticalPackagefor the Social Sciences). Observou-se que os riscos biológicos, físicos, químicos e ergonômicos, foram avaliados de forma crítica pelos professores. ($\bar{x}$ 2,81, σ 1,64). Na avaliação da EACT verificou-se risco crítico, ao adoecimento em todos os fatores: Organização do trabalho ($\bar{x}$ 2,54, σ 1,8); Condições de Trabalho ($\bar{x}$ 2,35, σ 1,69) e Relações Sócios profissionais ($\bar{x}$ 2,34, σ 1,61). Na ECHT, constatou-se a avaliação satisfatória no fator: Custo Afetivo ($\bar{x}$ 2,2, σ 1,66); nos outros fatores, Custo Cognitivo ($\bar{x}$ 3,19, σ 1,83) e Custo Físico, apresentaram classificação de risco crítico ($\bar{x}$ 2,45, σ 1,63). A EIPST apresentou avaliação crítica em seus fatores: Realização Profissional ($\bar{x}$ 2,74 σ); Liberdade Expressão ($\bar{x}$ 2,94, σ 1,73); Esgotamento Profissional ($\bar{x}$ 2,71, σ 1,62); A falta de reconhecimento apresentou médias satisfatórias ($\bar{x}$ 2,04, σ 1,42). A EADRT apresentou médias satisfatórias em todos os fatores: Danos Físicos ($\bar{x}$ 1,97, σ 1,72); Danos sociais ($\bar{x}$ 1,56, σ 1,39) e, Danos psicológicos ($\bar{x}$ 1,67, σ 1,48). Este estudo evidencia a necessidade de intervenção em todos os fatores avaliados, pois representam riscos de agravos à saúde dos professores, especialmente como demonstrado no questionário ocupacional e nas escalas do ITRA. Destaca-se, por fim, a pertinência de realização de novos estudos, que abordem estratégias de prevenção dos riscos biopsicossociais identificados e os agravantes ao bem-estar docente.

Palavras-chave: Mal-estar docente. Saúde e Trabalho. Ciências Ambientais.

ABSTRACT

This study aimed to analyze the biopsychosocial occupational risks of teachers in the state education network of Santa Catarina. It was carried out with 345 professionals in full exercise of their functions. The instruments used were a questionnaire to identify the sociodemographic characteristics of the participants; an occupational questionnaire with 16 questions involving the possible biological, chemical, physical and ergonomic risks of the teachers' work environment and the Work and Illness Risks Inventory - ITRA, which is made up of four scales: Work Context Assessment Scale (EACT), Assessment Scale of the Human Cost of Work (ECHT), Scale Assessment of Indicators of Pleasure Suffering at Work (EIPST), Assessment Scale of Work-Related Harm (EADRT). The instruments were made available online on a website created for this study. Data analysis was performed using inferential statistics in the IBM SPSS Statistics software (Statistical Package for the Social Sciences). It was observed that the biological, physical, chemical and ergonomic risks were critically evaluated by the teachers. ($\bar{x}$ 2.81, σ 1.64). In evaluating the EACT, a critical risk of illness was verified in all factors: Work organization ($\bar{x}$ 2.54, σ 1.8); Working Conditions ($\bar{x}$ 2.35, σ 1.69) and Professional Partner Relations ($\bar{x}$ 2.34, σ 1.61). In the ECHT, a satisfactory evaluation was found in the factor: Affective Cost ($\bar{x}$ 2.2, σ 1.66); in the other factors Cognitive Cost ($\bar{x}$ 3.19, σ 1.83) and Physical Cost presented a critical risk classification ($\bar{x}$ 2.45, σ 1.63). The EIPST presented a critical evaluation in its factors: Professional Achievement ($\bar{x}$ 2.74 σ); Freedom of Expression ($\bar{x}$ 2.94, σ 1.73); Professional Exhaustion ($\bar{x}$ 2.71, σ 1.62); Lack of recognition presented satisfactory means ($\bar{x}$ 2.04, σ 1.42). The EADRT presented satisfactory averages in all factors: Physical Damage ($\bar{x}$ 1.97, σ 1.72); Social damage ($\bar{x}$ 1.56, σ 1.39) and, Psychologic damage ($\bar{x}$ 1.67, σ 1.48). This study highlights the need for intervention in all the factors evaluated, as they represent risks of harm to teachers' health, especially as demonstrated in the occupational questionnaire and the ITRA scales. Finally, the pertinence of carrying out new studies that address prevention strategies for identified biopsychosocial risks and those aggravating to teacher well-being is highlighted.

Keywords: Teacher malaise. Health and Work. Environmental Science.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Escala para análise de satisfação	60
Figura 2 - Classificação de Risco EACT.....	62
Figura 3 - Classificação de Risco ECHT.....	62
Figura 4 - Classificação de Risco (CR): Realização profissional e Liberdade de expressão ...	63
Figura 5 - Classificação de Risco (CR): Esgotamento Profissional e Falta de reconhecimento	63
Figura 6 - Classificação de Risco (CR): danos relacionados ao trabalho (EADRT).....	64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição dos resultados estatísticos dos dados coletados referentes ao ambiente ocupacional.....	81
Tabela 2 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo organização do trabalho.....	89
Tabela 3 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo condições de trabalho.	90
Tabela 4 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo relações socioprofissionais	91
Tabela 5 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo custo físico.....	92
Tabela 6 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo custo cognitivo.....	94
Tabela 7 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo custo afetivo.....	95
Tabela 8 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo realização profissional.	96
Tabela 9 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo liberdade de expressão.....	97
Tabela 10 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo esgotamento profissional	99
Tabela 11 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo falta de reconhecimento.....	100
Tabela 12 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo problemas físicos.....	101
Tabela 13 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo problemas sociais.....	102
Tabela 14 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo problemas psicológicos.....	103
Tabela 15 - Distribuição de fatores avaliados nas escalas do ITRA	109

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Setores da Sociedade colaboram com mudanças na concepção de trabalho.....	42
Quadro 2 - Características no adoecimento de professores	50
Quadro 3 - Fatores que causam adoecimento de professores.....	51
Quadro 4 - Distribuição amostral, segundo forma de admissão na Educação	66
Quadro 5 - Distribuição amostral, segundo a função exercida.....	68
Quadro 6 - Distribuição amostral, segundo idade dos participantes	70
Quadro 7 - Distribuição amostral, segundo a idade e sexo	70
Quadro 8 - Distribuição amostral, segundo o estado civil e sexo.....	71
Quadro 9 - Distribuição amostral, segundo o número de filhos.....	71
Quadro 10 - Distribuição amostral, segundo o grau de escolaridade	72
Quadro 11 - Distribuição amostral, segundo o grau de escolaridade e sexo	72
Quadro 12 - Distribuição amostral, segundo o tempo de serviço.....	73
Quadro 13 - Distribuição amostral, segundo o tempo de serviço e sexo	74
Quadro 14 - Distribuição amostral, segundo quantas vezes fumam	75
Quadro 15 - Distribuição amostral, segundo quantas vezes por dia o professor faz uso de bebida	76
Quadro 16 - Distribuição amostral, segundo o número de vezes que pratica atividade física ..	77
Quadro 17 - Distribuição amostral, doenças contraídas no ambiente de trabalho	78
Quadro 18 - Distribuição amostral, doenças que ocasionou afastamento de alunos.....	79
Quadro 19 - Distribuição amostral dos participantes, segundo Regiões de SC	80

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
1.1	JUSTIFICATIVA.....	19
1.2	HIPÓTESES DA PESQUISA.....	24
2	OBJETIVOS.....	26
3	REVISÃO DE LITERATURA	27
3.1	A NATUREZA DO HOMO SOCIALIS E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE, CULTURA E TRABALHO.....	27
3.2	A HISTÓRIA DO TRABALHO NAS DIFERENTES SOCIEDADES.....	38
3.3	SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR.....	43
3.4	FATORES DE RISCO DE ADOECIMENTO DE PROFESSORES EM DECORRÊNCIA DO SEU TRABALHO	47
3.5	MAL-ESTAR DOCENTE: SAÚDE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA.....	52
4	PERCURSO METODOLÓGICO	55
4.1	DELINEAMENTO DA PESQUISA	55
4.2	PARTICIPANTES	56
4.3	CRITÉRIO DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO.....	56
4.4	CONTATO COM OS PARTICIPANTES.....	57
4.5	COLETAS DE DADOS.....	57
4.6	PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS DOS INSTRUMENTOS	57
4.6.1	Questionário de dados sociodemográficos e ocupacionais	58
4.6.2	Questionário sobre o ambiente ocupacional dos professores.....	59
4.6.3	Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA).....	61
4.7	PROCEDIMENTOS ÉTICOS	65
5	APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS	66
5.1	ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	66
5.2	ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS OCUPACIONAIS ...	80
5.3	ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ESCALAS DO ITRA	88
5.3.1	Escala de avaliação do contexto de trabalho - EACT.....	88
5.3.2	Escala de Custo Humano de Trabalho.....	92
5.3.3	Escala de indicadores de prazer e sofrimento no trabalho - EIPST	96

5.3.4	Escala de avaliação de danos relacionados ao trabalho - EADRT	101
5.4	MELHORIAS NO CONTEXTO LABORAL DOS PROFESSORES PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA	103
5.5	SINTESE DOS RESULTADOS.....	106
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	113
	REFERÊNCIAS	116
	APÊNDICE(S)	129
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	130
	APÊNDICE B – FOLDER CONVITE	132
	APÊNDICE C – E-MAIL CONVITE ENVIADO AOS PROFESSORES.....	133
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES	135
	APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO OCUPACIONAL.....	136
	ANEXO(S).....	137
	ANEXO A – INVENTÁRIO DE TRABALHO E RISCOS DE ADOECIMENTO (ITRA)	138
	ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	142
	ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES	146

1 INTRODUÇÃO

Os riscos biopsicossociais decorrentes do trabalho, têm-se tornado uma nova categoria de ameaça à saúde do trabalhador da educação. A Organização Internacional do Trabalho - OIT (1986) destaca que os riscos surgem da interação dos aspectos do trabalho, do trabalhador e do contexto social em que estão inseridos. No contemporâneo, esses episódios se avolumaram, principalmente em decorrência das rápidas mudanças no mundo do trabalho, aumentando o registro de transtornos mentais. (RODRIGUES; FAIAD, 2019).

Os fatores psicossociais de risco no trabalho, de acordo com Pascoal e Silva (2019, p.02), podem ser organizados em seis dimensões: “a amplitude e o tempo de trabalho; as exigências emocionais; a ausência/insuficiência de autonomia; a qualidade ruim das relações sociais no trabalho; os conflitos de valores e, as incertezas decorrentes das próprias condições do trabalho/emprego”.

Para Zanelli e Kanan (2019), os agravos à saúde mental dos trabalhadores, estão sujeitos à intensidade e, ao tempo de exposição a riscos, que impliquem diretamente a exposição a moléstias e, ou enfermidades. Os riscos psicossociais decorrentes do trabalho geram episódios contraproducentes tanto para o trabalho quanto para o trabalhador: “(...) que emoldurada pelo contexto social, podem ensejar diversos agravos à saúde física e mental dos trabalhadores, incluindo transtornos mentais e comportamentais, acidentes, suicídio e abuso de substâncias tóxicas”. (RODRIGUES; FAIAD, 2019, p.572).

No que refere aos riscos psicossociais no trabalho, Pascoal e Silva (2019) destacam que a interação entre o meio ambiente de trabalho, conteúdo do trabalho, condições organizacionais e capacidades laborativas do trabalhador, influenciam diretamente na saúde, na atuação produtiva e, na satisfação no trabalho. As exigências hodiernas do trabalho ocasionaram a necessidade de pesquisar impactos nas organizações de trabalho, que incidam sobre a saúde do trabalhador, especialmente os implícitos em sua saúde mental. (LANCMAN; SZNELWAR, 2008).

Dessa condição resultou a Psicodinâmica do Trabalho, elaborada pelo psiquiatra e psicanalista Christophe Dejours (considerado o pai da Psicodinâmica do Trabalho), na busca de respostas e soluções para essa conjuntura (...) é "uma análise dinâmica dos processos psíquicos mobilizados, pela confrontação do sujeito com a realidade do trabalho". (DEJOURS; ABDOUCHELI, 1994, p.120).

Sobre os riscos psicossociais decorrentes do trabalho de professores, Souto *et.al.* (2018, p. 128)¹ destacam que:

“This highlights several issues of safety and health at work, and has been recognized in recent years that, beyond the physical, chemical and biological risks, a set of work-related stress generators should also be considered, known as Psychosocial Risks”.

A visão do antropocentrismo moderno, descrita por Ribeiro e Cavassan (2013), faz com que o homem no século XXI se isole cada vez mais. O isolamento social faz surgir diversas doenças psicológicas, complexando suas relações sociais, interferindo no ambiente, na cultura e, em especial, nas suas atividades laborativas. Mas, se o trabalho se encontra presente na natureza e na cultura humana, a questão que se impõe é: por que o trabalho causa adoecimento? Nesse sentido: “[...] os conceitos e representações da natureza, do ambiente ou do meio ambiente, podem variar conforme os grupos sociais, de diferentes lugares e épocas, pois são construídos, na medida em que as relações socioculturais se desenvolvem”. (RIBEIRO; CAVASSAN, 2013, p.20).

Silva e Paiva (2018, p.539) enfatizam que durante a Revolução Industrial, os “trabalhadores usavam seus corpos, seus músculos, sua força bruta e realizavam rotinas mecanizadas; atualmente as exigências são processos cognitivos, na forma de trabalho imaterial”. O trabalho centrado na ideia do corpo e não do ambiente, deve-se primeiro ao fato deste ser o espaço privilegiado e individual de todos os *Hominis Socialis*, único espaço sobre o qual, ao experienciar o mundo, ele se vê com ampla autonomia, o que lhe permite abstrair da dualidade homem/natureza. Essa é uma herança da supervalorização da racionalidade, que concebe o corpo descolado de uma mente pensante, no que redundo o corpo ser tratado, unicamente, como matéria informada e, o ambiente como um algo “lá”, distante.

Santos *et.al.* (2012, p. 05) expõem que o adoecimento se encontra relacionado à excessiva carga horária de trabalho, motivada pela precarização das condições de trabalho envolvendo: a quantidade de alunos em sala de aula; o salário recebido; violência psicológica; condições de infraestrutura; e, recursos disponíveis na escola entre outros fatores. Os autores destacam que o “[...] trabalho docente tem se revelado como uma

¹ Isso destaca diversas questões de segurança e saúde no trabalho, e tem sido reconhecido nos últimos anos que, para além dos riscos físicos, químicos e biológicos, um conjunto de geradores de estresse relacionados ao trabalho também deve ser considerado, conhecido como Riscos Psicossociais.

atividade intensa e desgastante, com reflexos negativos sobre a saúde e a qualidade de vida dos professores”.

Dejours (1994) realça que no campo psicológico, os agravantes ocorrem, quando os profissionais não conseguem transformar seu trabalho em algo prazeroso e, as adequações às necessidades psíquicas e fisiológicas ficam comprometidas, gerando doenças psicossomáticas. Os riscos psicossociais na profissão de professor, para Santos *et. al.* (2012), são originados por exigências ergonômicas, exigência vocal e/ou postural, quantidade de aulas lecionadas, salas inadequadas, trabalho repetitivo, ruído em sala de aula e mau relacionamento com os alunos, originando a presença de sintomas osteomusculares e, lesões por esforços repetitivos. Para o autor, os riscos biológicos, tais como: vírus, bactérias, parasitas, protozoários, fungos (...), que causam doenças biológicas provocadas por micro-organismos podem estar presentes no ambiente escolar ou contraído no ambiente externo à sala de aula.

Santos *et.al.*, (2012) expõem os problemas relacionados a saúde mental dos professores envolvem: estresse, síndrome de *burnout*, ansiedade, depressão e, insônia entre outros, os quais são fatores causadores de mal-estar, oriundos de seu trabalho e, outras doenças crônicas relacionadas, as quais integram entre si e, podem agravar outras como doenças cardíacas e circulatórias.

O adoecimento é considerado um fenômeno social do mundo ocidental, desencadeado por fatores como a “desvalorização profissional, exigências da atividade laboral, a violência e, a indisciplina, entre outros fatores”, os quais corroboram como desgaste emocional e, maculam a identidade profissional, a ponto de muitos professores questionarem sua opção profissional pela docência. “Desse modo, os docentes passam a manifestar sentimentos negativos e intensos como a angústia, a alienação, a ansiedade e a desmotivação”. (SILVA; BARROS, 2013, p.7).

Santos *et.al.* (2012) expõem outros agravantes que interferem no desenvolvimento profissional, como: hábitos alimentares inadequados; tabagismo; consumo de bebidas alcoólicas, inatividade física, estilo de vida, excesso de peso e, pressão arterial elevada, as quais colaboram para o agravamento da saúde dos professores, profissionais fundamentais para a vida de todos, constituindo-se, por isso, de uma classe caracterizada diferentemente dos demais trabalhadores, posto que, ao longo do tempo, venham perdendo prestígio e reconhecimento e, veem seu local de trabalho cada vez menos gratificante.

O professor necessita, muitas vezes, atualizar-se constantemente, e arca com os custos de sua própria re-capacitação; são, via de regra, tratados de maneira exclusiva, perante a complexidade social atribuída ao cargo, o que injuria seu desgaste físico e psicológico, ambos agravado pela extensa rotina escolar. No que refere o entendimento das condições de saúde do professor, enquanto um trabalhador, Nogueira e Marin (2011, p.25) destacam que nessa condição: “o homem, no sistema capitalista, iguala-se à mercadoria defeituosa, já que não pode ser colocada à venda em troca do salário, relação fundamental para a garantia de sua sobrevivência”.

O trabalho dos professores é compreendido como uma atividade repetitiva, composta de diversas tarefas e submetida a intenso ritmo de trabalho, interferindo em seu lazer, o que propicia seu adoecimento. O sentido do trabalho depende também do sentido que o próprio trabalhador dá a ele quando o realiza e, se não estiver satisfeito com o que realiza, acaba por ter sua autoestima afetada, o que o se faz motivo de sofrimentos que levam ao adoecimento (SILVA; BARROS, 2013).

Gálvez *et.al.* (2018, p.2)² destacam que o trabalho é fonte de realização, no entanto existem múltiplos fatores de riscos biopsicossociais que podem gerar adoecimento:

“Work has been analyzed as a generator of personal fulfillment, social growth, identity, and as a determining factor in the way people improve their quality of life, however the workplace presents multiple risk factors for the biopsychosocial health of workers which generate disabilities, absenteeism and even chronic disease”.

Os professores passam a maior parte do seu tempo nas escolas, ou desempenhando outras funções relacionadas à educação, trocando muitas vezes, o lazer e a própria família pelo trabalho. Carlotto e Câmara (2017, p.449) destacam que: “embora tenha um componente de produtividade controlada como outras profissões, suas atividades se diferenciam pelo caráter de auto-organização e pela alta motivação intrínseca”.

Além disso, o professor vem perdendo a autonomia sobre suas tarefas, quando é controlado nas suas atividades, quando trabalha sob forte pressão, com pouco reconhecimento, recompensas profissionais e possibilidades de promoção lentas e limitadas, tendo que atender este aumento de demanda com recursos materiais insuficientes e pouco apoio social (CARLOTTO; CÂMARA, 2017, p.449).

²O trabalho tem sido analisado como gerador de realização pessoal, crescimento social, identidade, e como fator determinante, na forma como as pessoas melhoram sua qualidade de vida, porém o ambiente de trabalho apresenta múltiplos fatores de risco, para a saúde biopsicossocial dos trabalhadores, que geram deficiência, absenteísmo e até doenças crônicas.

Essa tese de Doutorado adquire relevância social e científica, por se dedicar a identificar meios, que possibilitem refletir sobre a problemática apresentada, ao identificar os riscos biopsicossociais laborais de professores, da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. A relevância social se constitui em proposição, para identificar e analisar os fatores de riscos no trabalho de professores e, as possibilidades e limites de resistência a esse processo.

Acrescente-se a isso o fato de não existirem em Santa Catarina, registros de estudos nesta dimensão. Desta forma, os resultados desta pesquisa contribuirão na busca de ações que minimizem os agravantes e, proporcionarão aos profissionais da educação melhores condições de trabalho e de vida. No que diz respeito à relevância científica, esse estudo colaborou com o aumento de conhecimento sobre o trabalho do professor e, os riscos que lhe possa gerar adoecimento, bem como clareou os processos de adoecimento a ele relacionados. Diante dos agravantes de riscos psicossociais à saúde destes profissionais, surgiu o seguinte questionamento, o qual servirá como questão norteadora da pesquisa: **Quais são os riscos biopsicossociais laborais de professores da rede estadual de ensino de Santa Catarina.**

1.1 JUSTIFICATIVA

O agravante dos riscos biopsicossociais dos professores pode ser observado em outros estudos científicos no Brasil, em relatos de casos de adoecimento de professores, noticiados em revistas, jornais e na televisão. A quantidade e a gravidade do impacto dos fatores de riscos psicossociais, quando expostos por um longo período de tempo, podem conduzir ao adoecimento dos profissionais, resultando em comportamentos disfuncionais e, comprometendo o desempenho, bem como a qualidade da atividade dos professores.

Um dos resultados identificados como consequência, é o pensamento em abandonar a profissão. O trabalho dos professores em condições não favoráveis faz com que: “gradualmente se desenvolva sentimentos de inadequação, no desempenho de suas tarefas e, a incapacidade de lidar com os estressores, gerando sentimentos de exaustão emocional”. (CARLOTTO; CÂMARA, 2017, p.449).

Devido à globalização e a revolução tecnológica, são necessárias reformas educacionais, que resultem em modificações hodiernas e profícuas, de forma significativa

em sua estrutura, que resultem na valorização social da atividade do professor: “Houve um aumento de responsabilidades sem a oferta de suporte e condições laborais apropriadas a essas novas demandas, favorecendo o desgaste biopsíquico do educador”. (MORENO *et. al.* 2016, p. 05).

O ambiente pode causar riscos psicossociais: existem questões sociais, econômicas, políticas, culturais, étnico-raciais, psicológicas e comportamentais, implicadas em gerar fatores de riscos para os professores. Importante destacar que “o ambiente nunca é exatamente o mesmo para duas pessoas, pois suas diferenças de constituição biopsicossocial fazem-nas sentir de maneira mais ou menos distinta a influência desse ambiente”. (FROMM, 1970, p.60).

Os gestores, governantes, e toda a sociedade, podem colaborar com a diminuição das fontes de riscos psicossociais, ao reconhecer os agravantes à saúde do professor em sua profissão e, identificar os motivos que levam a se incapacitarem para o trabalho.

Quando os professores recebem “apoio social” de seus supervisores e de colegas, para enfrentar as dificuldades no trabalho, isso ajuda a minimizar o sofrimento emocional e aumentar a sua autoestima, implicando em uma melhora de suas habilidades em lidar de forma eficaz, com os problemas cotidianos do trabalho. Essa melhora na forma de resolver os problemas relacionados ao estresse, possibilita o alcance das metas e, o sentimento de realização profissional. (CARLOTTO; CÂMARA, 2017, p.452).

O trabalho sempre foi pioneiro, em articular a análise das relações humanas no desenvolvimento social, sempre sob a máxima de “*dignificatus corporis labor est*”³, como descrito na primeira Epístola a Tímóteo 5.18: “O operário é digno do seu salário” (*in* Luc 10.7). Fato notório é que o trabalho não ocorre em sua plena excelência, muito pelo contrário; o trabalho nem sempre edifica o homem, pois fatores de risco estão presentes e, podem afetar a sua dignidade.

Durante a Inquisição e também no Medievo, o trabalho era relacionado ao sentimento de tortura e sofrimento. O vocábulo trabalho deriva do latim “*Tripalium*”⁴, formado pela junção dos elementos *tri*, que significa “três”, e *palum*, que quer dizer “madeira”; termo utilizado para designar um instrumento romano de tortura, no qual eram supliciados os escravos; um artefato feito de três paus aguçados, utilizado por agricultores, composto de três paus aguçados, munidos de pontas de ferro, usado para esfiapar o trigo, o

³ O trabalho dignifica o homem.

⁴ TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Ed. Gráficos Reunidos. 2ª ed. Portugal, Pôrto:1942.

milho e, o linho. Portanto, originalmente, "trabalhar" significava “ser torturado⁵”. (TOMAZI, 2014).

Isso explica pelo menos em parte, porque os escravos não tinham direito, eram tratados como ferramentas de trabalho e não seres humanos, posto submetidos à violência e a maus-tratos de seus senhores. Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) pontua que: “o homem nasceu e, a história começou com a primeira luta, que teve como consequência o surgimento de um Senhor e um Servo. A história não é nada mais do que a evolução desta relação entre senhores e escravos”. (in DEÂNGELI; WIMMER, 2014, p.45).

Sobre a escravidão na Sociedade Grega, Arendt (in Tomazi, 2014, p. 54), expõem que os gregos utilizavam os termos *labor*, *poiesis* e *práxis* para expressar suas três concepções para a ideia de trabalho.

- a) O **labor** é o esforço físico voltado para a sobrevivência do corpo, sendo, portanto, uma atividade passiva e submissa ao ritmo da natureza. O exemplo mais claro dessa atividade é o cultivo da terra, pois depende de forças que o ser humano não pode controlar como o clima e as estações.
- b) A **Poiesis** corresponde ao fazer, ao ato de fabricar, de criar algum produto mediante o uso de um instrumento ou mesmo das próprias mãos. O produto desse trabalho muitas vezes subsiste à vida de quem o fabrica, tem um tempo de permanência maior que o de seu produtor. O trabalho do artesão ou do escultor se enquadraria nessa concepção.
- c) A **práxis** é a atividade que tem a palavra como principal instrumento, isto é, utiliza o discurso como um meio para encontrar soluções voltadas para o bem-estar dos cidadãos. É o espaço da política, da vida pública.

A partir do século III, com o fim das guerras, o desenvolvimento de equipamentos técnicos e, o aparecimento da propriedade privada gradualmente levou ao desaparecimento da escravidão, fazendo surgir o sistema de colonato. Muitos proprietários de terra, sem escravos para trabalhar, implantaram o sistema de colonato, onde cediam partes de suas terras para trabalhadores pobres, ou em alguns casos escravos dos campos e das cidades que eram transformados em colonos. (TOMAZI, 2014).

Para Manfred (1981, p.108): “Os séculos IV, V e VI foram marcados pelo desaparecimento gradual da sociedade que praticava a escravatura e pelo desenvolvimento gradual, mas persistente, das relações feudais em Bizâncio”. Em troca do lote de terras e da proteção do proprietário, os colonos deveriam ceder parte de sua produção agrícola. Os colonos se endividaram com os proprietários de terra e, para sobrevivência das famílias,

⁵VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introducción AL Latín Vulgar*. Trad. de Sánchez Pacheco. Ed. Gredos, Madrid: 1968.

permaneciam trabalhando como servos, dando origem a uma nova divisão de classes: ricos e pobres e, um novo regime de trabalho: a servidão.

A servidão foi uma das características das sociedades feudais, onde os servos não gozavam da plena liberdade, mas também não eram escravos: “O desaparecimento gradual da igualdade inerente às primitivas comunas iria inevitavelmente levar a alterações na sociedade bárbara, transformando-a sociedade feudal”. (MANFRED, 1981, p.124).

Depois de pousarem as espadas, os bárbaros agarram em arados e começaram a tratar os sobreviventes romanos como companheiros e amigos. Entre os romanos é mesmo possível encontrar alguns que preferem viver pobremente com os bárbaros, mas em liberdade, do que sob o domínio romano pagando pesados impostos. (MANFRED, 1981, p.118).

Os grandes proprietários de terra, os Senhores Feudais forçaram os outros, escravos, camponeses e, artífices a trabalhar em total submissão. Além de dividir parte de sua produção com o senhor feudal, deveriam pagar impostos e outras obrigações ao Clero e à Monarquia. Tomazi (2014) destaca que além de os servos trabalhavam na terra, eram obrigados a construir, manter pontes e estradas, obrigação a que se chamava corveia.

Outra obrigação era da talha, uma taxa que se pagava por tudo que era produzido na terra, e atingia todos os servos. E por último, as banalidades, taxas cobradas por uso do moinho, do forno, dos tonéis de cerveja, pagando taxas para tudo, simplesmente por residirem nas terras dos senhores feudais. O servo era obrigado não só a alimentar a família e os criados do senhor, mas também a vesti-los e calçá-los: “A todas estas obrigações e presentes se dava o nome de renda livre e, eram entregues em troca do direito a cultivar as terras do senhor, que este punha à disposição dos camponeses, ou vilões, como se vieram a chamar”. (MANFRED, 1981, p.162).

Essa configuração social remete a Fromm (1970), para quem a razão é a bênção do homem, mas também é a sua maldição, o homem é o único animal que pode se aborrecer, que pode ficar descontente, o homem produz coisas e, ao fazê-lo exerce seus poderes sobre a matéria e, poder sobre outro homem, mesmo em situação de liberdade reduzida: “o homem ingressou numa nova era de história evolutiva, uma era em que a mudança rápida é uma consequência dominante”. (FROMM, 1976, p.13).

Manfred (1981, p.166) expõe que a classe dominante feudal, era composta de uma complexa pirâmide hierárquica de poder; “no vértice, estava o rei, mais abaixo vinham os senhores com título (tais como duques, condes, abades de mosteiros importantes), depois vinham os barões e, por fim, os simples cavaleiros”. Desta forma todos os integrantes da

pirâmide possuíam os mesmos interesses: explorar o povo trabalhador, uma relação de poder e de dominação.

Foucault (1986, p.19) destaca que o poder é produtor de individualidades, o indivíduo é uma produção do poder e do saber. Essa genealogia de poder disciplinar na visão do autor: “atua sobre uma massa confusa, desordenada e desordeira, o esquadrinhamento disciplinar faz nascer uma multiplicidade ordenada no seio da qual o indivíduo emerge como alvo de poder”.

A história de todas as sociedades até o presente, segundo Marx e Engels (1998, p. 01) é a história das lutas de classes: “Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor feudal e servo, membro de corporação e oficial-artesão, em síntese, opressores e oprimidos estiveram em constante oposição uns aos outros”. As corporações de ofício reuniam os comerciantes e artesãos que se envolviam na fabricação e venda de um mesmo tipo de produto.

Manfred (1981, p.166) destaca que a luta de classes surgiu na era feudal, algumas vezes de forma obscura, outras vezes declarada. “Os servos ainda continuavam a protestar, cumprindo de má vontade os seus deveres para com os senhores, ou se recusando a cumprir novos deveres e, algumas vezes recorrendo à revolta aberta contra a classe exploradora”. A Revolução Francesa aboliu a propriedade feudal em benefício da burguesia.

Na Roma antiga temos patricios, cavaleiros, plebeus, escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassalos, membros de corporação, oficiais-artesãos, servos, e ainda, em quase cada uma dessas classes, novas gradações particulares. A nossa época, a época da burguesia, caracteriza-se, contudo, pelo fato de ter simplificado os antagonismos de classes. “A sociedade toda se cinde mais e mais, em dois grandes campos inimigos, em duas grandes classes diretamente confrontadas: burguesia e proletariado”. (MARX; ENGELS, 1998, p. 02).

No hodierno, o trabalho é fundamental para a existência humana: “Os trabalhadores sentem estresse quando as exigências do seu trabalho são excessivas, superando a sua capacidade de lhes fazer face” (EU-OSHA, 2019, p.02). O sentido atribuído ao trabalho depende ainda do significado que o próprio trabalhador lhe dá ao realizá-lo e, se não tiver o que realizar não terá o que avaliar, quando então sofre e adoece. Para Silva e Barros (2013, p.05), “o trabalho não é só um modo de ganhar a própria vida; é um *status* social ao qual se associam às vezes, uma roupa específica, um vocabulário particular”.

A justificativa para a escolha do tema está relacionada à formação da pesquisadora em Psicologia, Sociologia, Filosofia e Biologia e, ao fato de atuar como professora na Secretaria Estadual de Educação do estado de Santa Catarina; dessa atividade docente, em diferentes escolas, identificou, empiricamente, o descontentamento e o adoecimento de professores, em face do impacto de fatores de riscos biopsicossociais, com relatos de sofrimentos e angústias.

No que refere aos professores da Rede Estadual de Santa Catarina, são inexistentes estudos publicados, que apresentem análises de fatores de riscos biopsicossociais, no trabalho de professores. A abordagem interdisciplinar desta tese contribuirá para a área das Ciências Ambientais, ao tomar como objeto de estudo basal, a realidade do meio ambiente escolar, do qual ainda existe muito a ser pesquisado e elucidado.

Esse estudo visa, também, contribuir para o desenvolvimento da administração das Escolas Públicas e privadas ao utilizar os instrumentos: Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), o questionário sociodemográfico e ocupacional dos professores, que serviram de banco de dados para esta tese. Ao professor, por desempenhar uma função de altíssima relevância à sociedade, lhe é atribuída uma série de responsabilidades sobre o aluno, visando este se tornar um cidadão pleno e íntegro, por isso esse profissional da educação necessita de condições dignas de trabalho, a fim de enfrentar os riscos psicossociais ao qual está submetido.

Para responder à questão norteadora e aos objetivos planejados a discussão dos dados encontra-se expostos em 4 seções: na primeira seção é exposto a caracterização e descrição dos dados sociodemográficos dos participantes. Na seção seguinte encontra-se a descrição dos dados obtidos, através do questionário que trata do ambiente ocupacional dos professores considerando os riscos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos. Em seguida é apresentada a seção dos dados coletados a partir do ITRA e, na última seção é apresentada uma síntese dos dados expondo ações que podem minimizar os riscos à saúde dos professores.

1.2 HIPÓTESES DA PESQUISA

As hipóteses de partida desta pesquisa são:

a) Fatores de riscos biopsicossociais, associados ao trabalho do professor, os quais são passíveis de originar adoecimento dos professores.

b) Fatores de riscos biopsicossociais associados ao trabalho do professor, que não originam adoecimento dos professores!

c) Fatores biopsicossociais que podem predispor ao risco de adoecimento e sofrimento dos professores.

d) Fatores de riscos biopsicossociais que não predisõem professores ao risco de adoecimento e sofrimento!

e) Fatores de riscos internos e externos ao ambiente de trabalho dos professores que podem originar adoecimento e afastamento

2 OBJETIVOS

Analisar os riscos biopsicossociais laborais dos professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.

- a) Descrever o perfil sociodemográfico dos professores;
- b) Identificar os riscos biopsicossociais presentes no trabalho de professores.
- c) Descrever os dados obtidos com as Escalas do Inventário de Trabalho e riscos de Doecimento (ITRA);
- d) Identificar fatores de riscos biológicos, químicos, físicos e ergonômicos internos e externos ao ambiente de trabalho dos professores;
- e) Expor a importância melhorias no contexto laboral dos professores, para Promoção da qualidade de vida deles.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A revisão da literatura nessa tese de Doutorado edifica-se em teorias sobre os fenômenos biopsicossociais decorrentes do trabalho, tanto quanto sobre os episódios que se lhes dão origem. As informações apresentadas no decorrer do texto refletem conceitos analisados e, demais elementos constitutivos da pesquisa, os quais servem de fundamentação e de base para a análise, na interpretação dos dados coletados.

3.1 A NATUREZA DO HOMO SOCIALIS⁶ E SUA RELAÇÃO COM O AMBIENTE, CULTURA E TRABALHO

As Cidades-estados surgiram, enquanto uma Sociedade singular, fundamentada em espaços públicos, constituídos de um conjunto de normas. Essas delimitavam as interações entre os indivíduos, construindo uma identidade cultural comum e participativa. Segundo Ernesto Faria (1967, p.927), o vocábulo latino *societatis*, refere principalmente uma associação, uma aliança, uma união política, ou seja, um grupo de indivíduos se relacionando na busca de objetivos comuns, compartilhados pelos membros da sociedade, uma busca partilhada pelo bem comum, através de um grupo soberano de indivíduos interligados que se relacionam independente de forças externas.

Em uma primeira aproximação, encontramos um claro ponto de inflexão, no qual é possível ver objetivos sociais comuns e, compartilhados a partir de Sócrates (469 – 399), que observou a inscrição ΓΝΩΘΙ ΣΕΑΥΤΟΝ, constante do Pronaús do templo de Delfos, local onde estava o Templo de Apolo e, onde se localizava o Oráculo de Atenas. Essa admoestação, constante em Sócrates, implicava o conhecido “Conhece-te a ti mesmo”. (CHAUÍ, 2002).

Quierofonte, amigo de Sócrates, perguntou a pitonisa do templo, se existiria alguém mais sábio que Sócrates e, foi informado que ele seria, realmente, o homem mais sábio da Grécia, porquanto o próprio filósofo não se julgasse dessa forma, apenas seria um homem inteligente. Sócrates perambulava por Atenas, perguntando às pessoas que se consideravam sábias, se conheciam aquilo que pregavam e, o tema girava em torno, principalmente da

⁶Conceito apresentado por TUAN, 1983 descrito por RIBEIRO, CAVASSAN, 2013.

moral em seus múltiplos aspectos, assuntos como a coragem, a virtude, a devoção e semelhantes e, só recebia o nome de pessoas predicadas com essas qualidades, quando então Sócrates refutava seus interlocutores e, perguntava o que seriam as coisas propriamente, como, por exemplo, o que seria a coragem?. (CHAUI, 2002).

Sócrates consagra sua filosofia envolvendo o *Homo Socialis*, à ideia de conhecimento de si próprio, na busca investigativa dos “por quês”, ou “do que” seriam realmente as coisas em si e, assim inaugura seu *modus genus vivendi*, conceito que passou por diversas mudanças ao longo da história posterior. A partir de Sócrates é permitido entender que ser no mundo implica necessariamente requisitar a consciência de si, em meio aos outros que nos circunda; saiba quem és antes de avaliar a sociedade de seu entorno, saiba quem és para que possa viver em harmonia com os outros.

Para Oliver Taplin (1990) o “Conhece-te a ti mesmo do templo de Delfos, à época de Freud, implicava primeiro a busca do eu real, a busca das nossas motivações mais profundas”. Já ao final do século XX, a admoestação passou a significar também: “sabe de onde vens, uma vez que o passado não pode ser destruído e, deve ser conhecido”. Assim como Freud pensava que a infância deveria ser estudada, antes de se tentar compreender o adulto, talvez fosse necessário olhar para as raízes da humanidade, contando que a antiga preocupação socrática, tenha sido historicamente alterada em muito, passando a comportar leituras diversas e, com diferentes significados conforme as épocas referenciadas, não obstante ainda continuar a manter seu significado primevo.

Aristóteles destaca que o homem seria por natureza um animal político, portanto, necessitaria viver em uma polis, entre outros homens, em uma sociedade conduzida por leis e costumes. Aristóteles considerava que a sociedade seria o *locus* adequado onde o homem daria expressão a todo o seu potencial, dentro de um contexto social, no qual viveria na virtude refletindo o bem mais elevado, a eudaimonia, por vezes traduzida como felicidade. A Eudaimonia refere-se a uma concepção ética da Antiguidade, a qual visa alcançar a felicidade como um fim moral.

Para Aristóteles, a felicidade é o bem maior desejado pelo ser humano e, por isso, suas ações serão em direção a esse fim. Para alcançar a felicidade, o ser humano precisa pautar suas ações na prática de ações virtuosas: “A felicidade é, pois, a atualização das potências da alma humana de acordo com sua excelência mais completa, a racionalidade!” (CHAUI, 2002. p. 328-486).

A ética de Aristóteles reflete determinadas virtudes como a coragem e generosidade, as quais ele descreve como virtudes “práticas”, pois se referem à natureza histórica e social do homem. Para Aristóteles, a felicidade suprema reside na busca da sabedoria para seu próprio bem, como afirmado em sua *Ética a Nicômaco*. As escolhas históricas de uma sociedade, expressão da espontaneidade humana, sugerem que os homens inventaram soluções múltiplas para problemas de locomoção, de moradia, de alimentação, de vestuário e, igualmente, descobriram soluções diversas no domínio das relações consigo mesmo e, com os outros. (RIBEIRO; CAVASSAN, 2013).

Benedict (1972) destaca que na comparação do *Homo Socialis* com os demais seres vivos, se verifica que o comportamento humano, linguagem, convivência, inteligência, razão, e sobrevivência são diferentes e, as nossas ações são decorrentes do processo de interação com o meio, em uma aprendizagem contínua, enquanto outros seres vivos agem de acordo com seu instinto. Existem diversas formas de aprender em diferentes idades, diante de características próprias de cada idade, mas existe sempre alguém para ensinar, um professor. (FREIRE, 2001).

Segundo Malson (1967) o *Homo Socialis* aprende, questiona, faz uso da razão, gesticula, pensa, age de acordo com seus pensamentos, mas também é influenciado pelo meio social, por sua cultura. Malson (1967, p. 26) cita que a educação modifica a personalidade de base, a inteligência e as características étnica: “o homem recebe do meio, em primeiro lugar a definição do bem e do mal, do confortável e do desconfortável”.

Arendt (2001) expõe que a imagem que o indivíduo concebe de si próprio, integra à sua cultura, afeta os acontecimentos corporais num sentido, que não lhes pode atribuir quando considerado isoladamente; somos seres sociais. A imagem que o *Homo Socialis* faz de si próprio ante os meios de se realizar, situam-se em seu contato com o ambiente que o cerca, orientando-o através da educação de seu meio, para estados ou impulsos corporais, que lhe dão significados e sentido. Nesse sentido, merece destaque a obra de Comenius (2006), em seus estudos relata um método universal de ensinar tudo a todos, pontua que embora o homem engatinhasse (em sentido figurado), já era dotado de todas as aptidões para sair da primitividade, com auxílio da cultura.

O homem recebe do seu meio cultural, um modo de ver e pensar e, da cultura absorve as atitudes afetivas típicas de um determinado estilo de vida, o fenômeno da cultura condicionando a visão de mundo do homem, fundamenta-se em Benedict (1972): “[...] que a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de

culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas”. (LARAIA, 2001, p.35).

A herança cultural de cada sociedade é desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionando a reagir depreciativamente, em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. “Não é possível depender inteiramente, do que cada geração diz de seus próprios hábitos de pensamento e ação”. (BENEDICT, 1972, p.19).

Sobre a cultura e a natureza, Tuan (*in* RIBEIRO; CAVASSAN, 2013, p. 13) afirma que: “a cultura é a natureza da experiência histórica do Homo Socialis e, têm grande influência na interpretação, que este tem de seu meio ambiente, através de relações que com ele estabelece”. Daí a possibilidade de ver a sociedade como intrínseca à Natureza Humana. Malson (1967, p. 35) questiona se essa pertença realmente existe: “[...], no entanto, é inegável que o homem em sociedade, atualiza possibilidades que os distinguem incontestavelmente dos outros animais”.

A criança recebe como hereditariedade da espécie, a vocação do intelecto e, ao mesmo tempo se faz capaz de reconhecer o seu semelhante; típica descrição do homem em sociedade, uma capacidade de pensar e de admitir que o *alter ego* repouse no ambiente cultural; assim segundo Malson (1967) “o que existe é uma constante do humano social; não há natureza humana, que deveria ser pré-social, tal como as naturezas animais”.

Para Fromm (1970, p.27) a natureza do homem seria como um reflexo de suas normas. O autor destaca que a ética auxilia na construção de normas para a sociedade: “[...] para atingir a excelência na interpretação da arte de viver, seus princípios mais gerais devem fluir da natureza da vida em geral e da existência humana em particular”. Deste modo, a natureza de toda vida, consiste em preservar e afirmar sua própria existência.

Naturalmente, os animais, mesmo longe de sua família animária, possuem instintos de sobrevivência específicos, diferentes evidentemente dos Seres Humanos. Lévi-Strauss (2009), ao introduzir a oposição entre natureza e cultura, destaca que não se podem manifestar no homem, instintos de sobrevivência tal como nos animais, porque nestes não existe o comportamento natural da espécie animal.

Malson (1967, p.40) expõe que: “O homem sem a sociedade dos homens não será mais do que um monstro, porque não existe estado pré-cultural que, nessas circunstâncias, possa reaparecer por regressão”. Portanto é necessária a socialização do homem, onde a atmosfera educativa contribua com sua evolução. Em nossa cultura ocidental, desde o

surgimento dos sofistas, surgiu a figura do professor como uma profissão institucionalizada de Professor. (LÉVI-STRAUS, *in* MALSON, 1967, p.40).

Marques e Tabaji (1998) destacam que o homem se define na e, com a sociedade; não é a sociedade que faz o homem, não obstante o homem escolhe o seu caminho, a partir daquilo que a sociedade lhe dispõe. Sartre (1987), ao conceber a existência como princípio, estabeleceu o existencialismo, apregoando o fato de que se o homem não se definir, ele nada será; somente após sua autodefinição social é que ele será algo, tal como a si próprio se fizer; essa é a liberdade que o homem tem de construir a si próprio.

O homem é, não apenas como se concebe, mas o como quer ser, concebe-se, depois da percepção de sua existência e, como se deseja após este impulso para a existência; portanto, o homem não é mais que aquilo que faz de si (PIRES, 2005). Se o homem não se buscar, será apenas aquilo que dele fizeram e, ao ser educado pelos seus semelhantes, assumirá os hábitos e, as necessidades e verdades que lhes são incutidas, portanto, suas ideias não lhe pertencem, vive mais da imitação que da influência de seu próprio pensamento e, de seu julgamento de valores. (MALSON, 1967).

Ribeiro e Cavassan (2013, p.14) destacam que as relações que o *Homo Socialis* estabelece são: “em parte, definidas por processos de maturação do organismo individual pertencentes à espécie, mas ao mesmo tempo influenciados pelo contato do indivíduo com um determinado contexto cultural”. Para os autores, isso se refere ao fato de que a relação humana com o meio ambiente, deve ser vista por meio de uma perspectiva não somente social, mas também ecológica e temporal.

Ribeiro e Cavassan (2013, p.16) pontuam que: “Defendemos que a atribuição de significados e valores aos elementos do meio ambiente, deve-se a três condições: à cultura, às características biológicas humanas e, às experiências do *Homo Socialis*”. Na esfera humana, a noção de meio ambiente adquire outro sentido, pois o *Homo sapiens* evoluiu para o *Homo sapiens sapiens*, o homem que sabe que sabe e, este tem conhecimento que o meio ambiente é passível de mudanças convenientes às condições que lhe são impostas. (RIBEIRO; CAVASSAN, 2013).

O homem no mundo antigo vivia como um caçador-coletor e, evoluiu para um modo de vida mais sedentário, o que ocorreu há cerca de 10 mil anos, causado pela domesticação de animais, cultivo de plantas, construção de casas e formação de cidades. O homem, no mundo medieval, vivia e sobrevivia sob o domínio da crença em Deus e,

subordinado às entidades sobrenaturais, quando o viver do homem estava embebido de aspectos religiosos. (GALLI, 2011).

Esse período é denominado Teocêntrico, ou seja, Deus era o centro de todas as explicações, o centro do mundo e cabia ao homem somente submeter-se e obedecer à vontade divina, representada pelo Papa e pelo Rei. O homem passou a ser o centro do universo no período do Renascimento, movimento que teve sua origem em algumas cidades italianas e atingiu, sobretudo, as camadas urbanas da Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVI, com o surgimento do Humanismo (valorização do homem), que foi o fundamento do Renascimento. O Humanismo deixava de lado a visão religiosa, predominante até então. (MONTEIRO, 2007).

Outro movimento importante foi o Iluminismo, no início do século XVII, movimento que buscou usar a razão, para explicar os fenômenos sociais. O triunfo da razão possibilitou o entendimento, de que o mundo seria construído pela vontade humana, podendo ser questionado e, principalmente, modificado. O período moderno, fruto do mundo capitalista, globalizado, cria e recria formas de viver, de tal modo que o homem moderno se sente inquieto e cada vez mais perplexo. Ele labuta e lida, mas tem uma vaga consciência da dificuldade de seus esforços, cresce seu poder sobre o ter, mas se sente impotente em sua vida individual em sociedade. (FROMM, 1970, p. 14).

Nesse interstício, surgiram diferentes modificações na definição do homem, no sentido de *Anthropos*, tais como: a alteração no sistema familiar patriarcal e de gênero; mutações nas profissões pré-determinadas, pois hoje não existe trabalho somente de homem ou de mulher, ambos podem trabalhar na profissão que almejar em face de mudanças tecnologias que facilitam a vida diária, para o bem ou para o mal, bem como a livre expressão da fé, pois é possível escolher a religião, escolher ter ou não filhos, entre outros. (CASAGRANDE; AMORIM, 2011).

Arendt (2001, p.109) destaca que a natureza é o movimento cíclico que ela imprime, é à força de todas as coisas vivas, a qual o homem compartilha com os outros seres que se conservam neste movimento. É somente no mundo humano que o movimento cíclico da natureza se manifesta como crescimento e, como declínio, vida e morte: “(...) somente quando consideramos os produtos da natureza [...] como coisas individuais, retirando-os, com isso, do seu ambiente natural e, colocando-os em nosso mundo, é que eles começam a ter crescimento e declínio”. Dito de outra forma, a natureza se manifesta

na existência humana e, com este movimento as funções corporais se fazem presente no mundo criado pelo homem, através do trabalho.

A tríade ambiente-homem-natureza abrange todos os domínios do conhecimento, fazendo-se o cenário ideal para se entender a relação de corpos com o mundo vivido. Onde o corpo é o lugar da experiência da relação homem-mundo; nesse sentido o ambiente pode se alojar e, ressignificar primeiro a relação do homem consigo mesmo, para depois se estender ao mundo vivido. (MERLEAU-PONTY, 1999).

Conhecemos, pois, nossas forças; somos algo e não tudo; o que temos que ser priva-nos do conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada; e o pouco que somos nos impede a visão do infinito. Nossa inteligência, entre as coisas inteligíveis, ocupa o mesmo lugar que o nosso corpo na magnitude da natureza. (PASCAL, 2013, p.03).

No processo biológico do homem, Arendt (2001, p.109) destaca que este movimento (tríade), se encontra ligado a todas as atividades humanas, e não tem início ou fim: “ao contrário do processo de trabalhar, que termina quando o objeto está acabado [...] o processo de labor se move sempre no mesmo círculo prescrito pelo processo biológico do organismo vivo”. O trabalho é uma relação da natureza com o homem. O “*labour*” é a fonte de toda a propriedade (Locke), é a fonte de toda a riqueza (Smith), é a produtividade, é a expressão da própria humanidade (Marx); o labor transmite à natureza algo que é próprio ao homem. (ARENDT, 2001, p.109).

Embora tenha criado maneiras novas e melhores para dominar a natureza, tornou-se enleado em uma teia desses meios e perdeu de vista o fim que lhe dá significado: o próprio homem, embora se tenha tornado senhor da Natureza, converteu-se em escravo da máquina construída por suas próprias mãos (FROMM, 1970, p. 14).

O corpo enquanto única morada do ser e, seu primeiro contato sensível com o mundo, constitui o meio onde ele vai habitar até seu fenecimento. Essa constatação hipotética pode ser suficiente para entender que todo conhecimento, quer teórico quer prático, transpassa cada corpo em suas extensões vividas, de forma objetiva e subjetiva. (HEIDEGGER, 1995).

Segundo Pascal (2013):

A primeira coisa que se oferece ao homem ao se contemplar a si próprio, é seu corpo, isto é, certa parcela de matéria que lhe é peculiar. Mas, para compreender o que ela representa e fixá-la dentro de seus justos limites, é necessário compará-la a tudo o que se encontra acima ou abaixo dela. Não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestuosidade [...]. Pois como não se admirar de que nosso corpo, antes imperceptível no universo, imperceptível no todo, se torne um

colosso, um mundo, ou melhor, um todo em relação ao nada a que se pode chegar? (PASCAL, 2013, p.01-02).

Creditar ao corpo um lugar basilar de produtividade fundamenta-se no fato de o corpo ser o lugar de transcendência do indivíduo, em sua articulação com o mundo, ao longo de sua experiência de vida. Aqui, a nominação de indivíduo se aplica ao ser concreto, conhecido por meio da experiência, aquele que possui uma unidade de caracteres e, que forma um todo reconhecível. (HEIDEGGER, 1995).

Fromm (1970, p.83) apresenta que a produtividade humana, não é a soma ou combinação de ambas as capacidades, mas algo novo que surge desta interação. “A produtividade é uma maneira particular de relacionamento com o mundo [...] o objeto mais importante da produtividade é decididamente o próprio homem”. As possibilidades de transformação da natureza pelo homem ocorrem pelo trabalho e pelo objeto de trabalho. “É, portanto, o trabalho pela ação transformadora humana, que une homem e natureza, criando a cultura e a história humana”. (RIBEIRO, CAVASSAN, 2013, p.17).

Os *Animalis Hominis*, em sua origem, são fundamentalmente egoístas; se preocupam, a princípio, com si mesmos em todos os aspectos de suas vidas vividas, não obstante o bem-estar coletivo, no que gera à sociedade danos colaterais. O trabalho vem exatamente na contramão dessa postura, por vezes, egoísta, pois reflete uma atividade essencial, para que o homem sobreviva e se desenvolva em seu meio social, onde é símbolo e fonte da dignidade humana (GIACOMELLI, 2017).

Dessa maneira, desde o surgimento do *Homo Sapiens*, o coletivo adquiriu um fundamental espaço entre os humanos, a partir da assunção de premissas sociais, assumidas como parte da felicidade individual, alcançada no convívio coletivo e, ensejou o *Socialis Hominis*, que pôs em cena, o dilema-chave da felicidade individual inserida na felicidade coletiva, a preocupação comigo a partir da preocupação com a coletividade. (RIBEIRO, CAVASSAN, 2013).

O trabalho pode ter estado presente na vida dos seres humanos desde os primórdios, ocupando, dessa forma, toda a história do *homo sapiens* e, nesse sentido, fundamentado em características específicas, interligadas ao contexto histórico de seu momento. (CARDOSO, 2011). É possível imaginar que ao surgir à vida em nosso planeta, só existiria a natureza como habitat e, provedora da matéria necessária à sobrevivência, sujeita à transformação e adaptação às necessidades de sobrevivência. Cole (2017) comenta em seu

estudo, que qualquer interpretação de canibalismo durante o Período Paleolítico, precisa levar em conta outras considerações, como práticas culturais, sociais e religiosas.

Para Rousseau (2008), a princípio, aos homens desse período não se poderia imputar nenhuma falha moral, ou deveres conhecidos de nossa sociedade atual; difícil seria, ainda, estabelecer critérios dessa sociedade primitiva, com relação às qualidades de caráter de seus habitantes, como bons ou maus, posto se nos aparenta apenas uma vida vivida, de puro instinto de sobrevivência. A grande transformação teve início quando os habitantes se aventuraram na busca de alimentos, procurando-os em grupo, com a posterior divisão da colheita e, a aceitação de um abrigo compartilhado, o que lhes garantia a segurança coletiva, tanto como a constituição de novas famílias, através da convivência grupal.

A lei que reinava era a da sobrevivência e, para tanto, o homem deste período utilizaria todos os recursos ao seu alcance, pois o que importava era comer, beber, abrigar, dormir, reproduzir e se defender. Nesta condição, não é possível crer na existência de certo e o errado, justo e injusto, bem e o mal, virtude e o vício, amizade e inimizade, meu e o seu e muito menos o de uso coletivo. Rousseau (2008, p.31) entendeu que: “nessa sociedade primitiva, o ser humano seria incapaz de elaborar qualquer pensamento ou ideia que não fosse para a satisfação das necessidades básicas. Não existiria a menor possibilidade de se cogitar a respeito das três grandes questões humanas: Quem eu sou, minha natureza? De onde vim, minha origem? Para onde vou, meu destino?”

Montesquieu (2000, p. 13-14) denominou este período como o anterior ao “Estado da Natureza”. Os homens no estado de natureza tenderiam ao equilíbrio, ao usar a razão para corrigir intranquilidades, surgindo então o equilíbrio social e não o antigo natural. O Estado em Montesquieu seria formado pelo Pacto Social Simples, ligado à esfera pública e à esfera privada: “Antes de todas estas leis, encontrar-se-ia a lei da natureza, assim chamada porque deriva unicamente da constituição de nosso ser e, para bem conhecê-la, deve-se considerar um homem antes do estabelecimento das sociedades”.

Pode-se dizer que a necessidade gera a sociedade. Em suas relações sociais, em termos gerais, a mudança foi biológica, psicológica e social, tudo influenciado pelo ambiente. Vygotsky (1896- 1934) em seus estudos procura unificar o homem enquanto ser biológico e ser social, isto é, enquanto membro da espécie humana. (RIBEIRO; CAVASSAN, 2013).

Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.), em sua obra *A Política* (1960), denominou a natureza do homem de “*Zoon Politikon*” (Animal Político), um animal racional que fala e pensa, em sua interação necessária na cidade-estado. Para Aristóteles, o homem é um animal capaz de se associar para cumprir fins, determinados em diferentes graus de importância para a vida humana, como por exemplo, na constituição da família.

A concepção de que o homem é um animal político em Aristóteles tem a acepção, de que somos seres que precisamos de uma coletividade, da vida comunitária, de uma vida partilhada na polis; busca na comunidade a sua completude. Para Aristóteles (1960, I, 6,7, 8): “a família é o mais perfeito modo de associação humana, pois nasceu da necessidade de existência, não só para garantir a sobrevivência e, sim para dar aos seus participantes uma vida feliz”.

Voltaire (1973, p. 273) ao abordar o termo “Política” de Aristóteles, na obra “Dicionário Filosófico”⁷, menciona que: “nenhum homem sozinho pode se garantir contra o mal e promover seu próprio bem. Precisa de auxílio. A sociedade é, pois, tão antiga, quanto o mundo [...] somente como gênio se podem inventar todas as artes que promovam em longo prazo certo bem-estar, único objetivo de toda política.”

Norberto Bobbio, em sua obra *O Conceito de Sociedade Civil* (1982), analisa o pensamento político moderno, de Hobbes a Hegel e, caracteriza pela tendência de se encontrar várias interpretações, todas sendo considerado a partir do Estado ou da sociedade política, comparada com o Estado de Natureza ou Sociedade Natural, como o ponto de inflexão peremptório da vida comum e coletiva do processo de racionalização do homem. Para Hegel (1991, p. 220) a sociedade pode ser considerada como o espaço onde os indivíduos procuravam satisfazer suas necessidades: “A sociedade civil é a diferença que se interpõe entre a família e o Estado”.

Para Kant *herrschaft* compreende todos os seres humanos como servos ou escravos. François, Duque de La Rochefoucauld (1613-1680) expõem que o homem necessita do outro para satisfazer seus desejos mais gerais, que envolvem honra, dominação ou bens. Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) destaca que o homem age conduzido apenas por seus interesses egoístas. “O homem, sozinho, não consegue se satisfazer, mas ele também não obedece, forçosamente, a um dever que lhe parece imposto pela comunidade”. (DEÂNGELI; WIMMER, 2014, p.40).

⁷FERRATER MORA, José. **Diccionario de Filosofia**. Editorial Sudamericana. Buenos Aires: 1951.

Para Arendt (2001) existem três atividades humanas fundamentais, o trabalho, a obra e a ação: “O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a vida da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e, ao caráter efêmero do tempo. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos cria a condição para a lembrança, ou seja, para a História”. (ARENDR, 2001, p. 9 e 11).

Para Minghetti (2016), a Renascença Italiana e o movimento humanista, foram os cenários nos quais a tônica do espírito romântico consistia em refutar orientações e preocupações teológicas, ao centrar no projeto construtivo do homem, a exploração de todas as possibilidades de seu existir. Essa vanguarda didascálica foi iluminada pela figura de Giovanni Pico dellaMirandola (1463-1494) e, seu *Oratio.Hominis.Dignitate*, seu contributo ao movimento renascentista, a liberdade do homem em tecer seu destino, que posteriormente se transformaria no berço do Iluminismo, ao fim do século XVIII.

Não te fiz nem celeste nem terrestre, nem mortal nem imortal, para que tu, livremente, tal como um bom pintor ou um hábil escultor, dês acabamento à forma que te é própria, segundo teu desejo e resolução. Você poderá degenerar-se e transformar-se em ser inferior, àquele considerado irracional; mas poderá regenerar-se de acordo com sua decisão, e aproximar-se dos seres superiores que são divinos. (MIRANDOLA, 2016. p.50).

Esta obra se tornou o assento basal da Declaração dos Direitos Humanos da ONU no século passado, com revérberos hodiernamente revestidos de ampla veemência, que inventaram sobre maneira a tradução desta obra: “Todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotadas de razão e consciência e devem agir em relação umas às outras com espírito de fraternidade”. (Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

A consecução do homem por si mesmo, tal como um artista, também se vê na obra de Zilles (2006):

Na arte de viver, o homem é o artista e, ao mesmo tempo, o objeto de sua arte; o lapidador e, simultaneamente, a pedra a ser lapidada. Embora biológica e culturalmente em parte programado, o ser humano sempre também pode decidir por algo ainda não programado. Pressionado pelas circunstâncias que o cercam, haverá sempre mais caminhos que podem ser seguidos. O homem não só pensa, mas também age em relação a si mesmo, em relação aos semelhantes e em relação ao mundo, pois conduz sua vida. (ZILLES, 2006, p. 3).

A partir de todas estas considerações, é possível concluir que a civilização iniciou quando a humanidade atingiu seu estatuto de Sociedade Civil, ao criar normas de

convivência com o objetivo de promover o bem comum. Esse movimento histórico partiu da barbárie, passou pela civilização do passado, para chegar à globalização da garantia da justiça apregoada nos direitos do homem, o trabalho, com a incorporação da paz mundial.

Na visão de Jean-Paul Sartre (1987) pela qual “A existência precede a essência”. Tal concepção implica que o homem primeiramente existe, se descobre no mundo, fala, trabalha, para só depois se definir.

3.2 A HISTÓRIA DO TRABALHO HUMANO NAS DIFERENTES SOCIEDADES

Segundo Hegel (1982), é através do trabalho que o homem é capaz de decodificar a natureza, de modo a aproveitá-la instrumentalmente: “o trabalho, portanto, funciona como uma ação intencional, consciente e reflexiva, capaz de libertar o homem da tirania da natureza”. (CARDOSO, 2011, p.03). Karl Marx (1818-1883) destaca que as características de todas as sociedades seria a divisão do trabalho, dado que os sistemas de produção, no tempo, são dinâmicos e, sempre relacionados ao atendimento das necessidades básicas de vida, principalmente à alimentação e sobrevivência, a partir de instrumentos de trabalho simples e rudimentares, feitos de pedra, madeira e ossos de animais, tal como enfatiza Manfred (1981, p. 6): “o homem usava este instrumento primitivo como meio de defesa ou de ataque e também como instrumento de trabalho”.

O trabalho é a fonte de toda a riqueza de toda a civilização na visão de Hegel (1982). “Na relação do homem com a natureza, o trabalho funciona como elemento mediador, fornecendo o suporte para a formação de uma consciência no homem”. (CARDOSO, 2011, p.03). Manfred (1981, p.6), destaca que o homem primitivo formava agrupamentos, pequenas comunidades, não tinham noção de propriedade ou de laços familiares, o resultado do trabalho era dividido entre todos. Os homens primitivos lutavam por se manterem juntos, pois a vida fora do grupo “era cheia de perigos e estava para além das possibilidades de qualquer indivíduo isolado”.

O homem primitivo utilizava fogo para se proteger do frio e dos animais selvagens e, cozinhar os seus alimentos (até então só conhecia alimentos crus). “A arte de fazer o fogo representou a primeira grande vitória do homem sobre a natureza”. (MANFRED, 1981, p.6).

Estas foram as principais mudanças que se deram na sociedade humana durante o período Paleolítico. O rebanho humano primitivo deixou de existir e surgiu uma nova forma de vida social — *a comunidade do clã*. O princípio base

subjacente a este tipo de estrutura social era o parentesco por linha feminina. Este, por sua vez, explica-se pelo fato de os casamentos de grupo serem prática comum; por isso, as crianças que ignoravam quem eram os pais, sabiam sempre quem eram as mães. **Assim, o parentesco era exclusivamente por linha materna. (g.n.)** (MANFRED, 1981, p.6).

Para Manfred (1981, p.7), a sociedade primitiva era baseada neste sistema matriarcal, onde permaneceram vários milhares de anos e, representou um estágio importante no desenvolvimento da Humanidade: “Foi durante este período que o homem trocou as suas rudes armas de pedra por outras muito superiores, tais como o arco e a flecha, e começou a domesticar animais. O primeiro animal a ser domesticado parece ter sido o cão”.

Foi durante este período que se desenvolveram formas primitivas de cultivo da terra e da criação de animais para o trabalho agrícola. O antropólogo Sahlin (2003) chama essa sociedade de “Sociedade do Lazer e da Abundância”, pois retiravam da natureza tudo que precisavam e dedicavam o mínimo de horas ao trabalho e, muito provavelmente não adoeciam em decorrência do trabalho.

O subsequente desenvolvimento da agricultura e da criação de gado está nitidamente ligado com a transição do parentesco por linha materna para o parentesco por linha paterna. A agricultura e a criação de gado tornaram-se campos de atividade nos quais o homem gradualmente foi substituindo a mulher (...). Como lavrar a terra com arado era um trabalho mais duro, era feito pelos homens com a ajuda de animais de tradição. À mulher coube então uma nova tarefa: dirigir o trabalho doméstico. **(g.n.)** (MANFRED, 1981, p.7).

Manfred (1981, p.8) destaca que as relações de parentesco patriarcal, marcaram um novo estágio no desenvolvimento da sociedade humana. O homem iniciou o processo de produzir mais e, acumular produtos excedentes, iniciando a troca regular de produtos entre agricultores e pastores: “A necessidade de acumular produtos em excesso para troca, deu origem a atitude nova para com os prisioneiros capturados nas guerras intertribais”; disto resultou uma nova forma de trabalho humano, o trabalho escravo, onde as tribos vencidas se tornaram prisioneiras e, eram forçadas a trabalhar para os vencedores.

O trabalho escravo surgiu durante a era patriarcal, quando nasceu à escravatura primitiva ou patriarcal e, as sociedades que mais escravizam em especial as do Egito, Grécia e Roma: “O aparecimento da escravatura foi um dos primeiros sinais da desintegração da comunidade primitiva”, quando o trabalho se tornou penoso e doloroso, um trabalho sofrido, com castigos nos corpos e na alma, causando adoecimento e morte

(MANFRED, 1981, p.11). Sobre castigos físicos, punições, privação de liberdade foram abordados por Foucault (1977, p.16):

O corpo encontra-se aí em posição de instrumento ou de intermediário: qualquer intervenção sobre ele pelo enclausuramento, pelo trabalho obrigatório e, visa privar o indivíduo de sua liberdade, considerada ao mesmo tempo como um direito e como um bem. Segundo essa penalidade, o corpo é colocado num sistema de coação e de privação, de obrigações e de interdições. O sofrimento físico, as dores do corpo não são mais os elementos constitutivos de pena. O castigo passou de uma arte das sensações insuportáveis a uma economia dos direitos suspensos.

Os escravos geralmente eram prisioneiros de guerra, quando eram pegos, ou pessoas que contraíram uma dívida podiam acabar com ela tornando-se escravos. Thomas Hobbes (1588- 1679) em sua obra *Leviatã* faz referência à expressão criada por Plautus (254-184 a.C.), “*Lupus est homo homini lupus*” ou “o homem é o lobo do próprio homem”.

Todorov (*in* DEÂNGELI; WIMMER, 2014, p.24), aponta que “o homem se ocupa dos outros, porque na verdade, ele é um ser puramente egoísta e interessado, para quem os outros homens são apenas rivais e obstáculos”. Kant (1724-1804) relata que a paixão humana central é aquela que conduz o homem a aceder ao poder e, a dominar os outros homens, distinguidos em três modalidades: *ebrsucbt*; *herrsucsucbt*; *habsucbt*: sede de honras, sede de dominação e, sede de bens (cobiça).

Marx e Engels (1998) destacam que a manufatura substitui a técnica dos artesãos, os mestres e aprendizes foram sendo trocados pelo estrato médio industrial. A manufatura continuava a se expandir, já não supria as necessidades, dessa forma surgiu a máquina a vapor, a qual revolucionou a produção industrial. “A grande indústria moderna tomou o lugar da manufatura; o lugar do estrato médio industrial foi tomado pelos milionários industriais, os chefes de exércitos industriais inteiros, os burgueses modernos”. (MARX; ENGELS, 1998, p. 03).

Este por sua vez reagiu sobre a expansão da indústria, e na mesma medida em que indústria, comércio, navegação, estradas de ferro se expandiram, nessa mesma medida a burguesia se desenvolvia, multiplicava seus capitais, empurrava a um segundo plano todas as classes provenientes da Idade Média. (MARX; ENGELS, 1998, p. 03).

A burguesia submeteu o campo ao domínio da cidade, quem vivia na cidade passou a ser considerado superior, pois não trabalhavam na terra. Surgiu um grande êxodo para as cidades, aumentou o número da população urbana, em face da rural, em alta escala, formando vilas, vielas, pobreza, e adoecimento por falta de estrutura e condições nas

cidades, o campo dependia da cidade. Nesse contexto, também houve o desenvolvimento da indústria conhecida como Revolução Industrial.

Após os processos de industrialização, surgiu outro modelo de trabalho assalariado, a maquinofatura: “o espaço de trabalho, definitivamente, passou a ser a fábrica, pois era lá que estavam as máquinas que comandavam o processo de produção” (TOMAZI, 2014, p.54). Surgiu neste período o modelo de produção industrial denominada: o fordismo (Henry Ford⁸, 1863-1947) e, o Taylorismo (Frederick W. Taylor⁹, 1856-1915), formas de organização da produção industrial que revolucionaram o trabalho fabril no século XX.

(...) as expressões *fordismo* e *taylorismo* passaram a ser usadas para identificar um mesmo processo: aumento de produtividade com o uso mais adequado possível de horas trabalhadas, por meio do controle das atividades dos trabalhadores, divisão e parcelamento das tarefas, mecanização de parte das atividades com a introdução da linha de montagem e, um sistema de recompensas e punições conforme o comportamento dos operários no interior da fábrica.

O surgimento das fábricas e os avanços tecnológicos do período geraram a necessidade de se contratar mão de obra e, com isso, muitas pessoas passaram, gradativamente, a trabalhar nas cidades, e não mais no campo. “O ar da cidade fazia um homem livre”. (MANFRED, 1981, p.211). O começo do capitalismo trouxe alterações à estrutura da sociedade, o autor *loccit* pontua que: “apareceram duas novas classes, a burguesia industrial, os donos dos meios de produção, e o proletariado que não os possuía e era obrigado a vender a sua força de trabalho”.

Foi através de expropriações que expulsaram os camponeses das terras, através da ruína e do empobrecimento dos artífices, que todos os meios de produção — a terra, os instrumentos de produção, e, portanto, os meios de subsistência dos trabalhadores — acabaram por se concentrar nas mãos de uma minoria de capitalistas, que dispunham a seu bel-prazer, não só de tudo o que tinham tirado às massas trabalhadoras, mas também dos trabalhadores que tinham sido obrigados a vender-lhes a sua força de trabalho. (MANFRED, 1981, p.247).

As diversas mudanças na evolução do trabalho humano envolvem mudanças nos processos produtivos e, se antes o trabalho causava dor, castigos, dominação e sofrimento, agora a atividade laboral dignifica o homem. Max Weber (*in* TOMAZI, 2014) apresenta que o trabalhador da indústria era livre, não era escravo nem servo, mas trabalhava mais horas do que antes. “O trabalhador na realidade, via-se forçado, pela necessidade e, para

⁸ As mudanças introduzidas por Ford visavam à produção em série de um produto (o Ford modelo T) para o consumo em massa. Ele estabeleceu a jornada de oito horas, por 5 dólares ao dia.

⁹Taylor propunha a aplicação de princípios científicos na organização do trabalho, buscando maior racionalização do processo produtivo.

não passar fome, fazia o que se lhe impunha. Ainda assim, não foi fácil submeter o trabalhador às longas jornadas e aos rígidos horários” (TOMAZI, 2014, p.54).

De acordo com Tomazi (2014, p.54), diversos setores da sociedade colaboraram para essas mudanças:

Quadro 1 - Setores da Sociedade colaboram com mudanças na concepção de trabalho

Igrejas	Procuraram passar a ideia de que o trabalho era um bem divino e que quem não trabalhasse não seria abençoado; não trabalhar (ter preguiça) passou a ser pecado.
Governo	Passaram a criar uma série de leis e decretos, que penalizavam quem não trabalhasse. Os desempregados eram considerados vagabundos e podiam ir para a prisão. Inclui-se aqui o auxílio da polícia, encarregada de prender esses “pseudos-vagabundos”.
Empresários	Desenvolveram uma disciplina rígida no trabalho, principalmente com horários de entrada e saída dos estabelecimentos.
Escolas	Incitaram nas crianças a ideia de que o trabalho era fundamental para a sociedade. Esse conceito era ensinado, por exemplo, nas tarefas e lições e também por meio dos contos infantis. Quem não se lembra, por exemplo, da história da cigarra e da formiga ou dos três porquinhos? Quem não trabalhava “levava sempre a pior”.

Fonte: TOMAZI (2014, p.54). Adaptado para este estudo.

Os trabalhadores passaram a receber um salário fixo pelo trabalho realizado: “um trabalhador, nessa época, chegava a trabalhar até dezoito horas por dia. Muitas fábricas e minas de carvão preferiam contratar mulheres e crianças, para poder pagar um valor menor de salário”. (TOMAZI, 2014, p.54).

Para elevar a produtividade de trabalho dos trabalhadores assalariados, o dono da fábrica determinou uma detalhada divisão de trabalho: cada trabalhador realizava uma só operação, o que significava que se habituava a um só e mesmo movimento a ser executado com os mesmos instrumentos. (...) O modo capitalista de produção, por isso, deu origem a grandes aperfeiçoamentos dos instrumentos de produção e a uma revolução nas técnicas de produção (MANFRED, 1981, p.247).

Para Tomazi (2014), a hierarquia, bem como a impessoalidade das normas, foi introduzida no processo produtivo, sempre comandada por administradores treinados para isso. Ainda hoje, o trabalho assalariado está presente em várias sociedades humanas. As novas transformações aconteceram na sociedade capitalista, principalmente depois da década de 1970.

Nesta década surgiram formas de flexibilização do trabalho e, do mercado: a) A primeira forma ocorreu com a automação e, a consequente eliminação do controle manual por parte do trabalhador; b) O trabalhador deve estar disponível para adaptar-se às diversas funções existentes na empresa. Os trabalhadores entravam numa empresa, trabalhava anos seguidos até se aposentar na mesma empresa. (TOMAZI, 2014).

Robert Castel (*in* Tomazi, 2014), cita que trabalhar até se aposentar na mesma empresa, estaria dando lugar a uma nova concepção, na qual o ter trabalho e contribuir com previdência já não significa segurança, o que gera transtornos terríveis em termos sociais e individuais. Ele destaca aspectos que parecem estar se generalizando no mundo: “A precariedade do trabalho; o déficit de vagas de emprego; a qualificação do emprego. Assim, ocorre praticamente uma perda de identidade, já que o trabalho é uma espécie de passaporte para alguém fazer parte da sociedade”. (TOMAZI, 2014, p.54).

A partir dos primeiros anos do século XX, no Brasil, os trabalhadores urbanos, começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como: “diminuição da carga horária semanal, melhorias salariais e, ainda, normatização do trabalho de mulheres e crianças, que eram empregadas em grande número e, ainda mais exploradas do que os homens”. (TOMAZI, 2014, p. 56).

Observa-se de acordo com as informações deste subitem, que a evolução do trabalho gerou no trabalhador dores, adoecimentos, sofrimentos, e angústias diversas. Nesse conceito, o trabalho de professores, constitui-se uma profissão que pode levar ao adoecimento, em especial à saúde mental, que se apresenta com maior potencialidade de risco. Nessa condição, os principais diagnósticos psiquiátricos para o trabalhador são: depressão, ansiedade, pânico e *Síndrome de Burnout*. Segundo a Organização Internacional do Trabalho, o trabalho dos professores é considerado uma profissão de risco, por apresentar uma maior probabilidade de adoecimento e afastamento (OIT, 1984). Corroborando com essa temática, no próximo item serão apresentados os riscos psicossociais, decorrentes do trabalho de professores, os quais podem levar ao adoecimento destes profissionais.

3.3 SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR

O texto a seguir, apresenta parte de um estudo realizado em 2013 intitulado: **Saúde Mental do Trabalhador** (Transtornos mentais e do comportamento, relacionados com o trabalho, que podem em alguma medida, estarem associados ao suicídio laboral), o qual foi elaborado por esta pesquisadora e, que possui profícua relevância acadêmica, daí a decisão de utilizá-lo na discussão deste subtítulo desta tese.

Segundo o Ministério de Saúde, as doenças relacionadas ao trabalho, descritas no Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde do Trabalhador (Brasil, 2001, p. 17)

na saúde do trabalhador estão compreendidos os condicionantes: “sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais responsáveis pelas condições de vida e os fatores de risco ocupacionais – físicos, químicos, biológicos, mecânicos e, aqueles decorrentes da organização laboral – presentes nos processos de trabalho”.

O Manual destaca que as ações de saúde do trabalhador, precisam estar associadas com as de saúde ambiental, uma vez que os riscos gerados nos processos produtivos podem afetar, também, o meio ambiente e a população em geral, ou ao contrário, o ambiente pode causar adoecimento no trabalho.

Visando subsidiar as ações de diagnóstico, tratamento e vigilância em saúde e, o estabelecimento da relação da doença com o trabalho e das condutas decorrentes, o Ministério da Saúde, cumprindo a determinação contida no art. 6.º, § 3.º, inciso VII, da LOS, elaborou uma Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho, publicada na Portaria/MS n.º 1.339/1999, conforme mencionado na introdução a este manual. Essa Lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho foi também adotada pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), regulamentando o conceito de **Doença Profissional** e de **Doença Adquirida** pelas condições em que o trabalho é realizado e, a **Doença do Trabalho**, segundo prescreve o artigo 20 da Lei Federal n.º 8.213/1991, constituindo o Anexo II do Decreto n.º 3.048/1999. (g.n.) (BRASIL, 2001, p.20).

O Manual destaca ainda, que o cumprimento das ações voltadas para a saúde do trabalhador, é atribuição do SUS conforme Constituição Federal de 1988 e, regulamentada pela LOS¹⁰, em seu artigo 6.º, parágrafo 3.º, onde a saúde do trabalhador é definida como um conjunto de atividades que se destina, por meio das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, a promoção e a proteção da saúde do trabalhador, assim como visa à recuperação e, a reabilitação dos trabalhadores, submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho. Esse conjunto de atividades descritos no Artigo 6 está detalhado nos incisos de I a VIII do referido parágrafo, abrangendo:

- A assistência ao trabalhador vítima de acidente de trabalho ou portador de doença profissional e do trabalho;
- a participação em estudos, pesquisas, avaliação e controle dos riscos e agravos potenciais à saúde existentes no processo de trabalho;
- A participação na normatização, fiscalização e controle das condições de produção, extração, armazenamento, transporte, distribuição e manuseio de substâncias, de produtos, de máquinas e de equipamentos que apresentam riscos à saúde do trabalhador;
- A avaliação do impacto que as tecnologias provocam à saúde;
- A informação ao trabalhador, à sua respectiva entidade sindical e às empresas sobre os riscos de acidente de trabalho, doença profissional e do trabalho, bem como os resultados de fiscalizações, avaliações ambientais e exames de saúde, de

¹⁰ Lei Orgânica da Saúde: Sistema Único de Saúde - SUS: Lei Orgânica da Saúde - LOS - Lei nº 8.080 de 1990 e Lei nº 8.142 de 1990.

admissão, periódicos e de demissão, respeitados os preceitos da ética profissional;

- A participação na normatização, fiscalização e controle dos serviços de saúde do trabalhador nas instituições e empresas públicas e privadas;
- A revisão periódica da listagem oficial de doenças originadas no processo de trabalho;

A garantia ao sindicato dos trabalhadores de requerer ao órgão competente, a interdição de máquina, do setor, do serviço ou de todo o ambiente de trabalho, quando houver exposição a risco iminente para a vida ou saúde do trabalhador.

O Manual de Saúde dos Trabalhadores destaca outros instrumentos e regulamentos federais norteiam o desenvolvimento das ações como: a Portaria/MS n.º 3.120/1998 e a Portaria/MS n.º 3.908/1998, os quais abordam a definição de procedimentos: “básicos para a vigilância em saúde do trabalhador e prestação de serviços nessa área. A operacionalização das atividades deve ocorrer nos planos nacional, estadual e municipal, aos quais são atribuídas diferentes responsabilidades e papéis”. (BRASIL, 2001, p.18).

A assistência ao trabalhador tem sido desenvolvida em diferentes espaços institucionais, com objetivos e práticas distintas: Pelas empresas, por meio dos Serviços Especializados em Segurança e Medicina do Trabalho (SESMT) e, outras formas de organização de serviços de saúde; Pelas organizações de trabalhadores; Pelo Estado, ao programar as políticas sociais públicas, em particular a de saúde, na rede pública de serviços de saúde; Pelos planos de saúde, seguros suplementares e outras formas de prestação de serviços, custeados pelos próprios trabalhadores; pelos serviços especializados organizados no âmbito dos hospitais universitários.

O adoecimento de trabalhadores e morte da população em geral, compartilha o mesmo perfil em função de: idade, gênero, grupo social ou inserção em um grupo específico de risco: “Além disso, os trabalhadores podem adoecer ou morrer por causas relacionadas ao trabalho, como consequência da profissão que exercem ou exerceram, ou pelas condições adversas em que seu trabalho foi realizado”. (BRASIL, 2001, p.27).

Mendes e Dias (*in* BRASIL, 2001, p.27) destacam que o perfil de adoecimento e morte dos trabalhadores resultará da combinação de fatores, que podem ser sintetizados em quatro grupos de causas:

1. Doenças comuns, aparentemente sem qualquer relação com o trabalho;
2. Doenças comuns (crônico-degenerativas, infecciosas, neoplásicas, traumáticas, etc.) eventualmente modificadas no aumento da frequência de sua ocorrência ou na precocidade de seu surgimento em trabalhadores, sob determinadas condições de trabalho. A hipertensão arterial em motoristas de ônibus urbanos, nas grandes cidades, exemplifica esta possibilidade;
3. Doenças comuns que têm o espectro de sua etiologia ampliado ou tornado mais complexo pelo trabalho. A asma brônquica, a dermatite de contato alérgica, a perda auditiva induzida pelo ruído (ocupacional), doenças músculo esqueléticas e alguns transtornos mentais exemplificam esta

possibilidade, na qual, em decorrência do trabalho, somam-se (efeito aditivo) ou multiplicam-se (efeito sinérgico) as condições provocadoras ou desencadeadoras destes quadros nosológicos;

4. Agravos à saúde específicos, tipificados pelos acidentes do trabalho e pelas doenças profissionais. A silicose e a asbestose exemplificam este grupo de agravos específicos.

Os grupos citados anteriormente constituem a família das doenças relacionadas ao trabalho:

GRUPO I: doenças em que o trabalho é causa necessário, tipificadas pelas doenças profissionais, *stricto sensu*, e pelas intoxicações agudas de origem ocupacional.

GRUPO II: doenças em que o trabalho pode ser um fator de risco, contributivo, mas não necessário, exemplificadas pelas doenças comuns, mais frequentes ou mais precoces em determinados grupos ocupacionais e para as quais o nexo causal é de natureza eminentemente epidemiológica. A hipertensão arterial e as neoplasias malignas (cânceres), em determinados grupos ocupacionais ou profissões, constituem exemplo típico.

GRUPO III: doenças em que o trabalho é provocador de um distúrbio latente, ou agravador de doença já estabelecida ou preexistente, ou seja, concausa, tipificadas pelas doenças alérgicas de pele e respiratórias e pelos distúrbios mentais, em determinados grupos ocupacionais ou profissões. (BRASIL, 2001, p.27).

A eliminação desses fatores de risco reduz a incidência, ou modifica o curso evolutivo da doença, ou agravo à saúde. Para Minghetti *et.al* (2013), na saúde mental do trabalhador, vários fatores colaboram no surgimento de patologias decorrentes do trabalho, como o sofrimento e o esgotamento, mas principalmente a realização pessoal: “Não há trabalho vivo sem sofrimento, sem afeto, sem envolvimento pessoal, explicou. É o sofrimento que mobiliza a inteligência e guia a intuição no trabalho, permitindo alcançar a solução que se procura”. (DEJOURS *in* GERSCHENFELD, 2010, p.02).

O trabalho ocupa, também, um lugar fundamental na dinâmica do investimento afetivo das pessoas. Condições favoráveis à livre utilização das habilidades dos trabalhadores e, ao controle do trabalho pelos trabalhadores, tem sido identificadas como importantes requisitos para que o trabalho possa proporcionar prazer, bem-estar e saúde, deixando de provocar doenças. (OMS, 2001, p.161).

Minghetti *et.al.* (2013) expõem que todas as pessoas criam expectativas relacionadas ao trabalho, porém nem todo o reconhecimento é satisfatório. Este sentimento é resultado de vários fatores, os quais causam não apenas o sofrimento, enquanto gerador de patologias mentais ou de esgotamentos, mas, sobretudo enquanto base, para a realização pessoal: “Portanto é de se esperar que o sofrimento no trabalho, gerasse uma série de manifestações psicopatológicas. Foi para analisá-las e inventariá-las, que se realizaram estudos clínicos, denominados psicopatologias do trabalho”. (DEJOURS, 1999, p. 35).

Em nossa sociedade, o trabalho é mediador de integração social, quer seja pelo rendimento econômico, ou pela esfera cultural, apresentando assim importância fundamental, na construção da subjetividade e no modo de vida, determinando a saúde física e mental das pessoas: “Sobre a saúde mental do Trabalhador, as condições e as exigências do mercado de trabalho neste mundo globalizado, criam uma rotina e amortecem o sentido da vida dos trabalhadores”. (MINGHETTI *et.al.* 2013).

No próximo item será apresentado o adoecimento dos professores em decorrência de seu trabalho.

3.4 FATORES DE RISCO DE ADOECIMENTO DE PROFESSORES EM DECORRÊNCIA DO SEU TRABALHO

Webber e Vergani (2010) pontuam que os riscos, que podem em alguma medida causar adoecimentos, são originados da exposição do trabalhador às situações de perigo: quantidade de tarefas extraclasse, tem afastado professores de atividades de lazer, sociais e familiares, prejudicando a sua saúde física e psíquica: “O trabalho dos professores é considerado penoso, repleto de riscos acidentais, ambientais e ergonômicos. Essas características depreciam esse meio ambiente de trabalho, causando doenças”. (WEBBER; VERGANI, 2010, p. 8870,).

Para Zanelli e Kanan (2019p. 34-36; 41) os fatores de riscos psicossociais são características próprias das condições e organização do trabalho, que podem de alguma maneira, afetar a saúde dos trabalhadores. Pois no ambiente laboral, os trabalhadores podem estar expostos a agentes biológicos, químicos, físicos, ergonômicos, psicossociais, ambos contribuem para o surgimento de danos à saúde e ou acidentes, descritos a seguir:

Agentes biológicos: nocivos provocam alergias, intoxicações e infecções, seja por meio de vírus, bactérias, protozoários, fungos, parasitas ou bacilos;

Agentes químicos: são constituídos por ampla variedade de substâncias orgânicas e inorgânicas, em forma de poeira, fumos, névoas, neblinas, vapores e outras substâncias, compostos ou produtos;

Agentes físicos: são classificados como formas de energia presentes nas atividades laborais, tais como: ruídos, vibrações, radiações ionizantes e não ionizantes, frio, calor, pressões anormais e umidade;

Riscos de acidentes: são provocados por arranjos físicos inadequados, máquinas e equipamentos sem proteção, ferramentas inadequadas ou defeituosas, iluminação inadequada, eletricidade, probabilidade de incêndio ou explosão, armazenamento inadequado, animais peçonhentos, entre outros;

Riscos ergonômicos: estão ligados a esforço intenso, levantamento e transporte manual de peso, exigência de postura inadequada, controle rígido de produtividade, imposição de ritmos excessivos, trabalho em turno noturno e jornada de trabalho inflexível, entre outros;

Riscos psicossociais: são condições, circunstâncias ou acontecimentos que afetam os trabalhadores, os grupos, a própria organização e o contexto societário, em curto ou longo prazo, com maior ou menor severidade, de modo a potencializar a probabilidade de danos à saúde.

Em decorrência da revolução e inovação industrial, fatores psicossociais que existem no ambiente laboral, podem refletir na saúde do trabalhador. Segundo Gonçalves; Santos (2012, p.11) os fatores psicossociais são classificados em:

Sobrecarga: excesso de tarefas, pressão de tempo; **Subcarga:** monotonia, baixa demanda, falta de criatividade; Falta de controle sobre o trabalho: baixo poder de decisão sobre o que e como irá fazer; **Distanciamento** entre grupos de chefia e de subordinados; Isolamento social no ambiente de trabalho; **Conflitos** de papéis, conflitos interpessoais e falta de apoio social (g.n).

Para Gonçalves e Santos (2012), os fatores psicossociais citados, podem interferir no desempenho profissional e provocar desgaste mental dos trabalhadores, devido à convivência em seu dia a dia com perigo. Os agravantes na saúde do professor, podem estar relacionados aos fatores de riscos que podem ser: físicos, químicos, biológicos, mecânicos, incluindo condicionantes sociais, econômicos, tecnológicos e organizacionais, que juntos implicam fatores, considerados Riscos Psicossociais. (ZANELLI; KANAN, 2019).

Sobre o adoecimento mental de professores, Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p.02), destacam que pesquisas realizadas em outros países, apontaram a incidência maior de doenças mentais entre professores, do que a verificada na média geral da população: “O sofrimento psíquico, além de gerar desilusão e desmotivação, também pode acabar por produzir complicações físicas (...) quando doentes, compromete a ação educativa, pois interfere diretamente na relação professor-aluno”.

Os riscos a que professores estão submetidos, foi tema de estudo de Vilela *et.al.* (2011, p.2) onde relataram que a grandiosidade antes referida aos professores mudou e, a academia é hoje um lugar de risco para a saúde, pela frequência das doenças: “Entre os males mais diagnosticados estão a gastrite, taquicardia, hipertensão, irritabilidade, insônia, depressão, síndrome do pânico, estresse e síndrome do esgotamento profissional”. A dialética entre prazer e adoecimento, decorrente do trabalho dos professores, “[...] remonta ao contexto histórico do desenvolvimento da profissão ao longo do tempo e suas implicações para a valorização social da categoria”. (VILELA *et.al.*, 2011, p.2).

Gennari (2014, p.03) relata que o estresse ao atingir níveis elevados, reflete em sintomas físicos e os mais comuns relatados pelos docentes são:

(...) problemas digestivos, enjoos, nervosismo e irritabilidade constantes, ímpetos de raiva, crises de choro, dor cervical e nos ombros, manchas de pele, fadiga, alterações do sono, pressão alta, palpitações, dores no peito, falta de ar, tremedeiras, tonturas, acompanhados de frequentes momentos de desânimo, ansiedade e angústia.

Sobre o adoecimento de professores, o site da Agência Brasil (2015), apresenta dados de em uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Secretários de Estado da Administração (CONSAD) entre 2011 e 2012, onde o Distrito Federal liderou o índice, com 58% dos profissionais afastados por motivos de doença, pelo menos uma vez no ano. Em Santa Catarina foram 25% e, no Estado do Rio Grande do Sul, a educação aparece como a área com o terceiro maior índice de afastamento entre as secretarias do estado, 30%.

Nem todas as pessoas ficam doentes por causa do trabalho. O adoecimento “deixa no corpo as marcas do sofrimento, que se manifestam nas mais variadas doenças, classificadas como ocupacionais, além de atentar contra a saúde mental” (HELOANI; CAPITÃO, 2003, p.101). Ferreira-Costa e Pedro-Silva (2019, p.12), ao fazerem pesquisas em plataformas científicas, sobre a saúde mental de professores que lecionam no Brasil, identificaram os seguintes resultados:

- a) **Grande incidência** de sintomas de doenças mentais entre esses profissionais;
- b) **Adoecimento psíquico** como fator que influencia negativamente na capacidade do professor em resolver conflitos;
- c) **Alta ocorrência de afastamentos** profissionais, resultantes de doenças mentais;
- d) **Pouca informação** dos agentes de saúde, responsáveis pelos afastamentos, sobre as doenças psiquiátricas mais comuns, que acometem os que trabalham em escolas;
- e) **Presença de desmotivação** e insatisfação dos docentes quanto às condições de trabalho;
- f) **Escassez de estudos científicos** com o objetivo de averiguar os níveis de ansiedade e de depressão dos docentes. (g.n.).

Gennari (2014), em um estudo em Santa Catarina, encontrou 17 características que corroboram com o adoecimento de professores, destacados no Quadro 02. Souza e Leite (2011) realizaram um estudo teórico direcionado ao adoecimento de professores e, aos riscos inerentes a sua profissão; estes dados estão distribuídos no Quadro 03:

Quadro 2 - Características no adoecimento de professores

1.	O envolvimento emocional com os problemas dos alunos;
2.	Uma jornada de trabalho extensa, que inclui o número de aulas, o tempo gasto na preparação delas, bem como as horas dedicadas a atividades burocráticas;
3.	O número elevado de alunos em cada turma;
4.	A violência que cerca o bairro em que é localizada a escola; A obrigação de provar a própria competência diante dos constantes questionamentos;
5.	A falta de capacitação específica e de condições apropriadas para o trabalho pedagógico com alunos portadores de necessidades especiais;
6.	A presença de conteúdos curriculares no processo de formação do docente que são desvinculados da demanda real e, a necessidade de dominar temas que não constam da preparação profissional em condições de tempo, salário e jornada que dificultam esse acesso;
7.	As situações de assédio moral promovidas pela direção da escola;
8.	A sensação de estar sendo reduzido a uma máquina de dar aulas;
9.	As ameaças e agressões dos alunos, com bens danificados ou furtados por eles;
10.	A exigência de manter a disciplina em condições persistentemente adversas;
11.	Ausência de capacitação específica para lidar com o trabalho diário em sala de aula. E, aqui vale lembrar que 70% dos cursos, seminários e treinamentos, promovidos pelos vários níveis de governo, não respondem a esta necessidade;
12.	A presença de relações insatisfatórias entre professores e, a consequente falta de cooperação;
13.	A pressão das famílias para que a escola cumpra as tarefas educativas que elas não realizaram;
14.	A necessidade de se adaptar seguidamente às mudanças e aos imprevistos que ocorrem na escola;
15.	A falta de recursos didáticos como elemento limitador das atividades com os alunos;
16.	E, o fato de a docência ser uma profissão enaltecida pela mídia e os discursos oficiais, mas desvalorizada pelos baixos salários e as condições em que se realiza.

Fonte: GENNARI (2014, p. 03). Adaptado para este estudo.

Quadro 3 - Fatores que causam adoecimento de professores.

AUTOR	Fatores que causam adoecimento de professores
Zacchi (2004);	Os baixos salários, as precárias condições de trabalho, especialmente no que concerne a temperatura, ruído e superlotação das salas, o cansaço físico pela longa jornada, a dupla jornada das professoras (doméstica e profissional), a falta de tempo para si, à angústia gerada pelas exigências sociais da atividade.
Carneiro (2001);	A complexidade das tarefas desenvolvidas e a falta de recursos materiais; os problemas sócio familiares dos alunos; os ritmos de trabalho, a multiplicidade de tarefas diferenciadas e simultâneas, o uso elevado da voz, as posturas desconfortáveis, a pouca frequência de pausas, as cargas psíquicas acumuladas, a falta de valorização do trabalho realizado, o estado psicológico dos alunos, a burocratização e rotinização das atividades educativas, a prescrição do trabalho, as dificuldades nas relações com as famílias dos alunos, a falta de diálogo com a administração; a violência na escola (brigas entre alunos, roubos, ameaças dos alunos, depredação do espaço), a necessidade de o professor fazer outras atividades como forma de aumentar a renda; o trajeto frequentemente longo entre casa e local de trabalho; A perda da identidade.
Oliveira (2001);	O trabalho em mais de uma escola, a necessidade de realização de parte do trabalho no universo doméstico (preparação de aulas, correção de provas), a dificuldade de participação em cursos de aperfeiçoamento.
Pereira (2000);	A expansão dos contratos de trabalho para horistas e as políticas educacionais autoritárias.
Noronha (2001);	A inserção do voluntariado e da participação comunitária na escola (provocando descentralização das decisões e atribuindo a escola, ao professor e a comunidade a responsabilidade pela educação básica), a inadequação do espaço físico, expressa nas carteiras baixas e no reduzido tamanho das salas.
Lima (2000);	A perda de autonomia e a divisão do trabalho, os movimentos repetitivos, o aumento das exigências cognitivas, más condições das cantinas, a má higiene e limpeza escolar, a insegurança quanto à demissão.
Mascarello (2004);	A falta de água, as insuficiências de carteiras, o comprometimento da rede elétrica, além de ocorrências frequentes relacionadas a agressões, salários em atraso, falta de concursos públicos para provisão de cargos e o consequente crescimento da contratação temporária.
Suzin (2005);	O uso de horas extras (que deveriam ser destinadas a suprir licenças de outros professores) para preencher vagas reais, tendo em vista que o número de servidores nomeados é insuficiente para atender a demanda das escolas.
Amado (2000);	A ausência de mesas para o professor nas salas de aula
Panzieri (2004);	A necessidade de permanecer em pé durante toda a aula, escrever na lousa, corrigir caderno na carteira do aluno na posição em pé com inclinação do tronco, apagar a lousa, entregar livros, cadernos e outros materiais didáticos aos alunos ou levá-los para casa, tirar e carregar grandes quantidades de materiais do armário, passar atividades no mimeógrafo, segurar livro ou caderno em uma mão, enquanto escreve na lousa com a outra.
Santos (2004);	A imagem errônea da opinião pública sobre o professor e a cooptação de professores pela administração.
Gasparini (2005);	As novas exigências de qualificação, como polivalência, qualificação técnica, participação criadora, mobilização da subjetividade, capacidade de diagnosticar e de decidir; A inclusão de alunos especiais e o assédio moral.
Neves (1999);	O sentimento de culpa por não dar conta satisfatoriamente de todas as atividades, a dificuldade de se estabelecerem espaços de intercâmbio de ideias, principalmente pela falta de tempo, a insuficiência de laços de cooperação, a falta de comunicação, a forma como vem sendo implantada a avaliação continuada (entendida como obrigação de aprovar alunos), a padronização do currículo e dos métodos de ensino, a falta de acompanhamento técnico.
Gomes (2002).	O fato de que estar na escola significa não apenas dar aulas, mas também atender pais e alunos, inclusive em horários de pausa e alimentação, os deslocamentos entre os locais de trabalho são também fonte de desgaste e esgotamento, dadas as condições de transporte da cidade.

Fonte: SOUZA; LEITE (2011, p. 1111-1112). Adaptado para este estudo.

Desde a Revolução Industrial a exploração do trabalho assalariado e os efeitos sobre as condições de trabalho são temas de estudos. O livro *O Capital*, Karl Marx (1867), apresenta que as condições de trabalho dos trabalhadores ingleses, na revolução industrial, ocasionaram danos à saúde dos trabalhadores e nos dias de hoje “permanece como objetos de estudo de pesquisadores, preocupados em entender as condições de vida da classe trabalhadora” (SOUZA; LEITE, 2011, p.1106).

(...) extensas jornadas; insalubridade dos locais de trabalho; alienação do trabalhador em relação ao produto e ao processo de seu trabalho; baixo salário provocado pela existência de um significativo exército industrial de reserva, que pressionava constantemente os salários para baixo, mantendo-os no nível da subsistência (SOUZA; LEITE, 2011, p.1107).

Para a Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação (CNTE, 2012). O Trabalho Docente na Educação Básica no Brasil revela que:

(...) as principais causas de afastamento de docentes são processos inflamatórios das vias respiratórias (17,4%), depressão, ansiedade, nervosismo, síndrome do pânico (14,3%) e estresse (11,7%). Foram entrevistados 8,9 mil professores em Minas Gerais, no Espírito Santo, em Goiás, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Norte e no Pará. (AGÊNCIA BRASIL, 2015, p.01)

Os diferentes agravantes de riscos psicossociais citados perpetuam-se ao envolver relações de poder, que constroem os profissionais, colocando-os em condição de extrema vulnerabilidade: “Casos de adoecimento necessitam provar que o trabalho é causa da doença e, há ainda situações em que devem conviver com sequelas físicas e emocionais”. (NOGUEIRA; MARIN, 2011).

Os novos desafios sociais, inerentes à profissão do professor, requerem estratégias para protegê-los das principais: “situações mórbidas que os rodeiam, como disfunções vocais, estresse, depressões, entre outras”. (SOUZA; LEITE, 2011, p.1110).

3.5 MAL-ESTAR DOCENTE: SAÚDE, AMBIENTE E QUALIDADE DE VIDA

O espaço de trabalho dos professores se concretiza pelo uso de inteligência, emoções, criatividade, linguagem, entre outros processos cognitivos que fazem parte da subjetividade, itens que corroboram com o trabalho imaterial. Disto resulta um trabalho que pode causar adoecimento, na dependência das condições organizacionais, psicológicas e ambientais. A saúde e o bem-estar no trabalho podem sofrer interferências pela relação do indivíduo com o ambiente externo e interno de forma negativa ou positiva. Além das condições biológicas e

genéticas de cada docente, é importante considerar as condições de qualidade de vida no trabalho às quais estão sujeitos nas escolas.

Dejours (1992, p. 164) pontua que o trabalho deveria aparecer na própria definição do conceito de saúde e afirma que: “o trabalho não é nunca neutro em relação à saúde, e favorece seja a doença seja a saúde” e, às vezes, operador de saúde e de prazer. Considerando aumento de casos de transtornos mentais, associados ao trabalho dos professores, a promoção da saúde e qualidade de vida, abrange a discussão sobre o ambiente e, as condições de trabalho nas salas de aula e a sua influência para a qualidade de vida.

A não adaptação do professor ao ambiente de trabalho pode gerar estresse ocupacional, principal fator das doenças mentais decorrentes do trabalho, as consequências são absenteísmo, o presenteísmo e a necessidade de readaptação ao retornar ao trabalho (NASCIMENTO; SEIXAS, 2020). A União Europeia evidenciou os fatores psicossociais como prioritários, sendo mesmo considerado como um dos campos de investigações mais importantes em breve. (EU-OSHA, 2019).

Souto *et.al.* (2018, p. 128), pontuam que o ambiente de trabalho pode causar prejuízos físicos e emocionais, tanto quanto temporários e permanentes:

Nevertheless, it is well known that work-related distress can seriously impair the workers' physical health (e.g. musculoskeletal injuries, raised blood pressure) and mental state (e.g. anxiety, depression, burnout), that can result in temporary or permanent functional impairment and consequent loss of working days (SOUTO, et.al., 2018, p. 128)¹¹.

Um ambiente desfavorável ao quais muitos professores são submetidos pode ocasionar afastamentos, internações, demissões entre outros agravantes; quaisquer locais ou condições de trabalho outras, inapropriadas, serão potencializadoras para o “surgimento de ansiedade, depressão, estresse e outras doenças desencadeadas pelo ambiente de trabalho” (SILVA *et.al.* 2016; p.180).

Nascimento e Seixas (2020, p. 03) expõem que estudos científicos, identificaram forte associação entre o ambiente e adoecimento dos docentes; as mudanças que o século XXI passou a exigir mais da escola e do professor. O professor desempenha vários papéis em seu cotidiano escolar, fazendo surgir sintomas depressivos, em um ambiente de trabalho nocivo, ambientes perigosos, frustrantes ou carentes de controle de doenças depressivas, “essas

¹¹ Sabe-se que o sofrimento relacionado ao trabalho pode prejudicar seriamente os trabalhadores, no que diz respeito à saúde física (por exemplo, lesões músculo esqueléticas, aumento da pressão arterial) e, estado mental (por exemplo, ansiedade, depressão, *Síndrome burnout*), no que pode resultar em prejuízo funcional temporário ou permanente e, consequente perda de dias úteis de trabalho.

questões podem ter um forte impacto em sua saúde mental, podendo levá-los ao adoecimento”.

O ambiente escolar se torna um dos elementos centrais da vida do cidadão e de suas relações existenciais com o mundo, que juntamente com sua liberdade e individualidade, são construtos da identidade humana. E, o professor precisa sentir-se bem para ensinar bem. Posto conterem as particularidades de cada indivíduo, em suas prioridades valorativas da vida que resolvem viver, no modo como deram sentido àquilo que lhes ocorre durante seu tempo de vida, produtivo ou não. (DIAS, 2009).

O trabalhador precisa entender o que é o ambiente e, o que ele faz neste ambiente, ou ainda o que o ambiente faz em sua vida. Essa interação é possível pela compreensão do ambiente humano integrado ao natural, demonstrando a coexistência indissociável entre a sociedade, trabalho, a cultura e os sistemas naturais (MOSCOVICI, 2004). “A forma como o trabalho organiza a vida mental do indivíduo, o qual possui uma relação dupla de transformação entre o homem e a natureza”. (NASCIMENTO; SEIXAS, 2020, p. 04).

O nexos causal entre saúde, ambiente e trabalho, tem-se estabelecido como uma área delicada de estudo, haja vista que o trabalho de educar é repleto de demandas e, características peculiares, cobranças sociais, de emoções e frustrações e, saber lidar com esses sentimentos são fundamentais para uma boa prática pedagógica.

O homem ao nascer é lançado em um ambiente social já existente, pronto, o qual exerce profunda influência em seu desenvolvimento biopsicossocial. Em uma relação dinâmica de permuta, na qual o homem altera o social e, a sociedade altera o homem, nessa relação o professor possui papel significativo: “No homem existem, sempre mais do que aquilo que se lhe deu e, essa criatividade se exprime tanto perante os apelos do corpo, como a respeito das influências do meio social [...] Cria e cria-se, é sujeito e objeto da sua história e da história de todos os outros”. (MALSON, 1967, p.12).

Vygotsky (*in* RIBEIRO e CAVASSAN, 2013, p. 17) afirma que:

A noção de que a relação do homem com o mundo e, portanto, do homem com o meio ambiente (seja ele físico, biológico ou social) não é uma relação direta, mas, fundamentalmente, mediada por instrumentos e signos. Percebemos o mundo, simultaneamente, por meio de todos os sentidos, e um sentido colabora com o outro de modo que, juntos, auxiliam na estruturação do pensamento.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste estudo, foi utilizado o método hipotético-dedutivo definido por Karl Popper, o qual consiste na construção de conjecturas baseadas em hipóteses. Que considera problema (P1), em que é oferecida uma espécie de solução provisória, ou uma teoria tentativa (TT), passando depois a criticar a solução para tentar eliminar o erro (EE). Assim, este processo seria renovado, dando origem a novos problemas (P2).

Caso a hipótese não seja comprovada pelos testes, ela estará superada, ou seja, será falseada. Sendo assim, será preciso uma nova reformulação do problema e da hipótese. Caso os testes e experiências confirmem a hipótese, ela estará corroborada provisoriamente, já que ela poderá ser superada em um eventual outro estudo.

Isso acontece muito quando o pesquisador tem a certeza de algo hoje, mas que no futuro, mediante outras técnicas e outras tecnologias, essa certeza seja demolida. Isso é normal nas ciências. Não existe verdade absoluta e imutável. É um método com consequências, que leva a um grau de certeza igual ao das hipóteses iniciais, assim o conhecimento absolutamente certo e demonstrável, é dependente do grau de certeza da hipótese.

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Do ponto de vista de sua natureza, em concordância com o Método hipotético-dedutivo, esta pesquisa foi aplicada, pois seu objetivo foi gerar conhecimentos dos riscos biopsicossociais laborais de Professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos que envolvam interesses locais e, do ponto de vista de seus objetivos foi explicativa e descritiva.

Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta pesquisa se caracterizou como quantitativa e qualitativa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos se constituiu como *survey* (levantamento), pois envolveu a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Nesse tipo de pesquisa, o respondente não é identificável, portanto, o sigilo é garantido.

4.2 PARTICIPANTES

Essa pesquisa abrangeu os professores efetivos, da Secretaria de Estado da Educação (SED). No que se refere ao quantitativo de profissionais, dados fornecidos pela SED, indicam: professores efetivos-14.173; professores ACTs -18.454; totalizando 32.627 profissionais, dados fornecidos em 22 de março de 2019, pela DIGP (Diretoria de Gestão de Pessoas) órgão vinculado à SED. Para encontrar valor da amostragem utilizou-se a seguinte fórmula de cálculo de amostra:

$$n = \frac{N \cdot Z^2 \cdot p \cdot (1 - p)}{e^2} \quad \text{Eq. 1}$$

Onde:

n - amostra calculada

N - População

Z - Variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento

e - Erro amostral (5%)

Nesta pesquisa a amostragem foi do quantitativo dos professores efetivos. Considerando uma margem de erro de 5% e grau de confiabilidade de 95%, em uma amostra calculada de 375 professores efetivos. Esta amostra foi encontrada por meio do cálculo da amostra casual estratificada, onde cada estrato é definido previamente.

4.3 CRITÉRIO DE INCLUSÃO E DE EXCLUSÃO

Os critérios para a Inclusão dos professores na amostra da pesquisa foram:

- A. Estar, no mínimo, há quatro¹² anos como servidor do SED;
- B. Não estarem afastados, em cargos de confiança (fora da SED);
- C. Aceitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *on-line*.

Consequentemente, os critérios para a Exclusão dos professores na amostra da pesquisa foram:

- A. Não estar há menos de quatro anos como servidor do SED;
- B. Não estar afastados, em cargos de confiança (fora da SED);
- C. Não aceitarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido *on-line*.

¹² Estar com seu estágio probatório homologado.

4.4 CONTATO COM OS PARTICIPANTES

Para estimular a participação dos professores, todas as Coordenadorias Regionais Educação (CRE), foram informadas sobre a pesquisa pelos seus Coordenadores, que receberam um *folder* convite (ANEXO A) e, um e-mail específico para este fim, contendo as informações e objetivos do estudo, enviado para o e-mail Institucional de todos os professores do Estado de Santa Catarina (ANEXO B).

A partir disso, todos os professores foram informados sobre o questionário disponibilizado via internet no site: www.pesquisaprofessores.com.br criado especificamente para esta pesquisa.

4.5 COLETAS DE DADOS

A coleta de dados ocorreu nos meses de fevereiro a abril de 2022, através do acesso ao *site*: www.pesquisaprofessores.com.br, onde os professores responderam a pesquisa *online*. O *site* continha informações sobre os objetivos da pesquisa, os convites à participação e, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A).

Após este primeiro contato com o estudo, o *site* direcionou os participantes para outra página, onde os instrumentos se encontravam visíveis para serem respondidos; dessa forma, os professores puderam optar em responder ou não os instrumentos.

4.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DOS DADOS DOS INSTRUMENTOS

O primeiro instrumento de coleta de dados foi um questionário sociodemográfico abrangendo 22 perguntas, com respostas de múltipla escolha. O segundo instrumento foi um questionário sobre o ambiente ocupacional abrangendo 16 perguntas, considerando os riscos: biológicos, químicos, físicos e ergonômicos. E, o terceiro instrumento para identificar os fatores de riscos psicossociais, foi utilizado às escalas do Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA).

Aos participantes foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) junto com os instrumentos via internet no site: www.pesquisaprofessores.com.br.

4.6.1 Questionário de dados sociodemográficos e ocupacionais

Os dados sócios demográficos, (APÊNDICE B) foram obtidos por meio de questões de múltipla escolha, disponibilizadas online e, abrangendo as seguintes categorias:

1. Admissão na Educação de Santa Catarina é: em Caráter Temporário (ACT); Efetivo; Estagiário; não informado;
2. Função exercida: Professor (a); segundo (a) professor (a); Supervisor (a) Escolar (a); assistente de educação; Assistente técnico pedagógico; Secretária (o); Orientador (a) Educacional; Bibliotecário (a); Administrador Escolar; Especialista; Assessor (a) de direção; Diretor (a); Readaptado (a); não informado; outra função; não informado;
3. Sexo: a categoria sexo foi dicotomizada entre masculino e feminino, não informado;
4. Idade: categoria calculada em anos completos em faixas etárias: entre 20 e 25 anos; entre 26 e 31 anos; entre 42 e 45 anos; entre 46 e 51; 52 anos ou mais; não informado;
5. Estado civil: categoria avaliada em: Solteiro; Casado; União estável; Viúvo; divorciado; separado; não informado;
6. Ter filhos: a análise desta categoria foi: “não” e “sim”; não informado;
7. Número de filhos: análise desta categoria foi avaliada em: Zero, um, dois, três, quatro, cinco ou mais filhos, não informado;
8. Grau de escolaridade: esta categoria foi avaliada em: Ensino Médio completo; Graduação completa; Graduação incompleta; Pós-graduação (completa); Pós-graduação incompleta; Mestrado; Mestrado incompleto; Doutorado, Doutorado incompleto; Pós-doutorado; não informado;
9. Tempo de serviço no magistério: entre 6 meses e 2ano; entre 3 e 5 anos; entre 6 e 8 anos; entre 9 e 12 anos; acima de 13 anos; acima de 20 anos; em fase de aposentadoria; não informado;
10. Possui outro Emprego formal: “não”; “sim”; não informado;
11. Jornada de trabalho no Estado: 10h; 20h; 30h; 40h; 50h; 60h; não informado
12. Sua casa é: própria; alugada; financiada; cedido; mora com familiares; não informado;
13. Fuma cigarros: “não”; “sim”; não informado;
14. Quantas vezes fuma cigarros: nenhuma vez ao dia; fuma 1x ao dia; fuma 2 vezes ao dia; fuma 3 vezes ao dia; fuma 4 vezes ao dia; fuma 5 vezes ao dia; e fuma mais vezes ao dia; não informado
15. Faz uso de bebida alcoólica: “não”; “sim”; não informado;
16. Quantas vezes toma bebida alcoólica: nenhuma vez na semana; 1 vez por semana; 2 vezes por semana; 3 vezes por semana; mais vezes na semana; nenhuma vez no dia; 1 vez ao dia; 2 vezes ao dia; 3 vezes ao dia; vezes no dia; não informado;
17. Você pratica alguma atividade física: “não”; “sim”; não informado;

18. Quantas vezes realiza atividade física: algumas vezes ao mês, esporadicamente; 1 vez p/semana; 2 vezes p/semana; 3 vezes p/semana; 5 vezes por/semana; todos os dias; não informado;

19. Formação é em: Disciplinas do Ensino Técnico; Ciências Humanas e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Pedagogia; Ensino Religioso; Ensino Médio com Magistério; Ensino Médio; não informado;

20. Coordenadoria Regional de Educação você faz parte: Araranguá; Blumenau; Braço do Norte; Brusque; Caçador; Campos Novos; Canoinhas; Chapecó; Concórdia; Criciúma; Curitiba; Dionísio Cerqueira; Florianópolis; Ibirama; Itajaí; Itapiranga; Ituporanga; Jaraguá do Sul; Joaçaba; Joinville; Lages; Laguna; Mafra; Maravilha; Palmitos; Rio do Sul; São Bento do Sul; São Joaquim; São Lourenço do Oeste; São Miguel do Oeste; Seara; Taió; Timbó; Tubarão; Videira; Xanxerê; não informado;

21. Das doenças citadas, você já contraiu alguma no ambiente de trabalho: tuberculose, malária, febre amarela; Covid-19; Influenza A/H1N1; leptospirose; varicela; Dengue, Chikungunya, Zika; Caxumba; sarampo; hepatite; Leishmaniose; Meningites; Poliomielites; Rubéola, impetigo; escabiose; virose; não informado;

22. Das doenças citadas, algum aluno seu já se afastou das aulas por ter contraído alguma das doenças citadas: tuberculose, malária, febre amarela; Covid-19; Influenza A/H1N1; leptospirose; varicela; Dengue, Chikungunya, Zika; Caxumba; sarampo; hepatite; Leishmaniose; Meningites; Poliomielite; Rubéola, impetigo; escabiose; virose; não informado.

Para realizar a análise dos dados sociodemográfico, essa pesquisa seguiu os seguintes procedimentos:

a) Codificação: processo pelo qual os dados brutos são transformados em símbolos que possam ser tabulados;

b) Tabulação: processo que consiste em agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise;

c) Análise estatística dos dados: análise que implica um processamento de dados.

A análise de dados consiste em descobrir e interpretar as informações encontradas. Esta pesquisa considera a construção de um novo conhecimento, tal que seu resultado se configure como científico, a partir do compromisso do pesquisador e da responsabilidade de fidelidade dos dados e, a critérios resultantes de coerência, consistência, originalidade e objetividade. (RICHARDSON, 2007).

4.6.2 Questionário sobre o ambiente ocupacional dos professores

Os dados do questionário (APÊNDICE C) foram obtidos através de 16 perguntas, considerando o serviço no magistério estadual dos professores, nos últimos seis meses,

disponibilizados online e, abrangendo as categorias da Escala Likert¹³ ímpar de 5 níveis: 5 Concordo totalmente; 4 Concordo; 3 concordo parcialmente; 2 não concordo e 1 indiferente.

A Escala Likert é usada para coletar informações sobre um tópico específico, incluindo uma opção de resposta neutra ou indiferente, usada habitualmente em questionários e muita empregada em pesquisas de opinião.

Este estudo fez uso de 16 perguntas abrangendo os riscos químicos, físicos, biológicos e ergonômicos:

Riscos Biológicos: Existem bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros, no seu ambiente de trabalho; sua escola é higienizada (limpa) diariamente; existem animais peçonhentos em sua escola; os banheiros de sua escola são higienizados.

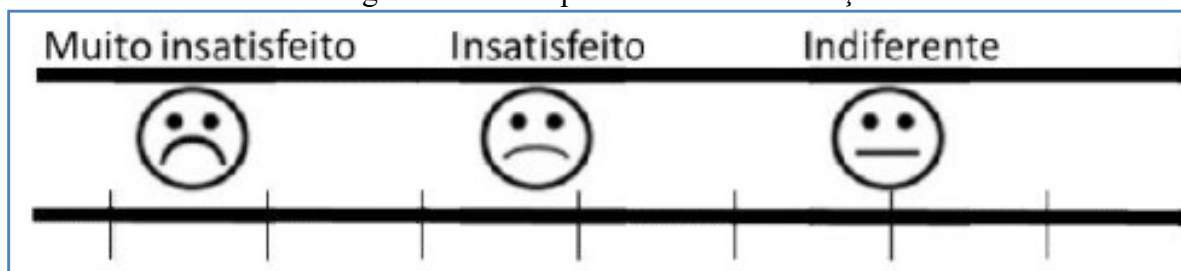
Riscos Químicos: A poeira de giz interfere em sua saúde; O cheiro de álcool dos pincéis atômicos interfere em sua saúde.

Riscos Físicos: O ruído em sala de aula atrapalha o seu desempenho; A ventilação existente é suficiente; A iluminação nas salas é satisfatória; existe precariedade na instalação elétrica em sua escola; existe precariedade na estrutura do prédio de sua escola; já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) realizada por alunos; já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) na escola por pais, colegas ou gestão escolar.

Riscos ergonômicos: Os movimentos repetitivos que executam interferem em sua saúde; você considera pesados os materiais didáticos que carrega; A postura inadequada (cadeiras e mesas inadequadas) pode causar adoecimento.

Para realizar a estratificação de dados do questionário, foi utilizado a Técnica de Análise de Conteúdo Quantitativo. Para se fazer uso dessa técnica é necessário criar uma escala de avaliação numérica com suporte de descritores textuais, como apresentado na figura 01;

Figura 1 - Escala para análise de satisfação



Fonte: Ulbricht (2016, p. 167).

¹³RensisLikert, criou a escalaLikert em 1932.

De acordo Ulbricht (2016) a análise de dados quantitativos é estruturada em tópicos principais ao desenvolvimento de uma pesquisa, apresentado da seguinte maneira:

1-VARIÁVEIS: Dentro da pesquisa científica, a variável seria um conjunto de dados de cada elemento, como por exemplo: idade, massa, classe socioeconômica ou gênero. A decisão mais importante a ser tomada é a utilização de testes paramétricos ou não paramétricos. Determinadas características de uma variável indicam a utilização de um grupo específico de testes. A forma de apresentação dos dados (tabelas, tipos de gráficos), entre outros. (ULBRICHT, 2016, p. 166).

VARIÁVEIS ORDINAIS: além de indicar características da amostra possuem a capacidade de serem ordenadas; algumas variáveis ordinais apresentam valores numéricos; O jeito mais fácil de compreender este tipo de variável é através de escalas conceituais não numéricas (sempre, frequentemente, às vezes, raramente, nunca). (ULBRICHT, 2016, p. 167).

EXECUTANDO TESTES DE NORMALIDADE: Os testes mais utilizados para a verificação da normalidade de uma distribuição em amostras grandes (>30) são os testes de Kolmogorov-Smirnov. (ULBRICHT, 2016, p. 167).

2- ESTATÍSTICA DESCRITIVA: a estatística descritiva é responsável por apresentar as características da amostra em cada variável e grupo de análise; estas medidas são capazes de representar em um único número todos os valores de um grupo de dados, como, por exemplo, uma variável (idade, tempo de trabalho etc.); as medidas são a moda, média, mediana, desvio padrão. (ULBRICHT, 2016, p. 168).

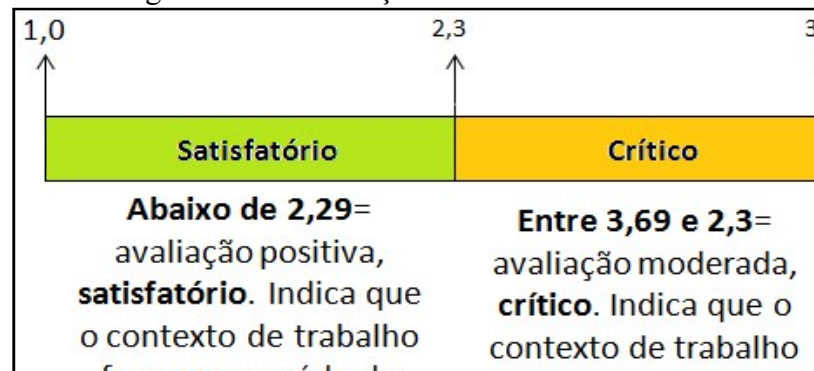
Andrade e Holanda (2010, p.260) relatam que: “o percurso da pesquisa depende do contexto em que ela se insere, sem esquecer que o pesquisador exerce influência sobre a situação da pesquisa e, por isso, também é influenciado”. Tal condição caracteriza o interesse na produção de um conhecimento interdisciplinar.

4.6.3 Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA)

Mendes (2007) elaborou e validou o ITRA (ANEXO C), com uma amostra heterogênea de 5.437 trabalhadores de empresas públicas federais do Distrito Federal. O ITRA é um inventário psicrométrico do tipo Likert ímpar de cinco níveis. Anchietta, Galinkin e Mendes (2011) destacam que o ITRA é composto de quatro escalas e 128 itens (afirmativos), e que cada escala é composta por aproximadamente 30 itens, sendo que os fatores possuem entre 9 e 12 itens.

A primeira escala que avalia o Contexto do Trabalho (EACT) é composta por três fatores: organização do trabalho (questões de 1 a 11); condições de trabalho (questões de 12 a 21); e, relações socioprofissionais (questões de 22 a 31). É uma escala de cinco pontos, onde: “1nunca, 2raramente, 3às vezes, 4 frequentemente, 5sempre” (MENDES, 2007, p.364). A interpretação dos resultados da EACT segue as recomendações de Mendes (2007), seguindo os critérios de Classificação de Risco (CR) apresentados na Figura 2:

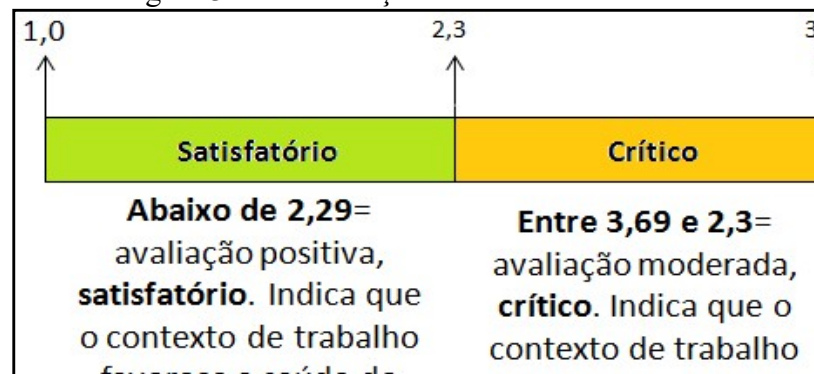
Figura 2 - Classificação de Risco EACT



Fonte: Mendes (2007), adaptada para este estudo.

A segunda escala avalia o Custo Humano do Trabalho (ECHT); compreende os fatores: Custo físico (questões de 1 a 10); custo cognitivo (questões de 11 a 20); custo afetivo (questões de 21 a 30). De igual forma faz uso de uma escala de cinco pontos, onde: “1 nada exigido, 2 pouco exigido, 3 mais ou menos exigido, 4 bastante exigido, 5 totalmente exigido” (MENDES, 2007, p.365). A interpretação dos resultados da ECHT segue as recomendações Mendes, (2007), seguindo os critérios de Classificação de Risco (CR) apresentados na Figura 3:

Figura 3 - Classificação de Risco ECHT



Fonte: Mendes (2007), adaptada para este estudo.

As escalas EACT e ECHT são avaliadas seguindo os critérios de grave, crítico e satisfatório. A terceira escala avalia os Indicadores de Prazer-Sofrimento no Trabalho (EIPST); é composta por dois fatores que avaliam o prazer: realização profissional (questões de 1 a 9) e a liberdade de expressão (questões de 10 a 17). Estes são itens positivos. Os fatores que avaliam o sofrimento do trabalho são os itens: esgotamento profissional (questões de 18 a 24) e falta de reconhecimento (questões de 25 a 32).

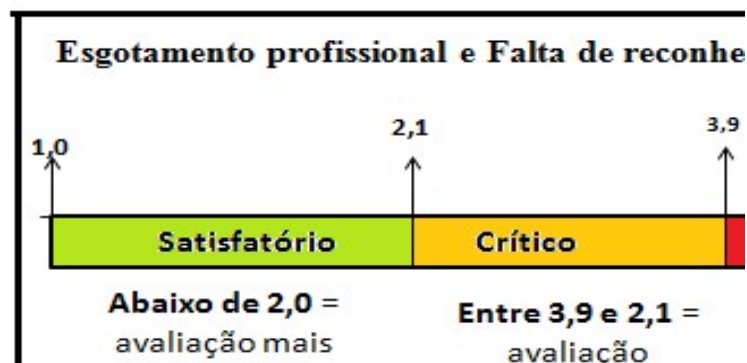
As possibilidades de resposta estão dispostas numa escala de sete pontos, que avalia a ocorrência das vivências dos indicadores de prazer-sofrimento nos últimos seis meses de trabalho, todavia neste estudo, utilizou-se uma escala, em que 1nunca, 2 raramente, 3 às vezes, 4 frequentemente, 5sempre (MENDES, 2007). A interpretação dos resultados da EIPST segue as recomendações Mendes (2007), seguindo os critérios de Classificação de Risco (CR) apresentados na Figura 4 e 5:

Figura 4 - Classificação de Risco (CR): Realização profissional e Liberdade de expressão



Fonte: Mendes (2007), adaptada para este estudo.

Figura 5 - Classificação de Risco (CR): Esgotamento Profissional e Falta de reconhecimento



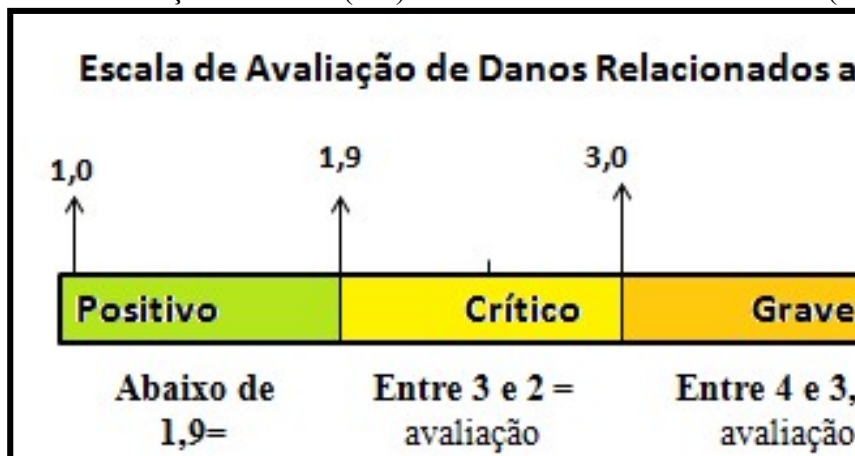
Fonte: Mendes (2007), adaptada para este estudo.

O quarto instrumento é a Escala de Avaliação de Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT). Representa a manifestação dos efeitos do trabalho para a saúde dos trabalhadores considerando: problemas físicos (questões de 1 a 12); problemas sociais (questões de 13 a 19); problemas psicológicos (questões de 20 a 29).

As questões avaliadas requerem respostas onde: 1=nunca, 2=raramente, 3=às vezes, 4= frequentemente, 5=sempre (MENDES, 2007, p.367). A interpretação dos resultados da

EADRT segue as recomendações Mendes (2007), de acordo com os critérios de Classificação de Risco (CR) apresentados na Figura 6, a seguir:

Figura 6 - Classificação de Risco (CR): danos relacionados ao trabalho (EADRT)



Fonte: Mendes (2007), adaptada para este estudo.

Para a análise e organização dos dados do ITRA foram utilizados recursos de estatística do software SPSS (*Statistics (Statistical Package for the Social Sciences)*) version 22, edição 32 bits. Foi utilizada a Estatística Descritiva, com a tabulação temática em planilhas do sistema Excel, versão do Microsoft® Windows 10. Nos testes estatísticos utilizados (Teste de Qui-Quadrado e Alfa de Cronbach), consideraram-se os níveis de significância: valor $p < 0,05$ e $p < 0,01$, ou seja, 5% e 1%, percentuais satisfatórios, limite de probabilidade de erro, não sendo significativas as diferenças que tiverem uma probabilidade acima desse limite, representando percentuais de confiança de 99,0% e 95,0%.

Na análise do ITRA, primeiramente, este estudo realizou a aplicação do Alfa de Cronbach a todas as escalas e, resultou na confirmação da confiabilidade – todas elas obtiveram índice superior a 0,70 indicando boa consistência dos dados. Considera-se que “valores acima de 0,70 são confirmativos da fidedignidade da medida a que o instrumento se propõe”. (PRESTES *et.al*, 2011, p. 29).

Ao considerar o ITRA composto por quatro escalas e que cada escala é composta por fatores, que por sua vez são compostos por vários itens, a análise do instrumento ocorreu da seguinte maneira: foi analisado cada um dos itens que compõem cada fator das escalas, com a realização de cálculos da média e desvio padrão e, a classificação de risco de cada um dos itens que compõem cada fator, seguindo as recomendações dos autores do ITRA, de que: “também é importante analisar os dois itens do fator avaliados com médias mais altas e mais

baixas, a fim de identificar quais são as situações que estão influenciando nos resultados gerais”. (MENDES, 2007, p. 116).

4.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto foi submetido na Plataforma Brasil e foi aprovado sob o parecer número 5.053.767 (ANEXO D), conforme preconiza a Resolução CNS 510/2016. Foi fornecido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), junto com os instrumentos de coleta de dados disponibilizados *online*, onde os participantes tomarão conhecimento formal e, as condições de sua participação neste estudo, ficando explicitado que sua resposta aos instrumentos implica automaticamente no aceite dos termos previstos no TCLE.

O item 9.8 do Manual Operacional para Comitês de Ética em Pesquisa, elaborado pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP (2002) destaca que no caso de preenchimento de questionário anônimo *online*, as respostas aos questionários configuram seu consentimento em participar da pesquisa. Neste caso fica dispensada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os dados encontrados estão de posse do pesquisador responsável e serão guardados por um período de cinco anos.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentados os resultados obtidos na pesquisa *survey* onde os dados sociodemográficos, questionário ocupacional e dados das Escalas do ITRA são analisadas, interpretadas e realizadas discussões com outros estudos e autores. Para concluir este estudo são apresentadas ações sobre a importância melhorias no contexto laboral dos professores para Promoção da qualidade de vida.

5.1 ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Esta seção apresenta os resultados obtidos a partir do conjunto de dados coletados na pesquisa *survey*. A primeira pergunta foi direcionada à forma de admissão do professor. Os dados encontrados estão disponíveis no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Forma de admissão na Educação

Admissão	Número de Participantes	%
ACT	28	7,35
Efetivo	353	92,65
Estagiário	0	-
Não informado	0	-
Total	381	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

Participaram deste estudo 381 profissionais, 28 professores ACT e 353 efetivos. Os critérios para atuar como professor da Rede Estadual de Educação é como concursado (efetivo) ou ACT (contratado).

A Constituição Federal seu Artigo 208, Inciso I, destaca o dever do Estado à efetivação da educação básica, sua obrigatoriedade e gratuidade dos 04 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta a todos que a ela não tiveram acesso na idade própria (PEE/SC¹⁴, 2015). Criada em 1996 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) sofreu algumas alterações através da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, reafirmados os princípios constitucionais e registrando que a cada etapa da Educação Básica pode corresponder uma ou mais modalidades de ensino gratuitas, quais sejam: Pré-escola;

¹⁴Plano Estadual de Educação de Santa Catarina- Decênio 2015-2024

Ensino Fundamental; Ensino Médio, abrange a Educação de Jovens e Adultos, Educação Especial, Educação Profissional e Tecnológica, Educação do Campo, Educação Indígena, Educação Quilombola e Educação a Distância (PEE/SC, 2015).

A Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 assegura a formação dos profissionais da educação:

Art. 62-A. A formação dos profissionais a que se refere o inciso III do art. 61 far-se-á por meio de cursos de conteúdo técnico-pedagógico, em nível médio ou superior, incluindo habilitações tecnológicas. Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada para os profissionais a que se refere o caput, no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação.

O contexto histórico da Educação em Santa Catarina iniciou ao final do século XIX, com a implantação das Escolas Normais, destinadas à formação de professores, e consolidou-se a partir dos anos 20, do século XX, com as primeiras reformas educacionais. A implantação do primeiro Plano Estadual de Educação ocorreu através da Lei nº 8.828/1969, e apresentava regras e procedimentos administrativos para a implantação do Sistema Estadual de Ensino, para o período de 1969 a 1980 (PEE/SC, 2015).

Com a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) em 2001- Lei nº 10.172/2001, com vigência para o decênio 2001 a 2010, deu início a criação e implantação dos Planos nos Estados e Municípios. Em 2002 Santa Catarina inicia o processo de elaboração do Plano. O atual Plano Estadual de Educação de Santa Catarina (PEE/SC) é previsto para vigorar no decênio 2015 a 2024.

Para fazer parte do quadro de profissionais da educação de Santa Catarina, o professor precisa ser concursado ou ACT. Em 1986 foi criado em Santa Catarina o Estatuto do Magistério Público, que estabelece normas de Direito Administrativo aplicadas ao pessoal do magistério público estadual concursado: docentes e especialistas em assuntos educacionais, todos educadores, nomeados de acordo com as disposições deste Estatuto.

A Lei nº 16.861, de 28 de dezembro de 2015, foi criada para garantir a contratação de profissionais da educação em caráter temporário - ACT.

Disciplina a admissão de pessoal por prazo determinado no âmbito do Magistério Público Estadual, para atender a necessidade temporária de excepcional interesse público, sob regime administrativo especial, nos termos do inciso IX do art. 37 da Constituição da República.

Este estudo foi direcionado aos professores efetivos de Santa Catarina, deste modo os 7,35% de participantes de ACTs, seguindo os critérios de exclusão foram retirados da análise

dos dados. Os professores ACTs são chamados conforme a necessidade das escolas estaduais, para o preenchimento de vagas disponibilizado por afastamento do professor efetivo ou pela existência de vagas excedentes que não foram efetivadas em concurso público. São professores que terão contratos temporários com o estado.

Os professores efetivos possuem estabilidade de emprego, descrito no artigo 41 da Constituição do Brasil: “são estáveis após três anos de efetivo exercício os servidores nomeados para cargo de provimento efetivo em virtude de concurso público”. Os professores efetivos são aprovados em concurso público, seja ele, na esfera municipal, estadual ou federal, adquirindo desta forma a estabilidade no emprego.

A segunda pergunta do questionário sociodemográfico pretendeu identificar a função exercida pelos professores. Como se tratou de uma pergunta direcionada a uma resposta específica, os dados encontram-se distribuídos no Quadro 5:

Quadro 5 - Distribuição amostral, segundo a Função exercida

Função	Número de Participantes	%
Professor (a)	110	28,87
Segundo (a) professor (a)	2	0,52
Supervisor (a) Escolar (a)	0	-
Assistente de educação	2	0,52
Assistente técnico pedagógico	0	-
Orientador (a) Educacional	5	1,31
Secretária (o)	0	-
Bibliotecário (a)	1	0,26
Administrador Escolar	4	1,04
Especialista	0	-
Assessor (a) de direção	8	2,09
Diretor (a)	2	0,52
Readaptado (a).	0	-
Não informado.	247	64,82
Outra função	0	-
Total	381	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

Observa-se no Quadro 5 a participação de 110 professores totalizando 28,87%; e 6,26% de outros profissionais. Destaca-se um percentual de 64, 82% de profissionais que não quiseram se manifestar quanto a sua área de atuação. Considerando os critérios de exclusão, fizeram parte deste estudo 345 participantes, 39 professores do sexo masculino (11%) e 117 do sexo feminino (34%) (Quadro 3) e 189 não informaram seu sexo (55%).

É possível observar o percentual significativo de professores do sexo feminino. Os dados identificados neste estudo vão ao encontro dos dados identificados no Censo Escolar do Brasil (2020): entre os 2,2 milhões de professores que lecionam até o Ensino Médio, o sexo feminino representa 81% destes profissionais ou 1,8 milhões de mulheres. No entanto nas universidades onde o salário é maior, elas representam 45,28% e os homens 54,72%” (INEP, 2021).

Um debate importante na historiografia da História Antiga é a questão da mulher e suas representações sociais ou políticas. Tal qual como reforça Silva *et.al* (2005) sobre o papel da mulher na sociedade, há que se voltar o olhar para os primórdios da existência de nossa sociedade, dando ênfase à formação do sujeito, seus grupos e classes sociais (SILVA,

Nesse sentido, a importância do papel da mulher no desenvolvimento das sociedades antigas até os dias atuais é um debate relevante na perspectiva das representações atribuídas às mulheres, algumas vezes como submissas e, outra como figura de comando. Em muitas situações, mesmo com mulheres influentes no poder, elas precisavam da figura masculina ao seu lado para aceitação social.

A presença da mulher na educação brasileira apresenta uma trajetória crescente. No Período Colonial, sua educação era no lar, voltada especificamente para as atividades domésticas. Expõe Hanher (1981, p.24), “somente em meados do século XIX que a participação feminina teve seu início, timidamente, pois os colégios destinados às mulheres eram particulares e, dessa maneira somente as meninas de origem abastada tinham acesso”.

Com relação ao ensino público, o ingresso feminino na escola ocorreu após a fundação da Escola Normal, em 1880, na Corte do Rio de Janeiro. Para Ribeiro (2018) as professoras formadas pela Escola Normal (geralmente filhas dos fazendeiros) passaram a lecionar instrução primária, o que atualmente corresponde aos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, às crianças e aos adolescentes do sexo feminino, das camadas populares.

Os dados do Censo do Brasil corroboram os dados descritos no Plano Estadual de Educação de Santa Catarina- 2015-2024, onde as profissionais femininas totalizam 82,3 % de um total de 75.500 docentes, cuja maioria tem entre 33a 50 anos de idade. No que refere a idade, esta pesquisa identificou a maioria dos que responderam se encontram nas faixas etárias de 32 a 52 anos totalizando 34%, o que pode ser observado no Quadro 6:

Quadro 6 - Idade dos participantes

Faixa Etária	Número de Participantes	%
20 a 25 anos	4	1
26 a 31 anos	22	6
32 a 45 anos	40	12
46 a 51 anos	40	12
52 anos ou mais	33	10
Não Informado	206	60
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A caracterização dos professores em relação ao sexo e em relação à idade e gênero se encontra no Quadro 7, onde se observa que 114 participantes são mulheres, enquanto 42 são homens.

Quadro 7 - Distribuição amostral, segundo a idade e sexo

Faixa etárias	Número de Participantes		
	Feminino	Masculino	Não Informado
20 a 25 anos	2	2	
26 a 31 anos	13	9	
32 a 45 anos	29	11	
46 a 51 anos	31	8	
52 anos ou mais	23	10	
Não Informado			243
Total	98	40	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 7 apresenta que a maior parte dos professores que responderam a pergunta, são do sexo feminino e pertence à faixa etária entre 32 a 52 anos. Os números identificados neste estudo aproximam-se aos números do Censo Escolar de Santa Catarina de 2020, que contabilizou um total de 84.584 docentes na Educação Básica, cuja maioria tem de 30 a 59 anos de idade. Estes dados identificados expõem que ainda compete à mulher a função de educar.

No que se refere ao estado civil dos participantes, este estudo identificou que: os: Solteiro (7%); Casado (23%); União estável (10%); Viúvo (1%); Divorciado (4%); Separado (0%); Não informado (56%). E possível observar que 33% dos participantes possuem cônjuges, destes 90 participantes são do sexo feminino, dados apresentados no Quadro 8 que apresenta a caracterização dos professores do sexo masculino e feminino, em relação à variável estado civil.

Quadro 8 - Distribuição amostral, segundo o estado civil e sexo

Estado Civil	Número de Participantes		
	Masculino	Feminino	Não Informado
Solteiro	6	17	
Casado	12	66	
União estável	11	24	
Viúvo	4	0	
Divorciado	5	9	
Separado	0	0	
Não informado			191
Total	38	116	191

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O quadro 8 apresenta que o número maior de casamento e união estável pertence à categoria “feminina”. Segundo dados da agência Brasil¹⁵ (2022, p.02) os divórcios no Brasil caem 13,6% em 2020 em relação a 2019.

Os divórcios no Brasil caíram 13,6% em 2020 em relação a 2019, o equivalente a 52.101 divórcios a menos. Ao todo, foram registrados 331.185 divórcios concedidos, dos quais 249.874 (75,4%) judiciais e 81.311 (24,6%) extrajudiciais lavrados em cartório. Em 2019, foram contabilizados 383.286 divórcios.

A Agência Brasil (2022) pontua que a idade média dos cônjuges na data do divórcio era de 40 anos para as mulheres e 43 anos para os homens, e o tempo médio de casamento ficou em torno de 13 anos. O período médio de casamento foi de menos de dez anos em 49,8% dos divórcios. Em 24,2%, os casamentos duraram entre dez e 19 anos.

Enquanto em 2020 os divórcios no Brasil caíram 13,6%, conforme noticiado pelo Instituto Brasileiro de Direito de Família – IBDFAM, o país bateu o recorde de separações em 2021. Dados do Colégio Notarial do Brasil – CNB revelam que foram registrados 80.573 divórcios em 2021, o maior número desde 2007. Ao pesquisar sobre ter ou não ter filhos foi identificado que 42,60% relatam que têm filhos e 57,39% dos participantes não responderam esta pergunta. Os dados quanto ao número e percentual de filhos, estão distribuídos no Quadro 9:

Quadro 9 - Distribuição amostral, segundo o número de filhos

Número de Filhos	Número de Participantes	%
Zero	35	10
1 filho	56	16
2 filhos	30	9
3 filhos	23	7

¹⁵Estatísticas do Registro Civil - Divórcios 2020, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

4 filhos	3	1
5 ou mais filhos	0	0
Não informado	198	57
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 9 evidencia que 25% dos participantes têm entre 1 e 2 filhos; 10% não têm filhos e 8% têm entre 3 e 4 filhos. Nos últimos anos no Brasil, a redução no número de filhos por mulher aconteceu de forma progressiva: à taxa é de 6,16 em 1940 para 1,87 em 2010. Por volta de 2030, deve ser alcançado o patamar de 1,5, que permanecerá estável até 2050 (ONU, 2021).

O grau de escolaridade identificado entre os participantes está distribuído no Quadro 10, que evidencia a busca por Pós- graduação: especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado que juntos somam 43% dos participantes.

Quadro 10 - Distribuição amostral, segundo o grau de escolaridade

Grau de escolaridade	Número de Participantes	%
Ensino Médio completo	0	0
Graduação completa	4	1
Graduação incompleta	0	0
Pós-graduação (completa)	90	26
Pós-graduação incompleta	5	1
Mestrado	25	7
Mestrado incompleto	8	2
Doutorado	2	1
Doutorado incompleto	18	5
Pós-doutorado	4	1
não informado	189	55
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

No que se refere à variável grau de escolaridade, os dados identificados em relação ao sexo masculino e feminino estão distribuídos no Quadro 11:

Quadro 11 - Distribuição amostral, segundo o grau de escolaridade e sexo

Grau de escolaridade	Número de Participantes		
	Masculino	Feminino	Não Informado
Ensino Médio completo	0	0	
Graduação completa	2	2	
Graduação incompleta	0	0	
Pós-graduação (completa)	26	64	
Pós-graduação incompleta	1	4	

Mestrado	6	19	
Mestrado incompleto	3	5	
Doutorado	0	2	
Doutorado incompleto	1	17	
Pós-doutorado	0	4	
Não informado			189
Total	39	117	189

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 11 apresenta que 115 participantes, do sexo feminino possuem maior grau de escolaridade. As mulheres são mais instruídas que os homens e com mais acesso ao ensino superior, e as mulheres mais jovens são a maioria no ensino superior. Em uma pesquisa realizada por Luciane e Carneiro (2021, p. 03) foi identificado que “grupo de 25 a 34 anos, 25,1% das mulheres tinham nível superior e 18,3% dos homens. Já na faixa entre 35 e 44 anos, as taxas são de 24,4% e 17,3%, respectivamente”. No grupo de 45 a 54 anos, 19,4% das mulheres tinham nível superior e 13,8% dos homens.

Dados do IBGE (92021) corroboram com os achados do quadro 11, onde em 2019 a população com 25 anos ou mais, estava representada por 19,4% das mulheres e 15,1% dos homens com nível superior completo. Em relação ao tempo de serviço no Magistério neste estudo, as categorias mais expressivas são: 9 e 12 anos representada por 15% dos participantes; em seguida, aqueles que tinham acima de 20 anos, com 13% do total de participação. Destaca-se 55% de professores que não responderam a essa pergunta. Os dados identificados estão apresentados no Quadro 12:

Quadro 12 - Distribuição amostral, segundo o tempo de serviço

Tempo de Serviço	Número de Participantes	%
Entre 6 meses e 2 anos	0	0
Entre 3 e 5 anos	14	4
Entre 6 e 8 anos	15	4
Entre 9 e 12 anos	48	15
Acima de 13 anos	28	7
Acima de 20 anos	44	13
Em fase de aposentadoria	7	2
Não informado	189	55
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

Não obstante 55% dos participantes não responderem a questão questionada, o quadro apresenta uma informação interessante, onde demonstra que 15% da população consultada, apresentam uma estabilidade laboral significativa, envolvendo um tempo de serviço na

Instituição, entre nove e doze anos, o que implica um peso substancial às condições de trabalho a que são submetidas, bem como aponta para a significância da experiência nas atividades de docência. Ao realizar esta pesquisa, um dos critérios de participação foi o (a) professor (a) não se encontrar em estágio probatório.

O servidor público, após o ato de posse, passa pelo Estágio Probatório período de 3 anos de efetivo exercício profissional, um dos requisitos para se alcançar a estabilidade. Durante os 3 anos de Estágio Probatório o servidor é avaliado por seu superior hierárquico imediato por requisitos relacionados à idoneidade moral, assiduidade, disciplina e eficiência. (SED- DECRETO Nº 2.000, DE 13 DE JUNHO DE 2022).

Quanto ao tempo de trabalho do professor em relação ao sexo, os percentuais mais expressivos são de mulheres. Os dados encontrados estão apresentados no Quadro 13:

Quadro 13 - Distribuição amostral, segundo o tempo de serviço e sexo

Tempo de serviço	Número de Participantes		
	Masculino	Feminino	Não Informado
Entre 6 meses e 2 ano	0	0	
Entre 3 e 5 anos	6	8	
Entre 6 e 8 anos	5	10	
Entre 9 e 12 anos	13	39	
Acima de 13 anos	4	20	
Acima de 20 anos	10	34	
Em fase de aposentadoria	1	6	
Não informado			189
Total	39	117	189

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 13 apresenta o número de participantes significativo do tempo de serviço do sexo feminino (117) em relação ao masculino (39). Dados que vem ao encontro dos percentuais identificados quanto ao grau de formação, evidenciando a mulher à frente da educação de Santa Catarina. O Quadro 12 complementa e justifica o Quadro 13, que avalia o tempo de serviço e, mostra a eficácia das avaliações efetuadas do servidor, durante seu Estágio Probatório, onde é avaliada sua idoneidade moral, assiduidade, disciplina e eficiência, mas mostra também sua perfeita adaptação aos riscos biopsicossociais presentes em seu ambiente de no trabalho.

Quando a jornada de trabalho este estudo identificou que dos participantes 55% não responderam; 29% relatam que trabalham 40h; 5% trabalham 60h; 5% relatam que a jornada é de 20h; 3% possuem a jornada de 50h; 2% trabalham 30h e 1% possui a jornada de 10h.

Quanto a ter outro emprego informal, 56% não responderam à pergunta, 10% relatam que sim, 34% não possuem outro emprego este percentual pode estar relacionado à sobrecarga dos professores, como foi pontuado no referencial teórico. Onde professores passam horas corrigindo trabalhos, provas, leituras, as preparações de aulas, planejamentos, trabalham em mais de uma escola, jornadas duplas ou triplas, para complementar o salário, muitos consideram a remuneração baixa, injusta em relação às suas atribuições.

Quanto à habitação dos participantes, os percentuais encontrados são: Própria (21%); Alugada (7%); Financiada (11%); Cedido (1%); mora com Familiares (6%); Não Informado (55%). Observando os percentuais observa-se que 32% possuem residência. O interesse pela conquista da casa própria tem refletido nos gastos das famílias, o que leva o professor a estender a sua jornada de trabalho.

No que se refere ao tabagismo, identificou-se que: 197 participantes não responderam a pergunta (57%), 130 relataram que não fumam (38%) e 18 participantes relataram que fumam (5%). Dos participantes que fumam, 8% relatam que fumam entre 1 vez ao dia ou mais vezes ao dia. Os resultados acerca de quantas vezes fumam durante o dia, estão distribuídos no Quadro 14:

Quadro 14 - Distribuição amostral, segundo quantas vezes fumam

Quantas vezes ao dia	Número de Participantes	%
Nenhuma vez ao dia	96	28
Fuma 1x ao dia	6	2
Fuma 2x ao dia	2	1
Fuma 3x ao dia	2	1
Fuma 4x ao dia	6	2
Fuma 5x ao dia	3	1
Fuma mais vezes ao dia	3	1
Não informado.	227	66
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Ministério da Saúde (2021) expõe que o número de fumantes caiu 40% no Brasil nos últimos 12 anos. Pessoas com o hábito de fumar passaram de 15,6% da população em 2006 para 9,3% em 2018, 90% da população brasileira não têm o hábito de fumar. Os homens ainda fumam mais do que as mulheres, a porcentagem de fumantes é de 12,1%, a parcela de mulheres fumantes é 6,9%.

O uso de bebida alcoólica foi confirmado por 26% dos participantes; 14% pontuam que não fizeram uso e 59% não quiseram responder. O Quadro 15 expõe a quantidade de vezes que os participantes fazem uso de álcool.

Quadro 15 - Distribuição amostral, segundo quantas vezes por dia o professor faz uso de bebida

Quantas vezes ao dia	Número de Participantes	%
Nenhuma vez na semana	52	15
1 vez por semana	41	12
2 vezes por semana	14	4
3 vezes por semana	4	1
Mais vezes na semana	6	2
Nenhuma vez ao dia	1	0
1 vez ao dia	0	0
2 vezes ao dia	0	0
3 vezes ao dia	0	0
Várias vezes ao dia	0	0
Não Informado	227	66

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 15 apresenta que 19% dos entrevistados fazem uso da bebida mais de uma vez na semana e dia. Esses percentuais identificados neste estudo veem de encontro com dados apurados por Leão *et.al.* (2022) quando realizaram uma pesquisa com 15.641 professores de 795 municípios mineiros, em escolas públicas de Minas Gerais e identificaram que 53,1% não fazem uso de bebida, enquanto 17,6% fazem uso um a dois dias por semana, e 30,2% ingeriram entre uma e duas doses por dia.

Durante a pandemia no Brasil houve um aumento do consumo de álcool de 17,6% da população adulta, expõem Leão *et.al* (2022). De modo semelhante, os estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA, 2022) realizaram uma pesquisa com professores do Ensino Médio e identificaram que o consumo de bebidas alcoólicas é uma prática recorrente, onde 56,57% dos 76 profissionais entrevistados eram usuários de álcool.

O alcoolismo e o tabagismo estão associados à precariedade no trabalho, ao estresse pessoal e profissional, o que causa prejuízo tanto ao trabalhador quanto a sua atuação. A maior incidência de consumo de álcool é entre os professores das escolas particulares, em comparação às escolas públicas, devido ao cansaço físico e mental e os estresses estão entre os principais agravos na saúde dos professores. (UFPA, 2021).

A abordagem do uso da bebida alcoólica pelo profissional da educação se faz relevante nesta pesquisa, tanto quanto o é o hábito de fumar, posto que o educar não se refere

tão somente ao definido no PPP do curso, pois que a educação querendo ou não extrapola os portões físicos da escola e, invadem a vida vivida do discente em um amplo sentido. Conforme abordado no Quadro 15, essa questão é muito mais de ordem social, do que pedagógica, mas não há como negar que poderá interferir com o rendimento do professor em sua atividade e, por conseguinte poderá interferir com o aspecto pedagógico.

Sobre atividade física, este estudo identificou que 23% relatam que realizam atividades físicas; 22% não realizam e 55% responderam. O quantitativo de vezes na semana que o professor realiza atividade física está distribuído no Quadro 16:

Quadro 16 - Distribuição amostral, segundo o número de vezes que pratica atividade física

Atividade Física	Número de Participantes	%
Algumas vezes ao mês	19	6
Esporadicamente	12	3
1x p/semana	30	9
2x p/semana	24	7
3x p/semana	17	5
5x p/semana	0	0
Todos os dias	0	0
Não informado	243	70
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 16 apresenta que 30% dos entrevistados realizam atividades e 70% dos professores não responderam essa pergunta. Devido à pandemia aumentou o sedentarismo, dados fizeram com que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) emitisse novas recomendações a respeito da quantidade de esforço físico. A busca por dados que aferem a atividade física dos docentes, se fazem pertinente em face do exercício físico ajudar a prevenir patologias crônicas como doenças cardíacas e doenças vasculares, já que fortalece o músculo cardíaco, melhora a circulação sanguínea, reduz os níveis do colesterol ruim (LDL) e aumenta os níveis de colesterol bom (HDL). Essa condição além de demonstrar a condição física do docente, indica a possibilidade de um estado de saúde adequado às suas atividades, consonante a um melhor índice de absenteísmo em face de deficiências ligadas à saúde pessoal.

Para pessoas adultas a recomendação é que realizem atividades físicas moderadas de 150 a 300 minutos ou de 75 a 150 minutos de atividade física intensa, quando não houver contraindicação médica. Dados da OMS (2017) comprovam que o sedentarismo afeta 70% da população mundial é responsável por 2.000.000.00 de mortes ao ano no mundo inteiro e por

75% dos óbitos nas Américas. “O resultado do IMC evidenciou certa equivalência entre os docentes classificados como eutróficos (46,8%) e sobrepeso (36,9%), e a minoria (16,2%) apresentou obesidade”. (DIAS *et.al.*, 2017, p.3).

Dias *et.al.* (2017) realizaram uma pesquisa com 121 docentes de uma Universidade do Paraná, concluíram que a maioria dos pesquisados (53,1%) encontrava-se com sobrepeso e obesidade, com indícios de pouca atividade física, o que pode corroborar o acúmulo excessivo de gordura corporal identificada pelos autores entre os participantes. Um dos agravantes na saúde dos diferentes profissionais são o sedentarismo e entre eles os professores, devido à sobrecarga de atividades diárias longas e estressantes, acompanhada pela falta de atividade, inclui o sobrepeso, alimentação inadequada, uso de bebida alcoólica. Estudos comprovam que as atividades físicas reduzem o risco de adoecimento.

O Quadro 17 apresenta a distribuição amostral de doenças virais contraídas no ambiente de trabalho por professores.

Quadro 17 - Distribuição amostral, doenças contraídas no ambiente de trabalho

Doenças	Número de Participantes	%
Tuberculose	0	0
Malária	2	1
Febre Amarela	0	0
Covid-19	31	9
Influenza A/H1n1	13	4
Leptospirose; Varicela	0	0
Dengue	0	0
Chikungunya	0	0
Zika	0	0
Caxumba	1	0
Sarampo	1	0
Hepatite	2	1
Leishmaniose	3	1
Meningite	2	1
Poliomielite	0	0
Rubéola	3	1
Impetigo	1	0
Escabiose; Virose	9	3
Não Informado	277	80
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 17 evidencia que das doenças virais citadas as que mais afastaram professores das suas atividades laborais foram o Covid-19 (9%) e Influenza A/H1n1 (4%) e Virose (3%). A pesquisa foi realizada durante a Pandemia do Covid-19, o vírus afetou

diferentes pessoas de diferentes maneiras, em todos os lugares e não escolheu classes sociais. O Covid-19 levou a óbito 6,52 pessoas no mundo. No Brasil, o total de mortes foi de 685 mil. Em Santa Catarina, foram 22.382 mortes.

A Influenza A (H1N1), ficou conhecida como gripe suína, se propagou desde 2009, e é combatida com vacinas. As atividades preventivas, no Brasil, têm-se mostradas eficientes, reduzindo o índice de mortalidade entre a população, bem como amenizando o impacto econômico negativo, que quaisquer epidemias sempre levam à sociedade, como é possível detectar com os exemplos que seguem: a Influenza A (H1N1) e é combatida com vacinas, a gripe já matou cerca de 18 mil pessoas por causa da gripe suína, mas, em um estudo posterior, este quantitativo foi revisto para 200 mil (OMS, 2020).

O quadro 18 apresenta as doenças virais que afastaram os alunos das aulas.

Quadro 18 - Distribuição amostral, doenças que ocasionou afastamento de alunos

Doenças que afastou alunos das aulas	Número de Participantes	%
Tuberculose	1	0
Malária	4	1
Febre Amarela	0	0
Covid-19	115	33
Influenza A/H1N1	6	2
Leptospirose; Varicela	0	0
Dengue	1	0
Chikungunya	0	0
Zika	0	0
Caxumba	1	0
Sarampo	1	0
Hepatite	0	0
Leishmaniose	0	0
Meningite	1	0
Poliomielite	0	0
Rubéola	2	1
Impetigo	0	0
Vírose	9	3
Não Informado	204	59
Total	345	100%

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

Este quadro, a exemplo de seus antecessores, mostra a realidade do Estado de Santa Catarina e, se faz relevante dado que as viroses são sazonais, com incidências por vezes específicas para cada região do Brasil. Sua importância, no entanto, é real pelo fato de servir como indicativo de medidas preventivas em todos os âmbitos da sociedade.

Este questionário sociodemográfico identificou a Coordenadoria Regional de Educação (CRE) de atuação dos professores, esta categoria foi deixada de livre resposta para os participantes responderem. As cidades foram agrupadas de acordo com cada região do estado. Os dados encontrados estão distribuídos no Quadro 19:

Quadro 19 - Distribuição amostral dos participantes, segundo Regiões de SC

Regiões de SC	Número de participantes	%
Grande Florianópolis	18	5,2
Norte	9	2,6
Oeste e meio/oeste	40	11,6
Serrana	15	4,3
Sul	40	11,6
Vale do Itajaí	34	9,9
Não relataram sua cidade de residência	189	54,8
Total	345	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O Quadro 19 apresenta que as regiões com maiores números de participantes foram Oeste e Meio/Oeste (11,6%) e Sul (11,6%), que não responderam (54,8%) e as demais regiões somam (22%). Este quadro apresenta a extensão do universo docente no Estado de Santa Catarina e, por conseguinte serve de parâmetro para se avaliar a dimensão de eventos a serem considerados, quando se aborda quaisquer intervenções na área docente do Estado.

Na próxima seção são apresentados os dados e análise do questionário do ambiente ocupacional dos professores.

5.2 ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS OCUPACIONAIS

Na estratificação dos dados este estudo utilizou a Técnica de Análise de Conteúdo Quantitativo de Ulbricht (2016), onde foi encontrada a média das respostas, desvio padrão, valor Alfa e classificação de risco. A análise dos dados seguiu a classificação de risco de Mendes (2007) utilizando a Escala psicométrica Likert, ímpar de 5 níveis de Rensis Likert (1932). Considerando: 5 Concordo totalmente; 4 Concordo; 3 concordo parcialmente; 2 não concordo e 1 indiferente. Assim a classificação de risco consistiu em:

- Acima de 4:avaliações graves (Concordo totalmente; Concordo);
- Entre 3,9 e 2,1: avaliação crítica (concordo parcialmente);
- Abaixo de 2,0: avaliação satisfatória (não concordo e indiferente)

Os riscos no ambiente ocupacional dos professores, considerando a exposição aos agentes biológicos, químicos, físicos, ergonômicos (ZANELLI; KANAN, 2019) encontram-se expostos na Tabela 1, que apresenta o resultado da média ($\bar{x}$) das respostas, desvio padrão (σ), valor Alfa (α) e a classificação de risco (y). O questionário utilizado para investigar o ambiente ocupacional dos professores abrangeu 16 perguntas.

O valor alfa encontrado nas 16 perguntas do questionário é de $\alpha = 0,993$. O valor Alfa de Cronbach é a média das correlações entre os itens que fazem parte do questionário, onde os valores aceitáveis são os recomendados pela literatura: entre 0,70 a 0,95.

Tabela 1 - Distribuição dos resultados estatísticos dos dados coletados referentes ao ambiente ocupacional

Riscos Biológicos	$\bar{x}$	σ	y	α
Existem bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros, no seu ambiente de trabalho	2,86	1,68	Crítico	0,993
Sua escola é higienizada (limpa) diariamente	3,06	1,63	Crítico	
Existem animais peçonhentos em sua escola	2,06	1,28	Crítico	
Os banheiros de sua escola são higienizados	3,08	1,61	Crítico	
Riscos Químicos	$\bar{x}$	σ	y	
A poeira de giz interfere em sua saúde	2,72	1,85	Crítico	
O cheiro de álcool dos pincéis atômicos interfere em sua saúde	1,88	1,46	Satisfatório	
Riscos Físicos	$\bar{x}$	σ	y	
O ruído em sala de aula atrapalha o seu desempenho	3,26	1,76	Crítico	
A ventilação existente é suficiente	2,38	1,39	Crítico	
A iluminação nas salas é satisfatória	2,59	1,47	Crítico	
Existe precariedade na instalação elétrica em sua escola	2,94	1,73	Crítico	
Existe precariedade na estrutura do prédio de sua escola	2,88	1,66	Crítico	
Já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) realizada por alunos	2,97	1,73	Crítico	
Já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) na escola por pais, colegas ou gestão escolar	2,90	1,70	Crítico	
Riscos ergonômicos	$\bar{x}$	σ	y	
Os movimentos repetitivos que executa interferem em sua saúde.	2,98	1,78	Crítico	
Você considera pesados os materiais didáticos que carrega	3,01	1,78	Crítico	
A postura inadequada (cadeiras e mesas inadequadas) pode causar adoecimento?	3,45	1,75	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O questionário ocupacional procurou identificar os **riscos biológicos no ambiente de trabalho** dos professores, existência de bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros, o resultado destaca risco crítico: ($\bar{x}$ -2,86, σ -1,68, y-Crítico) evidenciando a possibilidade de risco de adoecimento. Os riscos ambientais estão relacionados a fatores físicos, químicos e biológicos, os riscos biológicos advêm de microorganismos que, podem provocar doenças ao entrar em contato com o homem.

Webber e Vergani (2010, p.8819) corroboram com dados encontrados, destacando que não é mais possível se pensar em saúde do trabalhador e ambiente como coisas isoladas, destacam que; “a desunião, aliada ao individualismo que impera as relações neoliberais, está destruindo a profissão de professor”. A Constituição de 1988 incorporou normas de saúde e garantias de um meio ambiente seguro ao trabalhador: Vejamos o artigo 7º: [...]; XXII - redução dos riscos inerentes ao trabalho, por meio de normas de saúde, higiene e segurança. É importante que os professores se unam, e façam cumprir o que preconiza artigo 196, a Constituição Federal:

(...) a saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

Todo trabalho gera riscos, algumas atividades são propensas a adoecer o trabalhador, como da educação: “São categorias consideradas, hoje, dentre as que mais expõem ao risco de doença ocupacional, em razão do trabalho que executam” (ARANTES, 2008, p. 9). Quando as relações do trabalhador com a organização do trabalho sofrem interferência inicia-se um processo de sofrimento e conseqüentemente o adoecimento.

Sobre a **higienização dos banheiros** das escolas essa pesquisa evidenciou risco crítico ($\bar{x}$ -3,08; σ -1,85; y- Crítico); sobre a **higienização da escola** identificou-se risco crítico ($\bar{x}$ -3,06; σ -1,63; y- Crítico). A falta de higiene no ambiente escolar pode originar doenças; dependendo da doença podem diminuir a capacidade de aprendizagem e podem levar à morte. Prédios escolares devem ser higienizados periodicamente, educadores devem incluir na proposta pedagógica educação ambiental e sanitária dos estudantes, com extensão às suas famílias e residências. (BRASIL, 2008).

Devido à pandemia do Covid-19, novos hábitos de higiene do cotidiano escolar foram modificados, uso de álcool, ventilação natural, toalhas descartáveis, no cotidiano escolar são importantes reforçar os hábitos de higiene. Pois a educação deve promover mudanças de

comportamentos, todos da comunidade escolar devem discutir a relação entre higiene, saúde e condição de vida.

Sobre a existência de **animais peçonhentos** no ambiente escolar esse estudo identificou risco crítico ($\bar{x}$ -2,6; σ -1,28; y-Crítico). Os animais venenosos peçonhentos convivem no ambiente junto aos demais animais e seres humanos, como escorpiões, cobras, ratos, aranhas, cupins, abelhas. Os acidentes por animais peçonhentos constituem problema de Saúde Pública, nas escolas em Santa Catarina, existe o processo de dedetização para garantir ambiente escolar limpo, higienizado e seguro quanto às doenças oriundas dos animais venenosos peçonhentos.

O controle de pragas urbanas ocorre por empresas especializadas, sempre que uma escola identifica a presença o gestor escolar realiza solicitação aos órgãos competentes. A dedetização ocorre com aplicação de iscas que são consumidas pelos roedores, ou veneno, limpeza de terrenos, dependendo da incidência de pragas urbanas e insetos, a dedetização ocorre mais vezes ao ano. (BRASIL, 2005).

Os agentes químicos evidenciaram grau de risco crítico em relação à **poeira do giz** ($\bar{x}$ -2,72; σ -1,85; y-crítico). Os agravantes do uso giz em lousas, fez com que a Câmara dos Deputados aprovasse o projeto de lei n.º 617-b, de 2011. Essa lei dispõe sobre a obrigatoriedade do uso de giz antialérgico nas escolas públicas e privadas. O giz convencional causa alergias, aparecimento de doenças respiratórias e das cordas vocais, “especialmente rinites e dermatites, o que se constitui em causas frequentes de afastamento de trabalho dos professores e alunos atingidos pela química do pó de giz” (LEI n.º 617-b, de 2011, p.3).

O projeto de lei visa proteger e valorizar a saúde no ambiente de trabalho e de estudos de professores e alunos. Aos poucos as escolas estão substituindo as lousas escuras de giz por lousas de vidro ou lousas brancas, substituindo o giz por pincéis atômicos, que são menos agravantes à saúde. Neste estudo não foi identificada classificação risco para o **cheiro de álcool dos pincéis atômico** ($\bar{x}$ -1,88; σ -1,46; y-Satisfatório).

Os agentes físicos foram classificados como riscos críticos à saúde dos participantes. Essa pesquisa identificou que o **ruído em sala de aula** atrapalha no desempenho dos professores, o resultado apresenta ($\bar{x}$ -3,26; σ -1,76; y-Crítico). O Ambiente de trabalho dos professores é suscetível a diversos fatores negativos com implicações na aprendizagem e saúde dentre eles o ruído.

O ruído em sala de aula pode estar relacionado à: som confuso, vozes reunidas, barulho, perda de informação em uma transmissão, entre outros fatores, que juntos podem

gerar possíveis efeitos negativos na escola sobre o processo de ensino e aprendizagem. Sobre os ruídos Haag e González (2020) citam que:

A norma regulamentadora nos 15 da portaria do Ministério do Trabalho nos 3.214 de 1978 estabelece que a cada 05 dB de aumento no ruído acima do limite, deve-se diminuir pela metade o tempo de exposição ou jornada de trabalho, visto que os efeitos do ruído sobre o ser humano dobram a cada 05 dB (A).

Sobre os ruídos, a Organização Mundial da Saúde OMS (2003) pontua que a poluição sonora é um problema ambiental que afeta a qualidade de vida dos indivíduos. Jaroszewskiet.al. (2007) realizaram um estudo em 5 escolas públicas de Santa Catarina sobre o ruído em sala de aula, e identificaram que ruído nas salas de aula variando de 59 dB(A) a 71 dB(A) ultrapassado o limite de 50 dB(A) para sala de aula estabelecidos pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Haag e González (2020) citam que professores relatam cansaço vocal (ardor na laringe após a aula, apresentar alterações nas pregas vocais, edemas, nódulos ou fendas) precisaram aumentar o volume da voz para conseguir dar aula.

Os efeitos da exposição ao ruído em salas de aula interferem no desempenho de alunos e professores, interferem na percepção e concentração. É necessário destacar que junto aos fatores causadores do ruído no ambiente escolar, devem-se considerar as atividades escolares desenvolvidas, os aspectos socioculturais, características da comunidade onde a escola está localizada, que podem estar relacionados aos malefícios à saúde física e psicológica oriundos de ambientes com altos índices de ruídos. “Fontes de ruído interiores são fatores que poderão também contribuir de forma negativa para a aprendizagem dos alunos, no entanto, estudos que abordam esta relação são ainda escassos”. (BRAGA *et.al.* 2016, p.01),

A pergunta que procurou identificar se a **ventilação nas salas de aula** é suficiente, o resultado evidenciou classificação de risco crítico ($\bar{x}$ -2,38; σ -1,39; y-crítico). A pesquisa foi realizada nos meses em que estava em vigor o decreto de higiene e medidas sanitárias contra o Covid-19, onde de acordo com o protocolo de biosegurança não era possível ligar ventiladores ou ar-condicionado, a ventilação das salas ocorria de forma natural. Nas escolas de Santa Catarina, todas passam pela inspeção e aval dos Bombeiros, o risco crítico pode estar relacionado aos fatores agravantes da pandemia.

A **iluminação nas salas** evidenciou risco crítico ($\bar{x}$ -2,59; σ -1,47; y-crítico). Um ambiente saudável no trabalho melhora a qualidade de vida, favorece uma influência psicológica positiva na realização da tarefa, sendo importante o estudo correto sobre o uso da luz nos ambientes escolares, já que a baixa luminosidade pode causar queda na produtividade pontuada neste estudo.

A **precariedade na instalação elétrica** na escola foi identificada de forma crítica ($\bar{x}$ -2,94; σ -1,73; y-Crítico); a precariedade na **estrutura do prédio** evidenciou risco crítico ($\bar{x}$ -2,88; σ -1,66; y-Crítico). A falta ou má qualidade de energia elétrica ocorre geralmente em estabelecimentos escolares que possuem outros problemas de infraestrutura que desencadeiam outros problemas, tais como pontuados por Algebaile *et. al.*, (2009, p. 693):

(...) as más condições de ensino e aprendizagem relacionadas à insuficiente iluminação nos horários diurnos, especialmente em dias nublados, implicando dificuldades no uso do quadro de giz e outros materiais expositivos, bem como na realização de atividades que envolvem leitura e escrita; a insalubridade e o desconforto do ambiente escolar, relacionados à má iluminação, más condições de ventilação (...) o comprometimento da visão e da atenção das crianças; a limitação do desenvolvimento de variadas práticas de leitura; a impossibilidade de uso de recursos audiovisuais; problemas com o armazenamento, a conservação, a oferta e a qualidade da merenda escolar; limitações às atividades de administração e planejamento escolar, incluindo problemas de comunicação institucional.

Em Santa Catarina muitas escolas são antigas e não suportam a demanda de alunos matriculados em três turnos escolares, equipamentos e as mudanças técnico-científicas. As precárias condições dos prédios, iluminação, equipamentos, estrutura física da escola não pode ser considerada irrelevante para o processo de aprendizagem. Outra consequência da péssima estrutura física das escolas é a evasão escolar e expulsão de alunos devido aos prédios escolares em condições físicas precárias, sem biblioteca, sem espaço para o lazer. Uma escola sem condições físicas de funcionar não corrobora com o processo de ensino, não favorece o desenvolvimento da aprendizagem, desenvolvimento dos alunos, não corrobora no ambiente de trabalho dos professores e não estimula a participação da comunidade escolar (IOSIF, 2007).

Os espaços escolares, laboratórios, salas de aula, bibliotecas, refeitórios, auditórios, quadras de esportes, entre outros devem oferecer condições para que a educação cumpra seu papel social. “A privação de uma educação de qualidade encurta cada vez mais as possibilidades de emancipação e de mudança do quadro de desvantagem social e econômica”. (IOSIF, 2007, p. 92).

A violência escolar é um fenômeno preocupante no Brasil, neste estudo, evidenciou que professores avaliaram como risco crítico: a **violência** (verbal, psicológica, física) realizada por alunos contra professores ($\bar{x}$ -2,97; σ -1,73; y-Crítico), e sobre a violência (verbal, psicológica, física) sofrida na escola por pais, colegas ou gestão escolar os professores evidenciaram risco crítico ($\bar{x}$ -2,90; σ -1,70; y-Crítico). As situações que envolvem violência e desrespeito nas instituições escolares ganham cada vez mais destaque nas mídias e pesquisas científicas. “As agressões nem sempre são físicas, casos de violência psicológica são bem

mais comuns e menosprezados, pois constantemente são julgados como brincadeira”. (BARBIERI, *et.al.* 2021, p. 04).

As ocorrências mais frequentes de violência nas escolas são *bullying*, agressão verbal, agressão física e vandalismo. Quando ocorre no ambiente qualquer forma de violência, um sentimento de medo, vulnerabilidade, incertezas, ansiedade nasce tanto para professores quanto para alunos. As vítimas da violência então suscetíveis a “problemas sérios de saúde (tanto físicos quanto mentais), abono escolar, evasão e ensino-aprendizagem negativos, são alguns dos problemas que podem ser decorrentes à violência”. (SOUZA, 2019, p.01). Nesse mesmo entendimento, é considerada violência atitudes como: “empurrar, cutucar, andar pela sala, falar enquanto o professor está falando, gritar, jogar papel, dar risada, entre outros episódios recorrentes em sala, são atitudes que causa desordem e sem intervenções podem passar a agressões mais sérias. (BARBIERI, *et.al.* 2021, p. 04).

Os alunos reproduzem violência, não aprendem (BOURDIEU, 2002). A hostilidade das pessoas no ambiente escolar é frequentemente estimulada pelo convívio em espaços violentos, onde os alunos se deparam com essa realidade e “absorvem para si a atmosfera ali presente e o único modo que encontram de se expressar é por meio da agressividade, ofensas e humilhações contra os colegas, professores e os funcionários da instituição”. (BARBIERI *et.al.*, 2021, p. 02).

Os riscos ocupacionais relacionado ao ambiente dos professores estão relacionados a ruídos, ao número de alunos por classe, iluminação inadequada, poeira, ventilação, comprometimento dos funcionários com a manutenção da escola, limpeza, condições de higiene nos sanitários, temperatura, tamanho da sala, deficiência de espaço para locomoção em sala de aula, entre outros fatores que podem causar danos à saúde ou à integridade física do profissional.

Ao identificar os agentes de riscos ergonômicos do ambiente ocupacional dos professores, esse estudo evidenciou riscos críticos quanto aos **movimentos repetitivos** ($\bar{x}$ -2,98; σ -1,78; y-Crítico); **postura inadequada devido a cadeiras e mesas** ($\bar{x}$ -3,45; σ -1,75; y-Crítico) **materiais didáticos são pesados** ($\bar{x}$ -3,01; σ -1,78; y-Crítico).

A profissão de professor oferece riscos à saúde, como expõem Rocha e Barakat (2019, p.02) “professores estão sujeitos a riscos biológicos devido ao contato com inúmeros alunos, a riscos específicos como químicos ou insalubridade de acordo com sua área de atuação, riscos físicos e ergonômicos”. Todos os trabalhadores têm direito a um ambiente de trabalho seguro e saudável; os professores merecem condições de trabalho seguras e preventivas, garantias

incluídas na Constituição Federal (1988). Rocha e Barakat (2019, p. 2) destacam que a Portaria N° 3.751/1990 apresenta várias resoluções sobre as condições de trabalho adequadas: “o item 17.3.2.1, por exemplo, diz que os postos de trabalho devem atender aos critérios de conforto mínimo, tendo altura ajustável à estatura do trabalhador”.

Sobre o adoecimento decorrente do trabalho, o grau de risco em adoecer ocorre pela combinação entre o grau de efeito a saúde, e o grau de exposição de um dado agente em relação aos limites de tolerância. “Sabe-se que esses agentes são muitos específicos, variando de ambiente para ambiente. Então, pode-se dizer que um determinado docente pode estar exposto a um risco em uma instituição e não estar em outra”. (ROCHA; BARAKAT, 2019, p. 05).

No estudo realizado por Rocha e Barakat (2019, p. 06) os autores identificaram que 56,4 % dos professores entrevistados sentem dores crônicas e 28,2 % já foram afastados do trabalho por motivos de saúde. “Dentre as respostas, os lugares de dores mais apontados foram: a coluna lombar e cervical, cabeça, ombros, pescoço, braços, mãos, pernas e pés”.

Os movimentos repetitivos que professores realizam para escrever na lousa, ficar em pé por longos períodos de trabalho, carregar materiais didáticos de uma sala, para outra ou escola, além de desempenharem tarefas repetitivas, como a correção de provas e exercícios e o uso diário do computador, afastam professores de sua atividade. “São estes os fatores de riscos dos distúrbios musculoesqueléticos relacionados ao trabalho: compressão mecânica, força excessiva, movimentos repetitivos, duração do trabalho, posturas inadequadas”. (KRAEMER *et.al.*, 2020, p. 2).

Ao realizar uma pesquisa com docentes Kraemer *et.al.* (2020, p. 04) identificaram que dos entrevistados muitos “apresentaram dor nos últimos 12 meses, e que as regiões com maior prevalência foram coluna lombar (60%), pescoço (56%), ombros (48%), coluna dorsal (40%), punhos/mão (32%), quadris/coxas (28%), joelhos (24%), tornozelos/pés (20%) e cotovelos (8%)”. Esses percentuais estão associados aos problemas de saúde dos professores e as más condições ergonômicas de trabalho, identificados neste estudo. É preciso realizar melhorias nas escolas, desenvolver estratégias de controle e prevenção do desenvolvimento de distúrbios osteomusculares, ergonômicos relacionados ao trabalho dos professores.

É necessário proporcionar uma escola saudável aos docentes, tal qual expõem Zanelli e Kanan (2019, p.51) “organizações saudáveis tem como uma das prioridades a atenção ao trabalhador e a manutenção das condições que o fazem serem saudáveis”.

A exposição aos agentes de riscos presentes no trabalho dos professores foi evidenciada nesta seção e que podem causar adoecimento, afastando os professores da sua atividade laboral na visão dos participantes. Para que exista um ambiente saudável de trabalho, é necessário que ocorram mudanças nos comportamentos das pessoas, em todos os níveis hierárquicos da escola.

Na próxima seção serão apresentados os resultados das escalas Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento.

5.3 ANÁLISE, INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS DAS ESCALAS DO ITRA

A Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica que procura avaliar as situações decorrentes do trabalho que podem causar sofrimento, adoecimento, consequências positivas ou negativas na saúde mental. (DEJOURS, 2004).

O ITRA foi criado e validado por Mendes e Ferreira em 2003, o instrumento passou adaptações e foi validado novamente em 2005 por Mendes e o auxilia a Psicodinâmica do Trabalho avaliação de possíveis riscos decorrentes do trabalho que podem em alguma medida afetar a saúde dos trabalhadores. Nesta seção consiste em apresentar o resultado encontrado nas Escalas do ITRA. Na primeira escala foram avaliadas as causas do risco de adoecimento, considerando organização, condições e relações sociais de trabalho. Na segunda escala do instrumento foram avaliadas as implicações decorrentes de cobranças do trabalho que causam adoecimento, avaliando o custo humano do trabalho nos níveis físico, afetivo e cognitivo.

Na terceira escala foram avaliadas as vivências positivas e negativas no trabalho dos professores considerando a liberdade, realização, esgotamento e falta de reconhecimento. A última escala avaliou-se sintomas causados pelo custo negativo do trabalho e pelo sofrimento, representados por danos físicos e psicossociais. As escalas do ITRA estão apresentadas nas Tabelas a seguir e expõem a média das respostas ($\bar{x}$), o desvio padrão (σ), a classificação de risco (y) e o Alfa do Fator (α).

5.3.1 Escala de avaliação do contexto de trabalho - EACT

Na escala EACT o valor do Coeficiente de Cronbach (α) identificado foram: Organização do trabalho: $\alpha=0,974$; Condições de trabalho: $\alpha=0,980$; Relações

socioprofissionais: $\alpha=0,962$. O valor do Coeficiente de Cronbach dos itens é alto, logo se depreende que existe evidência de que os itens medem a mesma construção. Segundo Mendes (2007) o fator “**Organização do trabalho**” expõem o conteúdo das tarefas, normas, controles e ritmos de trabalho. Segundo Mendes (2007), o parâmetro abaixo deve ser considerado na análise dos escores médios que se aplicarem ao contexto do trabalho:

- a) Acima de 3,70: avaliação mais negativa, grave.
- b) Entre 2,30 e 3,69: avaliação mais moderada, crítica.
- c) Abaixo de 2,29: avaliação mais positiva, satisfatória

A Tabela 2 apresenta o fator Organização do trabalho, seus 11 itens, a Média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 2 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Organização do trabalho

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho	2,80	1,87	Crítico	0,974
Ritmo do trabalho é excessivo	2,83	1,92	Crítico	
Tarefas são cumpridas sob pressão de prazos	2,68	1,86	Crítico	
Existe forte cobrança por resultados	2,65	1,83	Crítico	
As normas para execução das tarefas são rígidas	2,41	1,75	Crítico	
Existe fiscalização do desempenho	2,43	1,74	Crítico	
O número de pessoas é insuficiente para realizar as tarefas	2,67	1,91	Crítico	
Os resultados esperados estão fora da realidade	2,41	1,72	Crítico	
Existe divisão entre quem planeja e quem executa	2,27	1,76	Satisfatório	
As tarefas executadas sofrem descontinuidade	2,27	1,68	Satisfatório	
As tarefas são repetitivas	2,47	1,73	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

Os resultados do fator Organização do trabalho da Tabela 2 demonstram que os professores analisaram de forma crítica; de acordo com os critérios de classificação de risco proposta por Mendes (2007). A tabela apresenta dois itens com classificação satisfatória, segundo os professores que responderam ao instrumento “existe divisão entre quem planeja e quem executa” ($\bar{x}=2,27$; $\sigma=1,76$ e y-satisfatório) e “as tarefas executadas sofrem descontinuidade” ($\bar{x}=2,27$; $\sigma=1,68$ e y-satisfatório).

A tabela evidencia os itens “Falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho” ($\bar{x}=2,80$; $\sigma=1,87$ e y-crítico) e “Ritmo do trabalho é excessivo” ($\bar{x}=2,83$; $\sigma=1,92$ e y-crítico) destacando que, de certa forma, o trabalho do professor é excessivo e falta tempo para descansar.

A atuação do professor vai além da sala de aula, envolvem responsabilidades, estudo, pesquisa, planejamentos. Muitos profissionais fazem dupla jornada de trabalho, trabalham em mais de uma escola para complementar a renda familiar; faltam pausas durante o desenvolvimento das atividades; a jornada se estende de 40h semanais para 60h. A intensidade do trabalho docente é excessiva, interfere no sono, atrapalha o lazer, contato com a família. Além de ensinar, os professores são responsáveis por preenchimento de diários, relatórios, planejamentos, elaboração de avaliações, tudo sob a lógica da produtividade, criando sentimento de frustração, cobrança, culpa e depressão. (RODRIGUES *et.al.*, 2020).

O trabalho docente não é medido por um dia real de trabalho, mas, sim, pela quantidade de produtos e, muitas vezes, sem condições ideais para se trabalhar. Para que o professor possa desenvolver seu trabalho com eficácia precisa que a escola esteja saudável: “[...] estar saudável em uma organização saudável é um requisito imperioso para a produtividade e a sustentabilidade”. (ZANELLI, 2014, p.227).

O fator “**Condições de trabalho**” abrange a qualidade do ambiente físico do posto de trabalho, dos equipamentos e materiais disponibilizados para a execução das atividades laborais pelo professor (MENDES, 2007). A tabela 3 apresenta o fator Condições de trabalho, seus 10 itens, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 3 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Condições de trabalho.

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
As condições de trabalho são precárias	2,29	1,64	Satisfatório	0,980
O ambiente físico é desconfortável	2,33	1,67	Crítico	
Existe muito barulho no ambiente de trabalho	2,73	1,83	Crítico	
O mobiliário existente no local de trabalho é inadequado	2,35	1,76	Crítico	
O posto de trabalho é inadequado para a realização das tarefas	2,30	1,67	Crítico	
As condições de trabalho oferecem riscos à segurança das pessoas	1,90	1,49	Satisfatório	
Os instrumentos de trabalho são insuficientes para realizar as tarefas	2,47	1,79	Crítico	
Os equipamentos necessários para realização das tarefas são precários	2,38	1,68	Crítico	
O espaço físico para realizar o trabalho é inadequado	2,28	1,64	Satisfatório	
Os materiais de consumo são insuficientes.	2,47	1,73	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 3 aponta que o item: “**Existe muito barulho no ambiente de trabalho**” ($\bar{x}$ -2,73; σ -1,8,3 e y-crítico), pois apresenta o grau mais elevado na classificação de risco, o que o torna o mais “crítico” para o adoecimento dos professores. É possível notar que dos itens três apresentaram classificação satisfatória e os demais itens níveis críticos.

A sobrecarga de trabalho para os professores, más condições no posto de trabalho, falta de equipamentos também foram ressaltadas neste fator, uma vez que a maioria dos professores tem de levar tarefas do trabalho para realizar em casa por falta de instrumentos de trabalho ou espaço físico. O item em evidência, também foi identificado por Nascimento e Seixas (2020, p. 6) com queixas de professores quanto às “condições do ambiente da sala de aula, como o ruído interno, má ventilação e má iluminação das salas de aula”.

Os níveis críticos identificados neste fator apresentam condições de trabalho não satisfatórias à saúde, empecilhos que colocam o professor diante de diferentes dificuldades para exercer seu trabalho. É imperativo conhecer a realidade do trabalho do professor e quais os “fatores presentes em seu cotidiano estão contribuindo para o seu sofrimento, a fim de planejar ações para a melhoria da qualidade de vida e saúde mental deste profissional”. (NASCIMENTO; SEIXAS, 2020, p. 6).

Para Mendes (2007) os itens do fator “**Relações socioprofissionais**” representam o modo como ocorre à gestão do trabalho, a comunicação e a interação profissional. A Tabela 4 apresenta o fator Relações socioprofissionais, seus 10 itens, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 4 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Relações socioprofissionais

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
As tarefas são claramente definidas	2,99	1,77	Crítico	0,962
A autonomia não inexistente	2,14	1,56	Satisfatório	
A distribuição das tarefas é injusta	2,25	1,56	Satisfatório	
Os funcionários são excluídos das decisões	2,19	1,57	Satisfatório	
Existem disputas profissionais no local de trabalho	2,57	1,74	Crítico	
As informações que preciso para executar minhas tarefas são de difícil acesso	2,05	1,51	Satisfatório	
Existem dificuldades na comunicação entre chefia e subordinados	2,08	1,54	Satisfatório	
Falta integração no ambiente de trabalho	2,51	1,63	Crítico	
A comunicação entre os funcionários é insatisfatória	2,43	1,6	Crítico	
Falta apoio das chefias para o meu desenvolvimento profissional	2,17	1,58	Satisfatório	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 4 apresenta os itens das “relações socioprofissionais” e evidencia que o item: “As tarefas são claramente definidas” ($\bar{x}$ -2,99; σ -1,77 e y -crítico), apresenta o grau mais elevado na classificação de risco, o que o torna risco moderado a crítico para o adoecimento dos professores pelas exigências na realização das tarefas a serem cumpridas.

Nos itens que avaliam as Relações Socioprofissionais do Trabalho, abrangem os aspectos sociais do ambiente de trabalho, os níveis de hierarquia, relação entre a chefia da equipe de trabalho e os colegas. Os itens do fator avaliados na tabela 3 apresentam avaliação crítica e satisfatória, revela-se uma classificação mais harmoniosa equilibrada para os agravantes ao risco de adoecimento.

Uma hipótese possível, para as diferenças encontradas neste fator, deve estar relacionada entre os cargos de professor, cargos administrativos e principalmente cargos de direção que são cargos disputados evidenciados no item “Existem disputas profissionais no local de trabalho” ($\bar{x}$ -2,57; σ -1,74 e y -crítico). Ao final da análise desta Escala, é importante destacar que as relações socioprofissionais podem contribuir significativamente para a resistência, que surge como modo de libertação do trabalhador da dominação e, que contribuem com estabelecimento da solidariedade necessária para a promoção e a manutenção da saúde mental dos trabalhadores. A seguir se apresenta a análise dos fatores que compõem a Escala de Custo Humano no Trabalho- ECHT.

5.3.2 Escala de Custo Humano de Trabalho

Neste estudo, o fator “Custo físico” apresenta valor α -0,966; o “Custo cognitivo” apresenta valor α -0,977 e o “Custo afetivo” apresenta valor α -0,968. O Alfa de Cronbach identificado nos itens é alto, então existe evidência de que os itens medem uma mesma construção.

Mendes (2007) destaca que fator “**Custo físico**” representa o gasto fisiológico e, o biomecânico atribuído ao trabalhador pelas características do contexto laboral. Para Mendes (2007) consideram-se como escores para as exigências decorrentes do contexto de trabalho: acima de 3,70: avaliação mais negativa, grave; Entre 2,30 e 3,69: avaliação mais moderada, crítico; Abaixo de 2,29: avaliação mais positiva, satisfatório. Na Tabela 5 estão apresentados os 10 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 5 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Custo físico

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
-------	-----------	----------	-----	----------

Subir e descer escadas	2,17	1,68	Satisfatório	0,966
Usar a força física	1,93	1,38	Satisfatório	
Ter que manusear objetos pesados	1,87	1,37	Satisfatório	
Usar os braços de forma contínua	2,98	1,83	Crítico	
Ficar em posição curvada	2,05	1,51	Satisfatório	
Ser obrigado a ficar em pé	2,79	1,79	Crítico	
Fazer esforço físico	2,09	1,48	Satisfatório	
Usar as pernas de forma contínua	2,73	1,87	Crítico	
Usar as mãos de forma repetida	3,13	1,88	Crítico	
Caminhar	2,80	1,78	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 5 apresenta os itens relacionados ao “Custo físico” e evidencia que o item “Usar as mãos de forma repetida” ($\bar{x}$ -3,13; σ -1,88 e y-crítico). Destaque para os itens relacionados ao “Usar os braços de forma contínua” ($\bar{x}$ -2,98; σ -1,83 e y-crítico). “Ser obrigado a ficar em pé” ($\bar{x}$ -2,79; σ -1,79 e y-crítico) e “Caminhar” ($\bar{x}$ -2,80; σ -1,79 e y-crítico), ambos apresentam classificação de risco crítico.

Alguns fatores influenciam no risco da profissão de ser professor, como usar as mãos de forma repetida diariamente, como escrever em quadro, usar os braços, ficar em pé por um longo tempo, caminhar deslocar de uma sala para outra. Acrescente-se o fato que uma grande parte dos participantes pontua trabalhar mais de 40h, o que corrobora com o agravamento dos riscos ergonômicos.

Junior *et.al.* (2013, p. 61) destaca que o adoecimento dos professores está relacionado ao aumento do número de alunos por turma, à ausência de equipamentos nas escolas ou falta de manutenção dos existentes, carência de infraestrutura e de recursos materiais, “somadas ao ritmo acelerado de trabalho dos professores, levam a um processo de esforço permanente desses profissionais”. As doenças que acometem o professor, afastando de suas atividades são enfermidades, doenças físicas do aparelho osteomuscular LER e DORT, que juntos dão origem Síndrome de Origem Ocupacional, composta de lesões que atingem os membros superiores, região escapular e pescoço. A síndrome surge devido aos movimentos repetitivos, carregar peso excessivo, postura inadequada, dupla jornada, o professor apresenta diversos sintomas, tais como formigamento, dor e limitação da capacidade de executar sua tarefa em sala de aula.

A experiência do professor, o sentimento atribuído a sua função e a história de cada profissional são fatores que devem ser reconhecidos no desenvolvimento das estratégias de intervenção, para minimizar os efeitos da Síndrome de Origem Ocupacional.

O fator “**Custo cognitivo**” para Mendes (2007) representa esgotamento intelectual para a aprendizagem, resolução de problemas e tomada de decisões no trabalho. Estão distribuídos na Tabela 6, os 10 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 6 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Custo cognitivo

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Desenvolver macetes	2,57	1,71	Crítico	0,977
Fazer previsão de acontecimentos	2,73	1,72	Crítico	
Ter desafios intelectuais	2,91	1,74	Crítico	
Ter que resolver problemas	3,20	1,77	Crítico	
Ser obrigado a lidar com imprevistos	3,21	1,79	Crítico	
Usar a visão de forma contínua	3,50	1,91	Crítico	
Fazer esforço mental	3,37	1,97	Crítico	
Ter concentração mental	3,43	1,94	Crítico	
Usar a criatividade	3,44	1,90	Crítico	
Usar a memória	3,56	1,90	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 6 apresenta que todos os itens relacionados ao “Custo cognitivo” apresentaram risco crítico ao adoecimento dos professores. A tabela evidencia dois itens com média expressiva “Usar a memória” ($\bar{x}$ -3,56; σ -1,90 e y-crítico) e “Usar a visão de forma contínua” ($\bar{x}$ -3,50; σ -1,91 e y-crítico).

A Teoria da Psicodinâmica do Trabalho surgiu partir da década de 1990, como abordagem científica capaz de identificar os efeitos do trabalho sobre a saúde dos trabalhadores, Dejours (2012), destaca que o sofrimento decorrente do trabalho surge quando, apesar de seu zelo, a preocupação de fazer bem-feito sua função, mediante o uso da inteligência o trabalhador não consegue dar conta da tarefa.

Na visão de Mendes (2007) a avaliação crítica no item “custo cognitivo” denota aspecto negativo em relação ao trabalho, sendo produtor de sofrimento contribuindo para o adoecimento, e emerge a necessidade da intervenção institucional em regular as exigências por ela impostas. Para transformar um trabalho cansativo em trabalho equilibrado, é necessário que as escolas sejam flexíveis.

A Tabela 7 apresenta o fator “**Custo afetivo**” que representa dispêndio emocional que o trabalho demanda, sob a forma de reações afetivas, sentimentos e estados de humor (MENDES, 2007). Na tabela estão apresentados os 12 itens do fator a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator.

Tabela 7 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo custo afetivo

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Transgredir valores éticos	1,84	1,53	Satisfatório	0,966
Ser submetido a constrangimentos	1,79	1,46	Satisfatório	
Ser obrigado a sorrir	1,73	1,46	Satisfatório	
Ter que lidar com ordens contraditórias	2,26	1,59	Satisfatório	
Ser obrigado a cuidar da aparência física	1,92	1,46	Satisfatório	
Ser bonzinho com os outros	1,96	1,52	Satisfatório	
Ter controle das emoções	2,65	1,87	Crítico	
Ter custo emocional	2,52	1,82	Crítico	
Ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros	2,68	1,79	Crítico	
Disfarçar os sentimentos	2,56	1,77	Crítico	
Ser obrigado a ter bom humor	2,31	1,66	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022

A Tabela 7 apresenta uma discrepância na classificação de risco onde seis itens apresentaram classificação de risco satisfatório e cinco apresentaram resultado crítico quanto ao risco de adoecimento e sofrimento. Evidencia-se o risco de adoecimento no item “Ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros” ($\bar{x}$ -2,68; σ -1,79 e y-crítico). O risco de adoecimento do professor, no ambiente de trabalho, tem sido associado ao aparecimento de doenças crônicas. A relação prazer e sofrimento do trabalho professor encontram-se atrelada ao contexto histórico e a valorização social.

O prazer pelo trabalho é uma busca incessante de todo indivíduo, está associado à valorização e reconhecimento, o trabalho precisa ser encarado como significativo e valioso por si mesmo, através de uma organização que permita o pleno desenvolvimento do professor. Ferreira e Mendes (2003) o trabalho de professor normalmente incide em aumento do esforço humano e do custo de trabalho, exigindo constantes readaptações através de estratégias de regulação e compensação do sujeito, além de poderem levar o trabalhador a vivências que envolvem o sofrimento.

Ao final da exposição de médias e percentuais da ECHT, é imperativo destacar que todos os itens que compõem a escala apresentam riscos satisfatórios e críticos à saúde do professor, pois representam grandes exigências na realização de sua função, uma vez que sob tais aspectos, se sente totalmente exigido; muito exigido, ou pouco exigido.

A seguir será apresentada a análise dos fatores que compõem a Escala de indicadores de prazer e sofrimento no trabalho - EIPST.

5.3.3 Escala de indicadores de prazer e sofrimento no trabalho - EIPST

Neste estudo o fator “Realização profissional” apresenta valor $\alpha=0,974$; o fator “Liberdade de expressão” apresenta $\alpha=0,978$; no fator “Esgotamento profissional” o valor $\alpha=0,967$; e, o fator “Falta de reconhecimento” $\alpha=0,969$. Os fatores que compõem a escala EIPST apresentaram valores do α maiores que média $\alpha>0,70$; então, existe evidência de que os itens medem a mesma construção.

Mendes (2007) destaca que o fator “**Realização profissional**”, representa a vivência de gratificação profissional, orgulho e identificação com o trabalho que se realiza. Na classificação de risco do fator Realização profissional considera as médias: acima de 4,0= avaliação satisfatória; entre 3,9 e 2,1= avaliação crítica e abaixo de 2,0= avaliações graves.

A Tabela 8 apresenta os 9 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α) do fator. Os riscos de adoecimento relacionados às vivências sofrimento e adoecimentos identificados, todos tiveram avaliação crítica quanto ao risco de adoecimento.

Tabela 8 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Realização profissional.

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Valorização	2,32	1,47	Crítico	0,974
Reconhecimento	2,33	1,48	Crítico	
Motivação	2,41	1,5	Crítico	
Realização profissional	2,66	1,6	Crítico	
Satisfação	2,61	1,61	Crítico	
Bem-estar	2,69	1,56	Crítico	
Identificação com a própria tarefa	3,18	1,79	Crítico	
Gratificação pessoal com as minhas atividades	3,04	1,79	Crítico	
Orgulho pelo que faço	3,46	1,87	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A tabela 8 pontua o item “orgulho do que faço” ($\bar{x}=3,46$; $\sigma=1,87$ e y-crítico), seguindo os critérios de classificação de riscos de Mendes (2007) os professores estão quase satisfeitos com a sua função. Para Mendes (2007) quanto menor a média, maior será o risco de adoecimento. Os itens que apresentam médias menores, evidenciando possível risco grave ao adoecimento são: “Valorização” ($\bar{x}=2,32$; $\sigma=1,47$ e y-crítico) e “Reconhecimento” ($\bar{x}=2,33$; $\sigma=1,47$ e y-crítico).

A função de professor foi considerada uma profissão nobre, hoje desvalorizada socialmente. Como expõe Nascimento e Seixas (2020 “muito exigido, porém pouco apoiado,

o professor no atual contexto brasileiro tornou-se um profissional carente de um olhar atento para as suas necessidades, tanto no campo de trabalho quanto em relação à própria saúde”.

É importante destacar que esses fatores avaliados como críticos podem estar associados às condições de trabalho, o que geram insatisfação, falta de motivação, e falta de reconhecimento. Nota-se um descontentamento dos professores com seu trabalho. No trabalho do professor, foram depositadas muitas expectativas e demandas, ao longo do tempo. A atividade docente não é apenas um modo de ganhar a vida, mas uma forma de inserção social, de carreira, reconhecimento.

De acordo com Martins e Honório (2009, p. 20) quando o trabalho não é satisfatório, o prazer é substituído pelo sofrimento na relação subjetiva do trabalhador com a sua atividade profissional causando adoecimento. “O sofrimento pode ser vivenciado quando essas expectativas não são atendidas, interferindo na realização de seus sonhos e objetivos”.

A valorização profissional proporciona ao professor sentimento de que seu trabalho tem sentido, valor, respeitável e significativo para a organização e a sociedade. Ser reconhecido, desperta no docente o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e de ter a liberdade para expressar sua individualidade. (MARTINS; HONÓRIO, 2009).

Para Mendes (2007) o fator “**Liberdade de expressão**” expõe as vivências de liberdade de pensar, organizar e falar sobre o seu trabalho. Na classificação de risco do fator “Liberdade de expressão”, considera as médias: acima de 4,0: avaliação satisfatória; entre 3,9 e 2,1: avaliação crítica e abaixo de 2,0: avaliações graves.

Na Tabela 9 estão apresentados os 8 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α). Os riscos de adoecimento relacionados à liberdade de expressão todos os itens tiveram avaliação crítica quanto ao risco de adoecimento.

Tabela 9 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Liberdade de expressão

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Solidariedade entre os colegas	3,04	1,75	Crítico	0,978
Confiança entre os colegas	2,62	1,54	Crítico	
Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho	2,81	1,76	Crítico	
Liberdade para usar a minha criatividade	3,08	1,77	Crítico	
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias	3,07	1,81	Crítico	
Cooperação entre os colegas	2,77	1,64	Crítico	
Liberdade com a chefia para negociar o que precisa	3,12	1,82	Crítico	
Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas	3,03	1,78	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 9 evidencia o item “Liberdade para usar a minha criatividade” ($\bar{x}$ -3,08; σ -1,77 e y-crítico), seguindo os critérios de classificação de riscos de Mendes (2007) os professores estão quase satisfeitos com a sua liberdade. Para Mendes (2007) quanto menor a média, maior será o risco de adoecimento. A liberdade é a possibilidade de autodeterminação reflexiva e consciente, do professor em poder tomar uma decisão em seu ambiente de trabalho. A tabela evidencia a quase satisfação dos professores em relação a sua liberdade com colegas, chefia e função.

A falta de plena liberdade de expressão dos trabalhadores pode configurar uma situação de alerta, o que requisita intervenção preventiva, pois esta é uma exigência cuja ausência poderá comprometer as vivências de prazer no trabalho, assim como poderá indicar um sofrimento adicional e, a possibilidade de adoecimento para os trabalhadores.

O item que apresenta a média menor, evidenciando possível risco grave ao adoecimento é “Confiança entre os colegas” ($\bar{x}$ -2,62; σ -1,54 e y-crítico). A falta de confiança e cooperação entre os colegas são fontes geradoras de prazer/ou adoecimento no trabalho, pois o profissional não consegue sentir-se seguro no ambiente de trabalho. “Nesse contexto, a cooperação é estimulada pela busca da excelência no atendimento e eficiência na realização das tarefas o que instiga o prazer no trabalho, incentiva o trabalho coletivo que favorece a união e integração da equipe”. (SANTOS; MORAIS, 2019, p. 77).

O fator “**Esgotamento profissional**” expõe as vivências de frustração, insegurança, inutilidade, desgaste e estresse no trabalho (MENDES, 2007). Neste fator o esgotamento profissional é avaliado considerando as médias: Acima de 4: avaliação mais negativa e grave; Entre 3,9 e 2,1: avaliação mais moderada e crítica; Abaixo de 2,0: avaliação menos negativa e satisfatória. A Tabela 10 apresenta os 7 itens que compõe o fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α). Todos os itens desse fator tiveram classificação com riscos críticos ao adoecimento.

Seguindo os critérios de classificação de riscos de Mendes (2007) a Tabela 10 evidencia o item “Estresse” ($\bar{x}$ -2,99; σ -1,70 e y-crítico) e Sobrecarga ($\bar{x}$ -2,99; σ -1,72 e y-crítico) com as médias mais altas e ambas as iguais. O esgotamento profissional é um fator que pode potencializar situações de sofrimento e adoecimento e compromete outras esferas da vida do trabalhador, inclusive as vivências de prazer no trabalho, como a realização profissional e na vida pessoal em sua relação familiar.

Tabela 10 - Distribuição do quantitativo e percentual, segundo Esgotamento profissional

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Esgotamento emocional	2,74	1,63	Crítico	0,967
Insatisfação	2,49	1,53	Crítico	
Sobrecarga	2,99	1,72	Crítico	
Frustração	2,65	1,55	Crítico	
Insegurança	2,38	1,56	Crítico	
Estresse	2,99	1,70	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

O estresse tem sido associado a problemas de saúde em professores, não escolhe sexo, idade e, se faz acompanhar da presença de ansiedade e tédio, entre outros. Os fatores desencadeantes de estresse em professores estão relacionados aos acontecimentos do dia a dia, que geram desconforto psíquico, e com “situações de tensão crônica, como um relacionamento conjugal conturbado, com agressões físicas ou verbais durante anos, que geram efeitos psicopatológicos graves”. (SILVEIRA; SOUZA, 2021, p.39).

O estresse negativo gera riscos negativos a saúde mental e física dos professores como expõe Silveira; Souza (2021, p.39): “(...) sensação de incapacidade, a desmotivação, a irritabilidade, a tristeza, a apatia e outros sentimentos negativos predominam nas atitudes do indivíduo, fazendo com que o Estresse deixe de ser uma mola propulsora do seu crescimento”, causando fatores negativos na vida pessoal e profissional.

O índice de estresse em professores foi estudado por Araújo *et. al.* (2015), onde 49% dos docentes que participaram do estudo apresentaram nível alto de Estresse, pontuando as tarefas distribuídas, a elevada carga horária e o tipo de controle existente no trabalho como causadores do alto índice de estresse. O mal-estar docente está relacionado a sentimentos negativos, como desânimo e cansaço, a sobrecarga de trabalho, onde professores levam parte do trabalho para casa, se distanciando das atividades de lazer junto à família. É importante “formular instrumentos, estratégias e Políticas Públicas de intervenção dessas doenças nesse grupo de profissionais”. (SILVEIRA; SOUZA (2021, p. 106).

Para Mendes (2007) o fator “**Falta de reconhecimento**” expõem as vivências de injustiça, indignação e desvalorização pelo não reconhecimento do seu trabalho. A Tabela 11 apresenta os 8 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α). Neste fator a falta de reconhecimento é avaliada considerando as médias: acima de 4: avaliação mais negativa e grave; Entre 3,9 e 2,1: avaliação mais moderada e crítica; Abaixo de 2,0: avaliação menos negativa e satisfatória.

A Tabela 11 evidencia itens satisfatórios e itens com agravantes moderados a críticos em relação à falta de reconhecimento dos professores.

Tabela 11 - Distribuição do quantitativo e percentual, Falta de reconhecimento

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Discriminação	1,95	1,43	Satisfatória	0,969
Inutilidade	1,70	1,31	Satisfatória	
Desqualificação	1,58	1,21	Satisfatória	
Injustiça	2,01	1,40	Satisfatória	
Falta de reconhecimento do meu esforço	2,21	1,47	Satisfatória	
Falta de reconhecimento do meu desempenho	2,23	1,46	Crítico	
Desvalorização	2,35	1,56	Crítico	
Indignação	2,28	1,55	Crítico	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 11 destaca o item “**Desvalorização**” ($\bar{x}$ -2,35; σ -1,56 e y-crítico) como potencial risco ao adoecimento de professores. A valorização e reconhecimento definem o prazer com a função executada, o desgaste com o trabalho gera o sofrimento. As médias com destaque crítico na tabela estão relacionadas à falta de reconhecimento pelo esforço e desempenho, pela desvalorização e indignação.

A falta de reconhecimento ou o reconhecimento desencadeiam vivências de prazer-sofrimento como pontuam Mendes e Tamayo (2001, p.42):

O **prazer** é vivenciado quando são experimentados sentimentos de valorização e reconhecimento no trabalho.

A **valorização** é o sentimento de que o trabalho tem sentido e valor por si mesmo, é importante e significativo para a organização e a sociedade.

O **reconhecimento** é o sentimento de ser aceito e admirado no trabalho e, de ter liberdade para expressar sua individualidade.

Mendes e Tamayo (2001, p.46) relatam que “organizações que não enfatizam esses valores, os trabalhadores experimentam desgaste no trabalho, sentindo frustração, insatisfação, desmotivação e falta de entusiasmo com o trabalho”. O item que expressa menor índice de risco, destacando grau de satisfação é “Desqualificação” ($\bar{x}$ -1,58; σ -1,21 e y-satisfatório).

Os itens, discriminação, inutilidade e injustiça apresentaram médias satisfatórias, expondo a valorização, qualificação e reconhecimento e a importância do trabalho dos professores com a organização e sociedade. A seguir será apresentado o resultado da Escala Avaliação de Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT)

5.3.4 Escala de avaliação de danos relacionados ao trabalho - EADRT

Para Mendes e Ferreira (2007) acima de 4,1: avaliação negativa possibilidade de presença de doenças ocupacionais; entre 3,1 e 4,0: avaliação moderada para frequente, grave; entre 2,0 e 3,0: avaliação moderada, crítico; abaixo de 1,9: avaliação mais positiva, suportável.

O fator “Problemas físicos” apresenta valor α -0,981; o fator “Problemas sociais” apresenta α -0,966, o fator “Problemas psicológicos” apresenta valor α -0,982. Os fatores que compõem a escala apresentaram valores do α maiores que média $p > 0,70$; então existem evidências de que os itens medem a mesma construção.

Mendes (2007) destaca o fator “**Problemas físicos**” definidos como dores no corpo e distúrbios biológicos, alterações decorrentes do trabalho. A Tabela 12 apresenta 12 itens do fator, média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α).

Tabela 12 - Distribuição do quantitativo e percentual, Problemas físicos

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Dores no corpo	2,34	1,89	Crítico	0,981
Dores nos braços	2,23	1,85	Crítico	
Dor de cabeça	2,17	1,76	Crítico	
Distúrbios respiratórios	1,53	1,43	Satisfatório	
Distúrbios digestivos	1,74	1,58	Satisfatório	
Dores nas costas	2,22	1,86	Crítico	
Distúrbios auditivos	1,48	1,43	Satisfatório	
Alterações de apetite	1,73	1,62	Satisfatório	
Distúrbios na visão	1,95	1,75	Satisfatório	
Alterações do sono	2,14	1,83	Crítico	
Dores nas pernas	2,34	1,93	Crítico	
Distúrbios circulatórios	1,82	1,68	Satisfatório	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 12 apresenta médias críticas e satisfatórias. Destaque para dois itens com as médias mais altas pontuando possibilidades de riscos de adoecimento: “Dores no corpo” ($\bar{x}$ -2,34; σ -1,89e y-crítico) e “Dores nas pernas” ($\bar{x}$ -2,34; σ -1,93e y-crítico). Mendes (2007) considera que a saúde no trabalho está relacionada às tentativas de modificar situações adversas na busca do prazer e na fuga do sofrimento.

As dores no corpo, braço, pernas estão relacionada à atividade do professor envolve realizar “gestos, caminhar, escrever no quadro negro por longos períodos, com elevação dos membros superiores numa altura acima da cabeça, digitar e escrever provas, corrigir

trabalhos, etc.” (JUNIOR *et.al.*, 2013, p.66). As jornadas de atividades dos professores muitas vezes se estendem até suas casas, interferindo em seu momento de descanso.

As tarefas do professor modificaram ao longo dos tempos, aumentando a atividades burocráticas, produção de textos, relatórios, avaliações, projetos e reuniões, as dores estão ligadas aos maus hábitos posturais do professor. “Estas mudanças fazem com que o corpo do professor esteja exposto a movimentos até então ausentes no seu cotidiano de trabalho”. (JUNIOR *et.al.*, 2013, p.62).

Lucena e colabores (2015, p.13) destacam que o trabalho pode gerar problemas físicos, psicológicos e sociais. “Como estratégias de mediação para evitar o sofrimento e os riscos de adoecimento, destacaram: aplicar programas de diagnósticos, orientação e controle do estresse”.

A Tabela 13 apresenta o fator “**Problemas sociais**” integrados por isolamento, dificuldades nas relações sociais e familiares decorrentes do trabalho (MENDES, 2007). A tabela apresenta os 7 itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α).

Tabela 13 - Distribuição do quantitativo e percentual, Problemas sociais

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Insensibilidade em relação aos colegas	1,46	1,35	Satisfatório	0,966
Dificuldades nas relações fora do trabalho	1,39	1,27	Satisfatório	
Vontade de ficar sozinho	1,99	1,72	Satisfatório	
Conflitos nas relações familiares	1,55	1,37	Satisfatório	
Agressividade com outros	1,40	1,28	Satisfatório	
Dificuldade com os amigos	1,34	1,22	Satisfatório	
Impaciência com as pessoas em geral	1,77	1,46	Satisfatório	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 13 apresenta todos os itens com médias baixas, satisfatória. Evidenciam que os problemas sociais não são riscos ao adoecimento dos professores. Os resultados da tabela indicaram que as experiências de prazer são superiores em relação às de sofrimento.

Mendes (2007) expõe que o fator “**Problemas psicológicos**” é descrito pela experiência de sentimentos negativos, em relação a si mesmo e a vida no geral. A Tabela 14 apresenta os dez itens do fator, a média ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), classificação de risco (y), o valor Alpha (α).

Tabela 14 - Distribuição do quantitativo e percentual, Problemas psicológicos

Itens	$\bar{x}$	σ	y	α
Amargura	1,43	1,37	Satisfatório	0,982
Sensação de vazio	1,68	1,52	Satisfatório	
Sentimento de desamparo	1,72	1,56	Satisfatório	
Mau-humor	1,72	1,40	Satisfatório	
Vontade de desistir de tudo	1,68	1,50	Satisfatório	
Tristeza	1,82	1,53	Satisfatório	
Irritação com tudo	1,81	1,52	Satisfatório	
Sensação de abandono	1,59	1,46	Satisfatório	
Dúvida sobre a capacidade de fazer as tarefas	1,67	1,47	Satisfatório	
Solidão	1,55	1,46	Satisfatório	

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A Tabela 14 apresenta todos os itens com médias baixas, satisfatória. Confirmam que os problemas psicológicos não são riscos ao adoecimento. Para que os professores realizem as suas funções e garantam a aprendizagem dos educandos, eles devem estar bem emocionalmente. Toda a comunidade escolar, estado e sociedade precisam repensar estratégias que ofereçam a aquele que educa o apoio e cuidado que precisa para não adoecer.

5.4 MELHORIAS NO CONTEXTO LABORAL DOS PROFESSORES PARA PROMOÇÃO DA QUALIDADE DE VIDA

Os fatores de riscos biopsicossociais identificados no ambiente e no trabalho dos professores podem influenciar a saúde física, mental, social. Os riscos interferem no rendimento pedagógico, no ambiente, na natureza do trabalho, na cultura, modificam a vida do profissional dentro e fora das escolas. A tríade ambiente-homem-natureza abrange todos os domínios do trabalho, fazendo-se o cenário ideal para surgir doenças, acrescente a essa tríade a carga social e emocional depositada no professor, crenças e valores repassados por geração, onde o professor é o espelho da sociedade.

O homem não é somente um animal racional e social, ele é um homem que produz, tem capacidade de criar, usar a imaginação e transformar tudo à sua volta. Fromm (1970) destaca que o homem incapaz de produzir está mentalmente inválido, hipnotizado, pode estar com os olhos abertos, andar, falar e fazer diversas coisas, porém sem prazer algum pelo que cria. Nesta condição, se limita a obedecer aos gestores, às regras prescritas e às ordens. (ZANELLI; KANAN, 2019).

O professor hipnotizado desenvolve sentimentos de incapacidade, de insatisfação. Estes são indícios que “ser professor” é correr o risco de adoecer. Para Zanelli e Kanan (2019) quando as vivências de prazer no ambiente de trabalho são negativas, os gestores podem interferir com ações de prevenção a saúde do trabalhador, evitando o mal-estar docente.

Esse estudo assinala que é preciso traçar novos rumos para função dos professores, pois o ambiente laboral apresenta-se desfavorável à realização pessoal e profissional. As cobranças sociais e morais atribuídas à função de professor também corroboram o adoecimento, despertam sentimentos de estarem sendo observados pela sociedade.

Muitos professores se obrigam a trabalharem em escolas com péssimas condições físicas, prédios depredados, instalações elétricas precárias, higienização insuficiente, falta de equipamentos, condições de trabalho insalubres, fatores estes que se agravam quando somados aos problemas sociais vivenciados pelos alunos e trazidos à dinâmica escolar.

Durkheim (2016, p. 242) contribui ao afirmar que: “não há dúvidas de que as condições externas nas quais vivem os indivíduos os impregnam e que, sendo diversas, os diferenciam”. É preciso proporcionar melhores condições de trabalho aos docentes, pois estes muitas vezes sem recursos e condições para a realização de suas atividades os professores operam verdadeiros “milagres”, quando não usam recursos próprios para desempenharem sua função.

Em Edgar Morin (2019, p. 86) encontra-se que “somos membros de certa sociedade, fazemos parte do dito sistema que queremos conceber e compreender”. É, portanto, necessário compreender o mundo laboral docente, sua relação com o trabalho imaterial que muito lhe tem provocado desgastes emocionais e físicos, como evidenciado neste estudo. “Essas dimensões desgastantes, juntamente com as vivências subjetivas, familiares, relacionais, entre outros fatos naturais da existência humana, podem concorrer para o adoecimento”. (SILVA; PAIVA 2017, 35).

Não há dúvidas que o mal-estar docente tem origem nos fatores de riscos, internos e externos; não raro eles incapacitam professores, interferem em sua saúde mental, causam sofrimento, levam à exaustão, ao uso de álcool, psicofármacos, desperta nos professores o sentimento de menos valia, a felicidade aumenta com a força produtiva do trabalho decente.

Além da crise de valores, crença, cultura, que desgasta a imagem social e autoestima dos professores, este profissional passou a conviver com questões políticas, sociais e comportamentais (alunos, familiares) que, muitas vezes, fogem do seu alcance e interferem em seu desempenho profissional. Os gestores precisam encontrar uma forma de compreender

as situações desencadeadoras de sofrimento e de adoecimento psíquicos relacionados ao trabalho docente e encontrar possíveis soluções, minimizando as exposições aos riscos identificados.

O bem-estar e a qualidade de vida dos profissionais da educação precisam ser priorizados nas organizações educacionais e instituições públicas. Docentes satisfeitos vivem melhores, melhoram a sua prática de ensino, tornam o ambiente de trabalho mais saudável, reduzindo o *turnover*, absenteísmo e adoecimento. A promoção de qualidade de vida no trabalho inicia com a identificação dos riscos, este estudo irá auxiliar gestores e organizações educacionais, pois se identificou diferentes tipos de riscos graves e críticos que podem interferir no ambiente e saúde dos professores.

O professor satisfeito com as condições de trabalho que lhe são proporcionadas é capaz de realizar suas atividades pedagógicas com entusiasmo, motivação e comprometimento com os objetivos educacionais. Falta de infraestrutura nos prédios escolares foi pontuada como possível causador de risco, é necessário que o espaço de trabalho tenha uma boa limpeza, organização de materiais, iluminação, temperatura, equipamentos em bom estado, cadeiras, mesas. Melhorar o local de trabalho do professor é fundamental para o fazer pedagógico e evitar riscos.

A precarização do trabalho docente pode melhorar proporcionando condições atrativas e adequadas para os profissionais a ausência de benefícios pode contribuir ainda mais com os riscos. O ambiente escolar favorável ajuda os professores a cuidarem da sua saúde mental e física, auxilia no lazer, melhora a convivência familiar. Sem os benefícios, acontece o desequilíbrio dessas áreas. Os gestores escolares devem ficar atento aos níveis de desmotivação dos professores, isso indica que o clima organizacional não está satisfatório, acende um sinal de alerta que não está nada bom.

Os gestores podem cooperar na melhoria do ambiente profissional introduzindo ações como: recompensa do esforço; salário justo; promoção; compreensão; tratamento cortês; sentimentos de sua importância; respeito à posição de cada um; participação consciente nos objetivos (WEIL; TOMPAKOW, 2013). As organizações saudáveis promovem a satisfação, o bem-estar, as integridades auxiliam no combate dos agentes de risco, colaboram com o desenvolvimento da autoestima, nas potencialidades laborais, na valorização e reconhecimento. (ZANELLI; KANAN, 2019).

Os professores são agentes transformações socioeconômicas, mas também podem ser afetados por essas transformações, e adoecer. Zilles (2012) destaca que é preciso reconhecer

os limites inerentes de cada um, pois o homem não é Deus; sua autonomia não e autossuficiência, o homem é dotado de espírito e este imprime dinamicidade a sua vida. À forma como cada um suporta a exposição aos agentes de risco está atrelado ao modo de ser, e modos de se relacionar no ambiente de trabalho com os eventos do cotidiano. Todavia os riscos são absorvidos de maneira diferente, nem todos adoecem profissionais com saúde mental satisfatória não correm risco de adoecer.

O fator humano encontra-se presente na evolução do trabalho, nas diferentes sociedades e para receber reconhecimento profissional é obrigado pelo sistema de trabalho a dar tudo de si. Dejours (1997, p.69) destaca que o trabalho se desenvolve no mundo subjetivo, não somente no mundo físico e social. O engajamento subjetivo de cada professor auxilia cada um na aceitação dos riscos à saúde física e mental; “de expectativas em relação à autorrealização, à construção da saúde e ao reconhecimento, e de defesas contra o sofrimento”. Inferimos na sociedade e por ela somos alterados e, com isso, adoecemos ou proporcionamos o nosso adoecimento, acrescente-se a isso a carga emocional de responsabilidade social atribuída aos professores.

Bauman (2003) expõe que viver na modernidade, implica assumir responsabilidades e, simultaneamente, viver o instantâneo e o incerto, alcançar realizações, visar o homem integral, mas vulnerável porque às vezes também adocece. Ao longo da história do homem, dois pilares sustentam uma ponte estável a ligar o passado ao futuro, neste encontrando um horizonte de durabilidade mesmo na transitoriedade. Enquanto outros que sentem e se movem pela emoção, sofrem porque se veem manipulados e, desta forma frustrados, por não alcançarem suas metas pessoais.

De modo a se elaborar uma síntese do conjunto de dados quantitativos apurados, a seguir apresentam-se as principais constatações deste estudo que podem servir de base para outros estudos ou para elaboração de projetos de melhorias ou manutenção do grau de satisfação, evitando riscos e agravamentos ao ambiente e saúde dos professores

5.5 SINTESE DOS RESULTADOS

Para o desenvolvimento deste trabalho, em torno de 381 professores receberam a solicitação de preenchimento de um questionário *online* com perguntas que procuraram identificar os riscos biopsicossociais laborais dos docentes. O questionário foi disponibilizado em um link através do site criado para este fim, e compartilhado por aplicativos de mensagens

junto às coordenadorias regionais, e *e-mail* institucional de todos os professores do Estado de Santa Catarina, método escolhido para atingir o maior número de professores.

O questionário permaneceu disponível para preenchimento entre os dias 14/02/2022 e 29/04/2022. Neste período 381 professores responderam aos questionários. Considerados os critérios de exclusão, este estudo alcançou 345 participantes, de modo a possibilitar a análise dos riscos biopsicossociais laborais. A pesquisa foi realizada com professores de todas as regiões do Estado.

Do questionário sociodemográfico identificou-se que do total dos professores que responderam às perguntas, 28,87% eram professores; 6,26% outras funções escolares e 64,82% não responderam ao questionário sociodemográfico. Constatou-se que mesmo garantido o anonimato muitos participantes não responderam às perguntas do questionário sociodemográfico.

Sobre as características desse grupo que responderam, cerca de 34% eram sexo feminino e 11 % do sexo masculino, o restante dos participantes não responderam a essa pergunta; em sua maioria se encontram nas faixas etárias de 32 a 52 anos, totalizando 34%. Os resultados referentes ao estado civil dos professores revelam uma população predominantemente casada ou com união estável (33%). A predominância de casados ou união estável ocorre entre o sexo feminino.

Quanto ao número de filhos, 32% têm entre um ou três filhos. No que se refere ao grau de escolaridade, 34% revelam ter pós-graduação (especialização, mestrado e doutorado), onde o grande percentual de níveis superiores de escolaridade é encontrado junto ao sexo feminino. Com relação ao tempo de trabalho, identificou-se que 22% dos participantes estão na faixa entre 9 e 20 anos de trabalho; 13% acima de 20 anos e 55% optaram por não responder. Estes dados são importantes para que se possa relacionar o tempo de serviço com a exposição aos riscos biopsicossociais que podem causar doenças, afastamentos ou readaptações.

Entre os professores que responderam 34% relatam não possuir outro emprego, provavelmente pela carga horária (40h) que executam nas escolas ou devido ao deslocamento de uma escola para outra. Uma interpretação para estes resultados pode se assentar em aspectos relacionados à necessidade dos professores por um número maior de aulas e, conseqüentemente, uma remuneração maior. Quanto à habitação, foi apurado que 31% possuem casa própria quitada e financiada.

Com relação ao tabagismo verificou-se que 38% dos participantes que responderam não fumam e 5% relatam fumar. Quanto ao uso de bebida alcoólica, os dados revelam que

26% dos participantes fazem uso de bebida alcoólica e 14% não o fazem. Foi possível constatar que 23% dos participantes praticam atividade física e 22% não.

Observou-se a predominância do sexo feminino na população estudada, algo que remete a configuração histórica da educação como função essencialmente feminina em todo o Brasil. E a maior predominância dos participantes foi do Oeste/Meio Oeste (11,6%) e Sul (11,6%). Outro dado importante é a participação de professores com mais de 20 anos de trabalho expostos a mais tempo aos agravantes de riscos.

Quanto às doenças virais contraídas por professores no ambiente de trabalho, este estudo evidenciou a Covid-19 (9%) e Influenza A/H1n1 (4%). Todavia, é pertinente destacar que 80% dos participantes não responderam a esta questão. Entre os 41% de professores que responderam à questão, as doenças virais que afastaram alunos da sala de aula, em sua perspectiva foram a Covid-19 (33%).

O segundo instrumento, questionário ocupacional procurou identificar os possíveis riscos psicossociais no ambiente ocupacional dos professores, considerando a exposição aos agentes biológicos, químicos, físicos e ergonômicos (ZANELLI; KANAN, 2019). O valor alfa encontrado nas 16 perguntas do questionário foi de $\alpha = 0,993$. O índice alfa foi utilizado nesse questionário para medir a confiabilidade das respostas, para avaliar se os itens de cada uma das opções de resposta das perguntas (escala de cinco níveis), estão correlacionados.

Os resultados encontrados evidenciaram riscos críticos à saúde dos profissionais. Considerando as normas do Ministério do Trabalho do Brasil os agentes de riscos relacionados ao ambiente de trabalho que podem causar danos à saúde na perspectiva dos participantes são: Os agentes biológicos pesquisados evidenciaram riscos críticos: bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros ($\bar{x}$ -2,86, σ -1,68, y-Crítico); Sobre a higienização dos banheiros das escolas ($\bar{x}$ -3,08; σ -1,85; y-Crítico); sobre a higienização da escola ($\bar{x}$ -3,06; σ -1,63; y-Crítico), a existência de animais peçonhentos no ambiente escolar ($\bar{x}$ -2,6; σ -1,28; y-Crítico).

Para os agentes químicos a classificação de risco em relação à poeira do giz foi ($\bar{x}$ -2,72; σ -1,85; y-crítico). Neste estudo não foi identificada classificação risco para o cheiro de álcool dos pinéis atômico ($\bar{x}$ -1,88; σ -1,46; y-satisfatório). No que se refere aos agentes físicos este estudo identificou riscos críticos: a ventilação nas salas de aula é suficiente ($\bar{x}$ -4,73; σ -4,267; y-crítico); A iluminação nas salas ($\bar{x}$ -2,59; σ -,47; y-crítico); A precariedade na instalação elétrica na escola ($\bar{x}$ -2,94; σ -1,73; y-crítico); a precariedade na estrutura do prédio ($\bar{x}$ -2,88; σ -1,66; y-crítico); a violência (verbal, psicológica, física) realizada por alunos contra

professores ($\bar{x}$ -2,97; σ -1,73; y-crítico); a violência (verbal, psicológica, física) sofrida na escola por pais, colegas ou gestão escolar os professores ($\bar{x}$ -2,90; σ -1,70; y-crítico).

Os riscos ergonômicos foram sinalizados como riscos críticos pelos participantes: movimentos repetitivos ($\bar{x}$ -2,98; σ -1,78; y-crítico); postura inadequada devido a cadeiras e mesas ($\bar{x}$ -3,45; σ -1,75; y-crítico) materiais didáticos são pesados ($\bar{x}$ -3,01; σ -1,78; y-crítico). Este estudo evidenciou que muitos dos participantes encontram-se há mais de 20 anos em sua função e, evidencia-se que o mal-estar docente se encontra atrelado ao tempo exposto aos agentes potencializadores de riscos interferindo na saúde física e mental. Considerada a exposição aos agentes biológicos, químicos, físicos, ergonômicos expostas nas 16 perguntas, a análise quantitativa do questionário ocupacional teve um resultado crítico: $\bar{x}$ -2,81; σ -1,64; α -0,994 e y-crítico. Os riscos biológicos, físicos, químicos e ergonômicos foram avaliados de forma crítica pela maioria dos professores.

Portanto, a situação de trabalho dos professores demonstra a possibilidade de muito adoecimento relacionado ao aspecto ocupacional, o que torna a realidade do trabalho de docente significativamente fragilizada e expõe o trabalhador a um desgaste humano relativamente alto, algo que poderá lhe gerar problemas ao longo do tempo. No entanto, é pertinente trazer Rebolo (2012, p. 24) a esta discussão, pois mesmo destaca que, apesar de adoecer, “o trabalho docente é também fonte de prazer e bem-estar, que se manifesta em diferentes níveis de satisfação com múltiplos aspectos do trabalho, dependendo de cada contexto, história e momento em que se vive a profissão”.

Os resultados das escalas que compõem o ITRA estão apresentados na Tabela 15 pontuando: médias ($\bar{x}$), desvio padrão (σ), valor alfa (α) e classificação de risco (y).

Tabela 15 - Distribuição de fatores avaliados nas escalas do ITRA

Escala	Fatores	Itens	$\bar{x}$	σ	α	y
EACT	Organização do Trabalho	1-11	2,54	1,8	0,974	Crítico
	Condições de Trabalho	12-21	2,35	1,69	0,98	Crítico
	Relações socioprofissionais	22-31	2,34	1,61	0,962	Crítico
ECHT	Custo Físico	1-10	2,45	1,66	0,966	Crítico
	Custo Cognitivo	11-20	3,19	1,83	0,977	Crítico
	Custo Afetivo	21-32	2,2	1,63	0,968	Satisfatório
EIPST	Realização Profissional	1-9	2,74	1,63	0,974	Crítico
	Liberdade de Expressão	10-17	2,94	1,73	0,978	Crítico
	Esgotamento Profissional	18-24	2,71	1,62	0,967	Crítico
	Falta de Reconhecimento	25-32	2,04	1,42	0,969	Satisfatório
EADRT	Problemas Físicos	1-12	1,97	1,72	0,981	Satisfatório
	Problemas Sociais	13-19	1,56	1,39	0,966	Satisfatório
	Problemas Psicológicos	20-29	1,67	1,48	0,982	Satisfatório

Fonte: Dados coletados na pesquisa em 2022.

A primeira Escala avalia o Contexto de Trabalho (EACT), nos seus fatores “Organização do trabalho” ($\bar{x}$ -2,54; σ -1,80; α -0,974; y-crítico); “Condições de Trabalho” ($\bar{x}$ -2,35; σ -1,69; α -0,98; y-crítico) e “Relações socioprofissionais” ($\bar{x}$ -2,34; σ -1,61; α -0,962; y-crítico); apresentaram classificação de risco crítico ao adoecimento dos professores. Os dados críticos obtidos na EACT, no que se refere aos aspectos ergonômicos, foram evidenciados no questionário ocupacional. As médias críticas identificadas merecem atenção por parte da Secretaria estadual de Educação.

A atividade do professor vai além de ministrar aulas; para que o docente consiga executar sua função de modo satisfatório, depende também da estrutura organizacional que lhe dê suporte e apoio. De acordo com Tardiff e Lessard (2011, p. 276), “a atividade docente pode ser abordada tanto sob o ângulo de sua organização quanto de seu processo ou desenvolvimento”.

Para Dejours e Abdoucheli (1994) as organizações de trabalho por si só já são consideradas potencializadoras de riscos à saúde mental do trabalhador. O Trabalho age sobre o trabalhador, não somente nos aspectos organizacionais, mas também nos subjetivos nas formas de sentir, pensar e de ser (MENDES, 2003). Deste modo, o valor crítico evidenciado é um índice e sinaliza uma “situação limite”, produtora de sofrimento no trabalho, o que demanda a tomada de providências a curto e médio prazo por parte dos responsáveis. (MENDES; FERREIRA, 2007).

A segunda Escala que avalia o Custo Humano do Trabalho (ECHT) o fator “Custo físico” ($\bar{x}$ -2,45; σ -1,66; α -0,966; y-crítico) e “Custo cognitivo” ($\bar{x}$ -3,19; σ -1,83; α -0,977; y-crítico) apresentaram níveis críticos ao risco de adoecimento no trabalho. O fator “Custo afetivo” ($\bar{x}$ -2,20; σ -1,63; α -0,968; y-satisfatório) apresentou nível satisfatório.

De acordo Mendes e Ferreira (2007) os fatores que compõem a escala são inseparáveis, mas interdependentes e apesar de possuírem pesos diferentes, nas situações vivenciadas, no cotidiano de trabalho elas se influenciam. A ECHT é compreendida pelas exigências afetivas, cognitivas e físicas e, neste estudo, aponta possíveis riscos ao adoecimento dos participantes. Assim há que se considerar a subjetividade e não somente a cognição na adaptação do professor a sua atividade profissional.

A terceira escala do ITRA avalia os Indicadores de Prazer e Sofrimento no Trabalho (EIPST). Os fatores da escala que apresentaram classificação de risco crítico ao adoecimento foram: “Realização profissional” ($\bar{x}$ -2,74; σ -1,63; α -0,974; y-crítico); “Liberdade Expressão” ($\bar{x}$ -2,94; σ -1,73; α -0,978; y-crítico); “Esgotamento profissional” ($\bar{x}$ -2,71; σ -1,62; α -0,967; y-

crítico). A avaliação de Mendes (2007) destaca que o sofrimento no trabalho aparece quando a relação trabalhadora - organizações estão bloqueadas. A liberdade de expressão se caracteriza como um componente de satisfação e bem-estar, que permite aos professores um ambiente para a compensação das dificuldades decorrentes do trabalho, resolução de problemas e encaminhamento de soluções.

De modo geral, no Brasil, a profissão docente não tem recebido o merecido reconhecimento de parte dos governantes, todavia o fator “falta de reconhecimento” obteve níveis satisfatórios, o que evidencia que, em Santa Catarina, existe reconhecimento pela função do docente ($\bar{x}$ -2,04; σ -1,42; α -0,969; y -satisfatório). O Governo do Estado em 2022 criou o plano de valorização ao profissional da educação, a remuneração mínima com ensino superior e carga horária de 40 horas semanais passou a ser de R\$ 5 mil, professores com carga horária inferior têm salário proporcional a este valor, o que contribuiu em partes para o grau de satisfação identificado.

Para Neves *et.al.* (2010) a organização do trabalho deve proporcionar uma remuneração aceitável com as atividades realizadas, o que pode ressignificar o valor do trabalho e reduzir o risco de adoecimento colaborando com a motivação e satisfação em ensinar.

A Escala de Avaliação dos Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT) investiga os danos físicos, psicológicos e sociais relacionados ao trabalho dos professores. Os fatores da escala apresentaram classificação de risco satisfatório, excluindo a possibilidade de adoecimento: “Danos físicos” ($\bar{x}$ -1,97; σ -1,72; α -0,981; y -satisfatório); “Danos sociais” ($\bar{x}$ -1,56; σ -1,39; α -0,966; y -satisfatório) e “Danos psicológicos” ($\bar{x}$ -1,67; σ -1,48; α -0,982; y -satisfatório). Os danos psicológicos relacionados ao trabalho foram considerados suportáveis de acordo com os participantes. Os danos relacionados ao trabalho aparecem quando as estratégias de amenização desenvolvidas pelas organizações são insuficientes (MENDES, 2007).

De maneira geral, todos os fatores que compõem as escalas do ITRA, foram avaliados como possíveis potencializadores de risco de adoecimento, de acordo com os critérios de classificação proposta por Mendes e Ferreira (2007).

O valor crítico é um índice médio e sinaliza uma “situação limite”, produtora de sofrimento no trabalho, o que demanda a tomada de providências a curto e médio prazo. Como registrado anteriormente, é possível perceber empiricamente que o ambiente de trabalho do professor pode causar adoecimento. Os resultados das escalas do ITRA,

apresentados em síntese na Tabela 15, corroboram com o referencial teórico próprio da psicodinâmica do trabalho, visto que se observa em quase todos os itens classificações de risco por meio das quais se depreende a ausência de prazer no trabalho. O conjunto dos dados possibilita observar a tendência ao adoecimento do docente.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível identificar fatores de riscos no ambiente e no trabalho dos professores, que comprometem sua função nas escolas. A análise dos dados quantitativos, representada pelas médias das escalas, desvio padrão, valor alfa e classificação de risco, permitiram observar que os docentes apresentam mais experiências em graus críticos, para risco de sofrimento do que vivências satisfatórias.

Em geral, os professores adquirem experiências laborais marcadas por intensa pressão cultural, física, social e psíquica, em decorrência da natureza da atividade estar atrelada a sociedade e da presença constante de um trabalho instigante, desafiador, o que identifica um ambiente laboral, com a possibilidade de gerar riscos de adoecimento. Os dados encontrados ressaltam que estratégias carecem ser implantadas, para minimizar as condições de riscos identificadas e, desestabilizadoras da relação professor com seu trabalho.

As constantes mudanças do cenário do trabalho, destacadas neste estudo, requerem dos docentes a capacidade de adaptação, de formação e de capacitação, as quais reiteram competências e habilidades evocadas por uma educação profissional, cursos de formação, capacitação contínua e permanentemente atualizada, com estratégias preventivas que evitem seu adoecimento. O excessivo crescimento tecnológico, fez surgir um meio ambiente no qual a vida se tornou física e mentalmente doentia. (CAPRA, 2006).

O professor, em sua rotina, vivência processos de contínua aprendizagem, que invoca em sua atividade o aprender aprendendo em sala de aula; não consegue executar sua função sem a comunicação e colaboração com os demais no âmbito escolar. Deve desenvolver o raciocínio criativo e a resolução de problemas imediatos, são muitos alunos, não pode postergar decisões. Além disto, precisa de formação para o conhecimento tecnológico. Estar atento à informação de negócios globais, novos rumos na educação; conhecer a cultura da comunidade onde irá atuar; ter a habilidade de liderança e, para tanto precisa ser capaz de autogerenciamento de sua carreira, através de reflexões e de aprendizagem, sugerindo inserções ao contexto e, de uma educação democrática e participativa.

Os resultados desta pesquisa possibilitam constatar riscos críticos à saúde dos professores no questionário ocupacional e nas escalas do ITRA; destaque para as escalas EACT, ECHT e EIPST que evidenciam a possibilidade de adoecimento. As médias identificadas são inquietantes e merece atenção especial às estratégias de promoção da saúde, pela Secretaria de Educação de Santa Catarina. Zanelli (2014, p. 247) destaca a importância

da prevenção de riscos e pontua que: “valores éticos abrem portas para novas atividades de avaliação e de controle de riscos, o que denominado de Gestão Preventiva de Risco Psicossocial”.

O trabalho decente envolve organizações positivas, saudáveis que segundo Zanelli e Kanan (2019, p. 54) “orientam-se pela premissa de investir nas potencialidades dos trabalhadores, e não apenas na correção de suas limitações e fraquezas”. Capra (2006) destaca que muitas doenças surgem em decorrência da capacidade que o indivíduo possui, na relação com seus colegas de trabalho, amigos, grupos sociais e familiares. Para o autor, as organizações de trabalho precisam desenvolver uma visão holística para com os professores. Pois são trabalhadores suscetíveis ao adoecimento, podem estar inseridos em um ambiente organizacional já doente.

Mendes e Ferreira (2007) recomendam a verificação do que acontece na organização de trabalho, de modo a corrigir falhas que levam ao adoecimento. Os autores propõem estratégias de mediação individual e coletiva, pois estas objetivam atender a diversidade das contradições presentes no ambiente e trabalho dos professores. É importante que os professores sejam valorizados por seus gestores, conhecer o interesse de cada profissional, dar feedbacks constantes de seu trabalho, prestar atenção em cada profissional, realizar encontros de lazer, proporcionar a infraestrutura adequada, plano de salário compatível, incentivar o uso da tecnologia em sala de aula, aulas diferenciadas, realizar palestras motivacionais, treinamentos, paradas de estudo, dar sempre que possível brindes ou mimos, se manter sempre aberto para o diálogo.

Ao iniciar cada ano letivo poderia ser realizado um projeto de motivação para professores, e dessa forma, o bem-estar docente poder ser restabelecido. Um ambiente escolar saudável, com flexibilização de horários, ações para estimular a integração dos professores são importantes para integrar e criar um espaço saudável e promover a satisfação e qualidade de vida dos professores. Os resultados deste estudo representam um importante diagnóstico do risco de adoecimento junto a professores das escolas estaduais de Santa Catarina. No entanto, é necessário considerar as seguintes limitações do estudo:

- O período de isolamento devido à pandemia do Covid-19;
- A insegurança de parte dos participantes quanto ao anonimato das informações, embora garantias lhes tenham sido dadas;
- A dificuldade de acesso aos professores devido à troca do Secretário de Educação e o esforço necessário para se atingir o número mínimo calculado para a amostra.

- A escassez de publicações em Santa Catarina sobre a população pesquisada, de parâmetros de comparação dos dados aqui identificados;

- A escassez de publicações em Santa Catarina sobre a saúde ocupacional, de parâmetros de comparação dos riscos: biológicos, físicos, químicos e ergonômicos identificados;

- A dificuldades na extração de dados, devido à quantidade de informações;

- A substituição do Orientador no decorrer da coleta de dados.

Por estas dificuldades, este estudo não esgota o tema e, para futuras pesquisas, com os professores de Santa Catarina percebeu-se a necessidade de se desvelar quais as estratégias de combate aos riscos decorrentes do ambiente e do trabalho são utilizadas pela Secretaria de Educação, para que profissionais possam desempenhar o seu papel nas escolas. Por se tratar de um estudo inédito interdisciplinar no estado, os riscos biopsicossociais identificados podem contribuir com em outros estudos, prosseguir abordando o prazer, o sofrimento e o adoecimento dos docentes no exercício de sua profissão.

REFERÊNCIAS

ABDERA, *in*. **pré-socráticos-socráticos, vida e obra**. Editora Nova Cultural Ltda. 2000. São Paulo, SP.

AGÊNCIA BRASIL. **Principais causas de afastamento de docentes são processos**. Por Mariana Tokarnia - Repórter da Agência Brasil Brasília. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2015-10/saude-do-professor-esta-ligada-boas-condicoes-de-trabalho-diz-cnte>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

ALGEBAIL, Eveline *et.al* 2019. **Eletrificação e condições de realização da escola no Brasil** La electricidad y latransformación de la vida urbana y social, p. 681-701.

ANCHIETA, Vânia Cristine Cavalcante; GALINKIN, Ana Lúcia; MENDES, Ana Magnólia Bezerra; NEIVA, Elaine Rabelo. Trabalho e riscos de adoecimento: um estudo entre policiais civis. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 199-208, jun. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-37722011000200007>.

ANDRADE, Celana Cardoso; HOLANDA, Adriano Furtado. Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, [S.L.], v. 27, n. 2, p. 259-268, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-166x2010000200013>.

ARANTES, Delaíde Alves Miranda. Doença Ocupacional e Estabilidade no Emprego. A saúde dos trabalhadores na Educação. In: **Direitos trabalhistas e previdenciários dos trabalhadores no ensino privado**. São Paulo: Ltr, 2008.

ARENDT, Hannah, 1906-1975. **A condição humana**/ Hannah **Arendt**; tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso. Lafer. - 10.ed. -- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

ARISTÓTELES. **A Política**. Atena Editora, São Paulo: 1960.

AUGUSTO, Vg; SAMPAIO, Rf; TIRADO, Mga; MANCINI, Mc; PARREIRA, Vf. Um olhar sobre as LER/DORT no contexto clínico do fisioterapeuta. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, [S.L.], v. 12, n. 1, fev. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-35552008000100010>.

BARBIERI, Bianca da Cruz; SANTOS, Naiara Ester dos; AVELINO, Wagner Feitosa. Violência escolar: uma percepção social. *Revista Educação Pública*, v. 21, nº 7,2 de março de 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

BENEDICT, Ruth Fulton. **Padrões de Cultura**. Trad. de Ricardo A. Rosenbusch, Ed. Vozes, Petrópolis, RJ : 2013.

BENEDICT, Ruth Fulton. **O Crisântemo e a Espada**. Ed. Perspectiva. São Paulo: 1972.

BERLANDA; FRAIZZOLI; CORDOVA; PEDRAZZA. Psychosocial Risks and Violence Against Teachers. Is It Possible to Promote Well-Being at Work? **International Journal Of Environmental Research And Public Health**, [S.L.], v. 16, n. 22, p. 4439, 12 nov. 2019. MDPI AG. <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph16224439>.

BOBBIO, Norberto. **O Conceito de sociedade civil**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.

BORGES, LOPES, Sara; SANTOS, Cristina; SARAIVA, Antonio; POCINHO, Margarida Tenente. Avaliação de Fatores de Risco Psicossociais: estudo com docentes do ensino superior. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, v. 4, n. 1, p. 22-33, 28 fev. 2018. DOI: 10.7342/ismt.rpics.2018.4.1.54

BOURDIEU, Pierre. **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BRAGA, Marisa Sofia Falcão *et.al.* **Exposição ao ruído nas salas de aula em escolas do ensino básico da cidade de São Paulo e a sua influência em tarefas de leitura: um estudo preliminar**. Mestrado em Higiene e Segurança nas Organizações. Instituto Politécnico do Porto. 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Doenças Relacionadas ao Trabalho**: Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde. 2001. Disponível em: dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/02_0388_M1.pdf Acesso em: 30 de Março de 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Módulo 12**: higiene, segurança e educação. / Ivan Dutra Faria, João Antônio Cabral Monlevade. – Brasília: Universidade de Brasília, 2008. 75 p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia de vigilância epidemiológica**. 6. ed. – Brasília, Ministério da Saúde, 2005.

BUENO, Helen Paola Vieira. **Fatores de riscos psicossociais em professores de escolas pantaneiras: relações com transtornos mentais comuns e estresse ocupacional**. (Doutorado em Psicologia). Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande. 2017.

DURKHEIM, Émile, 1858-1917. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Andréia S.M. da Silva – São Paulo; Edipro, 2016.

CARDOSO, Luís Antônio. **A categoria trabalho no capitalismo contemporâneo**. Tempo soc., São Paulo, v. 23, n. 2, p. 265-295, Nov. 2011

CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Riscos psicossociais associados à Síndrome de Burnout em professores universitários. **Avances En Psicología Latinoamericana**, [S.L.], v. 35, n. 3, p. 447, 20 set. 2017. Colegio Mayor de Nuestra Señora del Rosario. <http://dx.doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.4036>

CARNEIRO; Lucianne; SARAIVA, Alessandra. **IBGE: Mulheres têm mais acesso ao ensino superior.** Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2021/03/04/ibge-mulheres-tem-mais-acesso-ao-ensino-superior-mas-ainda-sao-minoria-em-areas-como-engenharia-e-ti.html> . Acesso em 25 de out.de 2022.

CASAGRANDE, Jacir Leonir; Tade-Ane de Amorim. **Sociologia**. 1. ed. rev. Palhoça: UnisulVirtual, 2011.292.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COLE, James. Assessing the calorific significance of episodes of human cannibalism in the Palaeolithic. **Scientific Reports**, [S.L.], v. 7, n. 1, 6 abr. 2017. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1038/srep44707>.

COMENIUS, John Amos. **Didática Magna**. Martins Fontes. São Paulo, 2006.

CORREIA, Yara Gomes; RIBEIRO NETO, Derval Gomes; NASCIMENTO, Taluany da Silva; NUNES, Antônio Ítalo dos Santos; SEIBERT, Carla Simone. Seres humanos, animais peçonhentos e ambiente: conhecimento prévio do público infantil. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (Revbea)**, [S.L.], v. 16, n. 6, p. 31-51, 1 dez. 2021. Universidade Federal de São Paulo. <http://dx.doi.org/10.34024/revbea.2021.v16.11983>

COSTA, Lúcia Maria Simões Fernandes; FERNANDES, Otelina Marisa da Silva. **Riscos Psicossociais, Capacidade para o Trabalho e Saúde: Avaliação e consciencialização de trabalhadores não docentes de uma instituição de ensino superior** (Dissertação). Escola Superior de Educação de Coimbra e à Escola Superior de Tecnologia da Saúde. Coimbra, 2017.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação**. Tradução Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**, volume 1 / Marilena Chamo - 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

D'ALVERNY, Marie Thérèse. L'Homme comme symbole: le microcosme. Vol. I. in **Simboli e simbologia nell'Alto Medioevo**, CISAM, Spoleto: 1976.

DANTAS, Michelle Leão Pinheiro Bastos. **Cenários da saúde e segurança ocupacional em Arqueologia: diretrizes para preservação da integridade do arqueólogo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. 2020

DEÂNGELI, Maria Angélica; WIMMER, Norma. **A vida em comum Ensaio de antropologia geral**. Tzvetan Todorov. Editora Unesp SP. 2014.280p.

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. **Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho**. Psicodinâmica do trabalho. Contribuições da Escola Dejouriana à análise da Relação prazer, sofrimento e trabalho São Paulo: Atlas. P. 119-145.1994.

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 17, n. 3, p. 363-371, 2012.

DEJOURS, Christophe. **O fator Humano**. Rio de Janeiro: FGV

DEJOURS, Christophe. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento trabalho. São Paulo: Atlas, 1994.

DEJOURS, Christophe. A loucura do trabalho: Estudo de psicopatologia do trabalho. (A. I. Paraguay e L. L. Ferreira, trad.; 5ª ed.). São Paulo: Cortez- Oboré. 1992.

DIAS, Maria Sara de Lima. **Sentidos do trabalho e sua relação com o projeto de vida de universitários**. 2009. 270 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, Florianópolis, 2009.

ECO, Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**. Trad. de Mario Sabino Filho. São Paulo: Ed. Globo, 1989.

ESPINOSA, B. Ética demonstrada à maneira dos Geômetras. Tradução Tomaz Tadeu, Belo Horizonte, Autêntica, 2009

EU-OSHA. **Riscos psicossociais e stresse no trabalho**. Agência da União Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho. Disponível em: <https://osha.europa.eu/pt/themes/psychosocial-risks-and-stress>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

FARIA, Ernesto. **Dicionário Latino Português**. Ed. Gomes de Souza. Rio de Janeiro: 1967.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Níveis de ansiedade e depressão entre professores do Ensino Infantil e Fundamental. **Pro-Posições**, [S.L.], v. 30, p. 1-15, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0143>.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FONTANA, Rosane Teresinha; PINHEIRO, Débora Avello. Condições de saúde auto-referidas de professores de uma universidade regional. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 270-276, jun. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1983-14472010000200010>.

FOUCAULT, M. A **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. PETRÓPOLIS: VOZES, 1977.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.15, n.42, maio-ago. 2001.

FREITAS, Lêda Gonçalves de FACAS, Emílio Peres. Vivências de prazer-sofrimento no contexto de trabalho dos professores. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro v. 13 n. 1 p. 7-26 2013.

FROMM, Erich. **Análise do Homem**. Zahar editores, Rio de Janeiro, 1970.

FROMM, Erich. **A Missão de Freud**. 3ª edição, Rio, de Janeiro, Zahar, 1976.

GALLI, Sidinei. Hierofania, morte e poder na sociedade ibérica. In: **Anais do III encontro nacional do GT história das religiões e das religiosidades – ANPUH - Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades**. In: Revista Brasileira de História das Religiões. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011.

GALVÃO, Rodrigo Dias. A relação de prazer e sofrimento no trabalho: um estudo com docentes em uma instituição de ensino superior privada de belo horizonte. **A Administração de Empresas em Revista**, v. 15, n. 16. 2017.

GÁLVEZ, Sonnia, A. Heredia; GÓMEZ, María Fernanda Morales; PAREDES, Ruth Infante; Daniel SÁNCHEZ GUERRERO; Cristina PÁEZ QUINDE Sebastián GABIN. Psychosocialriskfactors in universityteachers. **Revista ESPACIOS**. Vol. 39. 2018.

GENNARI, EMILIO. **Quando ensinar é adoecer**. – EDUCADOR POPULAR (2014). Disponível em: <http://sinte-sc.org.br/Artigo/1510/quando-ensinar-e-adoecer>. Acesso: 13 set. 2019.

GERHARD, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERSCHENFELD, A. “Um suicídio no trabalho é uma mensagem brutal”. Entrevista a Christophe de Dejours. Público, Lisboa, 1 fev. 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/02/01/sociedade/noticia/um-suicidio-no-trabalho-e-uma-mensagem-brutal-1420732> . Acesso: 13 set. 2019.

GIACOMELLI, Giana Silva; MARIN, Solange Regina; FEISTEL, Paulo Ricardo. Da economia tradicional do bem-estar à Abordagem das Capacitações e a importância da equidade em saúde para o desenvolvimento humano. **Nova Economia**, [S.L.], v. 27, n. 1, p. 89-115, abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0103-6351/2925>.

GIL, Antonio Carlos.**Metodologia do Ensino Superior**. São Paulo: Atlas, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed., 2. tir. São Paulo: Atlas, 1995.

GONÇALVES, F. S.; SANTOS, E. **Prevalência de transtornos mentais comuns entre Policiais Militares de Cinelândia/Distrito Federal**. Monografia (Graduação em Terapia Ocupacional) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ceilândia, Brasília, 2012.

GOVEA; Ricardo Aparecido; HERMOSILLA; Jose LuisGarcia ; ACHCAR, Jorge Alberto ; SILVA, Ethel Cristina Chiari da ; RIBEIRO; Fabio Henrique. Análise do índice de capacidade para o trabalho (ICT) de trabalhadores do segmento educacional: um levantamento com professores do ensino público infantil e fundamental. In: **Anais...Perspectivas Globais para a Engenharia de Produção Fortaleza, CE, Brasil, 13 a 16 de outubro de 2015**.

GUEDES, IvanClaudio. **Método hipotético dedutivo de Popper: a lógica da pesquisa científica**. Disponível em <https://www.icguedes.pro.br/metodo-hipotetico-dedutivo-de-popper/> acesso em 22 Mar. 2021.

GUSDORF, Georges. **A Fala**. (Coleção Humanitas). Editora: Despertar - Porto. Ano: 1970.

HAAG, Tiago de Sá. AliaMaria Barrios González. **Percepção docente dos efeitos do ruído sobre o ensino e aprendizagem nos anos finais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado - Mestrado Profissional em Educação) Universidade de Brasília, 2020.

HAHNER, June E. **A Mulher Brasileira e Suas Lutas Sociais e Políticas: 1850:1973**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

HEGEL, G. W. F. **La philosophie de l'esprit de La "Realphilosophie" - 1805-1806**. Paris

HEGEL, G. W. F. **Elementsofthephilosophyofright**. Cambridge: Cambridge University Press. 1991.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo** (parte I). Petrópolis: Vozes.1995

HELOANI, José Roberto; CAPITÃO, Cláudio Garcia. Saúde mental e psicologia do trabalho. **São Paulo em Perspectiva**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 102-108, jun. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-88392003000200011>.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem**. Ed. Perspectiva, tradução de J. Teixeira Coelho Netto, SP, 1975.

HOFFMANN, Celina; ZANINI, Roselaine Ruviano; MOURA, Gilnei Luiz de; COSTA, Vânia Medianeira Flores; COMORETTO, Emanuely. Psicodinâmica do trabalho e riscos de adoecimento no magistério superior. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 31, n. 91, p. 257-276, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142017.3191019>.

HOFFMANN, Celina; ZANINI, Roselaine Ruviano; MOURA, Gilnei Luiz de; MACHADO, Bárbara Parnov. Prazer e sofrimento no trabalho docente: brasil e portugal. **Educação e Pesquisa**, [S.L.], v. 45, p. 1-15, 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201945187263>.

IOSIF, Ranilce Mascarenhas Guimarães. **A qualidade da educação na escola pública e o comprometimento da cidadania global emancipada: implicações para a situação da pobreza e desigualdade no Brasil**. Programa de Pós-Graduação em Política Social (Doutorado) Universidade de Brasília, 2007.

JARDIM, Vera L. G. Relatório de Pesquisa Ambiente Sonoro em Espaços Escolares e Educacionais. **Plataforma Brasil** - CAAE 02171418.7.0000.5505 - EFLCH – UNIFESP, 2018.

JAROSZEWSKI, Graziela Cambruzzi; ZEIGELBOIM, Bianca Simone; LACERDA, Adriana. Ruído escolar e sua implicação na atividade de ditado. **Revista Cefac**, [S.L.], v. 9, n. 1, p.

122-132, mar. 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-18462007000100016>.

JÚNIOR BARRETO, Carlos Moraes Jatobá; DOSEA, Giselle Santana; BARRETO, Luciana Pereira de Souza Jatobá. O sofrimento do professor portador de lesões por esforço repetitivo e doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho: um relato de caso. Rios Eletrônica - **Revista Científica da FASETE** ano 7 n. 7 dezembro de 2013.

KANT, Emannuel. **Metafísica dos Costumes**. Calouste Gulbenkian: 2005.

KAPLAN, Abraham. **A conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento**. Ed. Edusp. São Paulo: 1975.

LANCMAN, Selma; SZNELWAR Laerte Idal. Christophe Dejours: **da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. 3ª edição (revista e ampliada). 2011.

LARAIA, Roque de Barros. **CULTURA - Um conceito antropológico**. Jorge Zahar Editor, 14.ed. — Rio de Janeiro: 2001.

LEÃO, Ana Cláudia Alves; SILVA, Nayra Suze Souza e; MESSIAS, Romerson Brito; HAIKAL, Desirée Sant'ana; SILVEIRA, Marise Fagundes; PINHO, Lucineia de; SILVA, Rosângela Ramos Veloso; BRITO, Maria Fernanda Santos Figueiredo. Consumo de álcool em professores da rede pública estadual durante a pandemia da COVID-19. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, [S.L.], v. 71, n. 1, p. 5-15, mar. 2022. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000368>.

LEROY, S. B. **Prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino médio e fundamental: estudos de casos múltiplos em quatro escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte**. (Dissertação de Mestrado) Faculdade Novos Horizontes. 2009

LEROY, Sinara Badaró. **Prazer e sofrimento no trabalho de professores do ensino médio e fundamental: um estudo de caso em quatro escolas da região metropolitana de Belo Horizonte**. Programa de pós-Graduação em Administração (Dissertação). Faculdade Novos Horizontes. 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LIKERT, R. A technique for the measurement of attitudes. **Archives of Psychology**. v. 22, n. 140, p. 44-53, 1932.

MALSON, Lucien. **As crianças selvagens: mito e realidade**. Livraria Civilização, Editora; Porto; 1967.

MANFRED, A. Z. **História do Mundo**. Edição: 2ª Ed Publicação: Lisboa: Edições Sociais, O período moderno. - imp. 1981. - 314 p.

MARINHO, T. B.; SILVA, L. B.; COSTA, L. C. A.; ALCANTARA, P. G. F.; SANTOS, R. L. S. Reflexões Sobre a Capacidade para o Trabalho dos Professores das Escolas Municipais

de João Pessoa. **Anais** do Encontro Nacional de Engenharia de Produção, 2011, Belo Horizonte.

MARQUES, Ilda Helena; TIBAJI, Alberto. SARTRE E O EXISTENCIALISMO **Revista Eletrônica**: FUNREI. Metanoia, São João del-Rei, n. 1. p. 75-80, jul. 1998.

MARTINS, Andréa Arnaut Vieira; HONÓRIO, Luiz Carlos. **Vivências de prazer e sofrimento no trabalho docente: um estudo em uma instituição de ensino superior de Belo Horizonte**. Programa de Pós-Graduação em Administração (Mestrado Acadêmico). Faculdade Novos Horizonte. 2009

MARX, Karl. **O CAPITAL**, 1ª Edição em Português: Fonte da Presente Transcrição: Centelha - Coimbra, 1974.

MARX, Karl. **Crítica de la filosofía del Estado de Hegel**. Versión castellana de Carlos Liacho. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1973.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. **Estud. av.**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 7-46, Dec. 1998.

MENDES, A. M. B.; FERREIRA, M. C. Inventário sobre o trabalho e riscos de adoecimento –ITRA: Instrumento auxiliar de diagnóstico de indicadores críticos no trabalho. In: MENDES, A. (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: Teoria, Método e Pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 111-126.

MENDES, Ana Magnólia. Da psicodinâmica à psicopatologia do trabalho. In: MENDES, Ana Magnolia (Org.). **Psicodinâmica do trabalho**: teoria, método e pesquisas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. p. 23-48.

MENDES, Jussara Maria Rosa. **O Verso e o Anverso de uma História: o Acidente e a Morte no Trabalho**. Editora: EDIPUCRS; 2003. 228 páginas;

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O HOMEM E A COMUNICAÇÃO – A prosa do mundo**. Ed. Bloch, trad. de Celina Luz, RJ, 1974.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

MINGHETTI, Antonio Auresnedi. **Da desconstrução ao mito de Ninive - uma teoria de tradução literária**. LaSalle (Canoas), v.13, p.99 - 112, 2008.

MINGHETTI, L. R., KANAN, L. A., & ROCHA, G. (2013). **SAÚDE MENTAL DO TRABALHADOR** (Transtornos mentais e do comportamento relacionados com o trabalho que podem em alguma medida, estarem associados ao suicídio laboral). Disponível em: www.uniedu.sed.sc.gov.br. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

MIRANDOLA, Giovanni Pico. **De Homini Dignitate**. Trad. de Antonio A. Minghetti, Editora. Porto Alegre: 2016.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. **As Reformas Religiosas na Europa Moderna notas para um debate historiográfico**. *Varia História*, 23(37), 130-150. 2007.

MONTESQUIEU. **O Estado de Natureza**: Editora Martins Fontes, 2000.

MORENO, Leonel de Alencar; DIAS, Maria Aparecida Florêncio; SARDÁ JUNIOR, Jamir; DIAS, Israel Domingos. Prevalência de doenças ocupacionais em professores de uma instituição de ensino superior do Vale do Itajaí-SC. **Revista Brasileira de Tecnologias Sociais**, [S.L.], v. 3, n. 1, p. 3, 5 dez. 2016. Editora UNIVALI.
<http://dx.doi.org/10.14210/rbts.v3n1.p3-14>.

MORIN, Edegar. **Ciência com consciência**. Maria D. Alexandre (Tradutor). Ed. revista e modificada pelo autor - 19ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

NASCIMENTO; SEIXAS, NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 36, 22 de setembro de 2020.

NEVES, M. J. A. O. et al. Influência do trabalho noturno na qualidade de vida do enfermeiro. **Revista de Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, n. 18, n. 1, p. 42-47, jan./mar. 2010.

NOGUEIRA, LAURA SOARES MARTINS; MARIN, 2011. **O SOFRIMENTO NEGADO**: trabalho, saúde/doença, prazer e sofrimento dos trabalhadores do alumínio do Pará – Brasil. Belém 2011,

ONU- **Famílias e filhos no Brasil**. Disponível: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/familias-e-filhos-no-brasil.pdf>
Acesso em 05 de Nov.de 2022.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores**. Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

PALÚ, Janete, Jenerton Arlan Schütz, Leandro Mayer. **Desafios da educação em tempos de pandemia**. Cruz Alta: Ilustração, 2020.

PASCAL, Blaise. **Fragmento 72 do livro póstumo “Pensamentos”**. Extraído do volume “Pensadores Franceses” da coleção Clássicos Jackson, volume XII. Tradução de J. Brito Broca e Wilson Lousada. 2013.

PASCOAL, Patrícia Aparecida Gomes; SILVA, Priscilla Chantal Duarte. Riscos psicossociais da atividade docente e análise do discurso: uma investigação acerca da saúde e segurança do professor de educação básica a partir dos princípios da ergonomia. **Research, Society And Development**, [S.L.], v. 8, n. 1, 1 jan. 2019. Research, Society and Development.
<http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i1.619>.

PIEPER PIRES, F. Liberdade e Religião no Existencialismo de Jean-Paul Sartre. **Sacrilegens**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 2–21, 2005

PUHL, Andreia Estér; BITTENCOURT, Maria Fernanda Prado; FERREIRA, Léslie Piccolotto; SILVA, Marta Assumpção de Andrada e. Tabagismo e ingestão alcoólica: prevalência em professores, cantores, teleoperadores e atores. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 29, n. 4, p. 683, 27 dez. 2017. Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP). <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2724.2017v29i4p683-691>.

REBOLO, Flavinês; TEIXEIRA, Leny Rodrigues Martins; PERRELLI, Maria Aparecida de Souza (orgs.). **Docência em questão**: discutindo trabalho e formação. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

REZER, Cláudia Nesi; DONAT, Mara Fernanda; FERRETTI, Fátima; BRAGHINI, Cássia Cristina. Condições de trabalho e saúde de professores do ensino superior no oeste catarinense. **Revista Fisisenectus**, [S. l.], v. 1, p. 85, 24 dez. 2013. Revista Fisisenectus. <http://dx.doi.org/10.22298/rfs.2013.v1.n0.1756>.

BRUM, Liliani Mathias; AZAMBUJA, Cati Reckelberg; REZER, João Felipe Peres; TEMP, Daiana Sonego; CARPILOVSKY, Cristiane Köhler; LOPES, Luis Felipe; SCHETINGER, Maria Rosa Chitolina. Qualidade de vida dos professores da área de ciências em escola pública no Rio Grande do Sul. **Trabalho, Educação e Saúde**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 125-145, jun. 2012. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1981-77462012000100008>

RIBEIRO, Job Antonio Garcia; CAVASSAN, Osmar. As quatro dimensões da relação homem - meio ambiente. **Pesquisa em Educação Ambiental**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 11, 29 jan. 2014. Departamento de Educação da Universidade Estadual Paulista – UNESP. <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580x.vol8.n2.p11-30>.

RIBEIRO, Leodimeri Zilli. **Apontamentos sobre a percepção do lugar da mulher no magistério, sob uma perspectiva filosófica**. Curso de Especialização em Ensino de Filosofia no Ensino Médio. (Monografia). Universidade Federal do Paraná. 2018

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2007.

ROCHA, Rejane Gonçalves da, BARAKAT, Májida Farid. **Análise das condições ergonômicas dos professores no ambiente laboral**: um estudo de caso. Disponível em <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/imprimir/125718>. Acesso em 22 de out. de 2022.

RODRIGUES, Carlos Manoel Lopes; FAIAD, Cristiane. Pesquisa sobre riscos psicossociais no trabalho: estudo bibliométrico da produção nacional de 2008 a 2017. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 571-579, 2019. GN1 Genesis Network. <http://dx.doi.org/10.17652/rpot/2019.1.15424>.

ROUSSEAU, Jean – Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. 1754. Edição eletrônica. <https://professordiegodelpasso.files.wordpress.com/2016/05/jean-jackes-russeal-a-origem-da-desigualdade.pdf>. Acesso em 22 de out. de 2022.

SAHLINS, Marshall. 2003. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 231pp.

SAHLINS, Marshall. **Âge de pierre, âge d'abondance**. L'économie des sociétés primitives, tr. fr. par Tina Jolas, Paris, Gallimard, 1976 [Stone age economics]. 1972

SANTOS, E. P. dos. **Risco de adoecimento de trabalhadores da atenção básica à saúde: cenários e desafios**. Programa de Pós- Graduação em Desenvolvimento Regional. Faculdades Integradas de Taquara – RS. 2019.

SANTOS, Marcio N. MARQUES, Alexandre Carriconde; NUNES, Idelci Jardim. Condições de saúde e trabalho de professores no ensino básico no Brasil: uma revisão. **EFDeportes.com Revista Digital**. Buenos Aires, Nº 166.

SERVILHA, Emilse Aparecida Merlin e Ruela, Isabela de Sousa. Riscos ocupacionais à saúde e voz de professores: especificidades das unidades de rede municipal de ensino. **Revista CEFAC** [online]. 2010, v. 12, n. 1, pp. 109-114.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Trad. de Millôr Fernandes, Pocket Editora, São Paulo: 1984.

SILVA, Aline Maria Vilas Bôas da. **A concepção de liberdade em Sartre**. Vol. 6, nº 1, 2013.

SILVA, Glaucete Cerqueira Corrêa da et al . A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005

SILVA, LA, Fritsch JN, Dalri RCMB, LEITE GR, MAIA LG, Silveira SE, et al. Riscos ocupacionais e adoecimentos entre professores da rede municipal de ensino. **Journal Health NPEPS**. 2016; 1(2):178-196.

SILVA, Scheila Maria Ferreira. **Burnout em professores universitários do ensino particular: o impacto das percepções de suporte social no trabalho e organizacional**. Programa de Pós-graduação em Psicologia (Dissertação). Universidade Federal de Uberlândia. 2017

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores**. Programa de Pós-graduação em Sociologia (Doutorado), 2017.

SILVEIRA, Gabriela Araújo. **Estresse, Burnout e seus mediadores em professores do Ensino Superior Federal**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, CCSA, 2021.

SOUTO, Isabel; PEREIRA, Anabela; BRITO, Elisabeth; SANCHO, Luís; JARDIM, Jacinto. Psychosocial risk factors and distress in higher education teachers, **The European Proceedings Of Social And Behavioural Sciences**, [S.L.], p. 1-15, 17 nov. 2018. Cognitive-Cres. <http://dx.doi.org/10.15405/epsbs.2018.11.14>

SOUZA, Aparecida Neri de; LEITE, Marcia de Paula. Condições de trabalho e suas repercussões na saúde dos professores da educação básica no Brasil. **Educação & Sociedade**, [S.L.], v. 32, n. 117, p. 1105-1121, dez. 2011. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302011000400012>.

SOUZA, Edna Maria Rodrigues de; COUTINHO, Diógenes José Gusmão. ADOECIMENTO DAS PROFESSORAS DAS PRIMEIRAS LETRAS EM OLINDA: sintomas, queixas e diagnósticos. **Educação em Revista**, [S.L.], v. 34, p. 1-15, 22 out. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0102-4698188055>.

SOUZA, Ludmilla. **Violência contra professores e alunos cresce na rede pública paulista**. Agência Brasil, 2019.

TAPLIN, Oliver. **Fogo Grego**. Ed. Gradiva. Lisboa:1990.

TARDIF, Maurice. LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

TODOROV, Tzvetam. **A vida em comum: ensaio e Antropologia geral** Tradução: DEÂNGELI, M.A.; WIMMER, N..I.ed. São Paulo, Editora Unesp, 2014.

TOLFO, Suzana da Rosa; PICCININI, Valmíria. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, [S.L.], v. 19, n. , p. 38-46, 2007. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822007000400007>.

TOMAZI, Nelson Dacio, **Sociologia para o Ensino Médio**. Manual do Professor. São Paulo: Editora; Saraiva, 2014.

TUOMI, K.; ILMARINE, J.; JAHKOLA, A.; KATAJARINNE, L.; TULKKI, A. **Índice de Capacidade para o Trabalho**. Tradução: Frida Marina Fischer (coord.), São Carlos: UFSCar, 2010.

UFPA- Medicina da Universidade Federal do Pará (UFPA). **Consumo de álcool entre Professores**. Disponível em: <https://www.alcoolismo.com.br/> . Acesso em: 08 de agosto de 2022.

ULBRICHT, L; BERALDO, L. M.; Ripka, W. L. Análise de Dados Quantitativos In: Pesquisa Científica - **Do Planejamento à Divulgação**. 1 ed. Jundiaí :Paco Editorial, 2016, v.1, p. 165-203. ISBN:978-85-4620-442-7.

VERONEZI, R. J. B.; DAMASCENO, B. P.; FERNANDES, Y. B. Funções psicológicas superiores: origem social e natureza mediada. **Revista de Ciências Médicas**, [S. l.], v. 14, n. 6, 2012

VILELA, Elena Fátima; GARCIA, Fernando Coutinho; VIEIRA, Adriane. Vivências de prazer-sofrimento no trabalho do professor universitário: estudo de caso em uma instituição pública. **Read. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 517-540, ago. 2013. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-23112013000200010>.

VOLTAIRE. Coleção **Os Pensadores**, Editora Abril, 1ª Edição, 1973.

WEBBER, D. V e VERGANI, V. A profissão de professor na sociedade de risco e a urgência por descanso, dinheiro e respeito no meio ambiente laboral. **Anais** do XIX Encontro Nacional do CONPEDI, Fortaleza, 2010.

WEBER, Max. **L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme**. Paris, Gallimard. 2003

WEIL, Pierre; Tompakow, Roland. **Relações humanas na família e no trabalho**. Editora: VOZES. Petrópolis RJ, 2013.

ZANELLI, J. C.; KANAN, L. A. **Fatores de risco e de proteção psicossocial: Organizações que emancipam ou que matam**. Florianópolis: Editora Uniplac. 2019

ZILLES, Urbano. **O que é ética?** Ed. Est. Porto Alegre: 2006.

ZILLES, Urbano. **Pessoa e dignidade humana**. Curitiba: Editora CRV, 2012. 110 p.

.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – Termo de consentimento livre e esclarecido



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE UNESC
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Este é um convite para você participar da pesquisa “Riscos biopsicossociais presentes no ambiente e no trabalho de Professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina”. sob a responsabilidade do Prof. Dr. Nilzo Ivo Ladwig (UNESC- orientador), Prof.^a Dr.^a Lilia Aparecida Kanan (coorientadora) e, Lenir Rodrigues Minghetti (orientanda).

Esta pesquisa se reveste de relevância, pois possibilitará novos conhecimentos para a comunidade científica, comunidade e os responsáveis pela Educação pública em Santa Catarina.

A pesquisa pretende investigar: Quais os riscos psicossociais estão presentes no ambiente e no trabalho de Professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Especificamente pretende: a) Descrever e caracterizar o perfil sociodemográfico e ocupacional dos professores; b) Identificar, quantificar e avaliar os riscos psicossociais presentes no trabalho de professores; c) Correlacionar os dados sociodemográficos e ocupacionais ao contexto e custo humano do trabalho, aos indicadores de prazer-sofrimento no trabalho e aos danos relacionados ao trabalho; d) Identificar fatores de riscos biológicos internos e externos ao ambiente de trabalho dos professores; e) Expor a importância melhorias no contexto laboral dos professores para Promoção da qualidade de vida.

Essa pesquisa não causará danos ao bem estar físico, psicológico ou de integridade moral, visto que abrange questões relacionadas à atuação profissional, não envolvendo questões pessoais. Para minimizar qualquer desconforto e manter a privacidade, o questionário manterá o anonimato dos participantes e, deverá ser respondido individualmente. Todas as informações coletadas serão sigilosas sem identificação. Os dados serão guardados por cinco anos em local seguro e, a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes, focalizando o seu conteúdo geral e os resultados estatísticos.

Os participantes não terão benefícios pessoais diretos ao participar da pesquisa, mas contribuirão substancialmente com a investigação dos riscos psicossociais que estão presentes no ambiente e no trabalho de Professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. Acreditamos que a pesquisa seja importante, dentre outros motivos, porque oferecerá resultados que possibilitará direta e/ou indiretamente, propor medidas e construção de estratégias para evitar os riscos que podem causar sofrimento, adoecimento e afastamento dos profissionais da educação. Assim você poderá ser beneficiado indiretamente. O pesquisador não terá nenhum benefício pessoal e financeiro com esta pesquisa, exceto a produção acadêmica de conhecimento dele decorrente.

Não estamos prevendo que você venha a ter quaisquer despesas ou danos em decorrência de sua participação, apenas o investimento de parte de seu tempo na resposta dos questionários. Lembramos que, por se tratar de uma pesquisa “*online*”, ela não está isenta de algumas falhas técnicas decorrentes dessa modalidade de coleta de dados (sistema indisponível; sistema demorado, indisponibilidade provisória das páginas da web; entre outras).

Durante todo o período da pesquisa você poderá tirar suas dúvidas através do e-mail dos pesquisadores: ladwig@unesc.net ou lenir.minghettipsi@gmail.com, ou no Comitê de Ética, da UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC. Endereço: Av. Universitária, 1105 - Universitário, Criciúma - SC, 88806-000. Telefone: (48) 3431-2500.

Para conseguir os resultados desejados, a pesquisa será realizada através de um questionário sociodemográfico, questionário ocupacional, e o questionário Inventário de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA), disponibilizados *on-line*.

Ao clicar na opção “aceito participar”, a seguir, você atesta sua anuência com esta pesquisa, declarando que compreendeu seus objetivos, a forma como ela será realizada e os benefícios envolvidos, conforme descrição aqui efetuada. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

1.1.1.1 O preenchimento de todo o questionário deve levar aproximadamente 40 minutos.

1.1.1.2 Lenir Rodrigues Minghetti - Pesquisadora Responsável

Recebi as informações sobre os objetivos da pesquisa de forma clara e concordo em participar do estudo “Riscos biopsicossociais presentes no ambiente e no trabalho de Professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina”.

APÊNDICE B – FOLDER CONVITE



CONVITE

O Programa de Pós-graduação Doutorado em Ciências da Universidade do Extremo Sul Catarinense-
TODOS OS PROFESSORES EFETIVOS
 pesquisa: “**RISCOS BIOPSISSOCIAIS**
AMBIENTE E NO TRABALHO DE PROFE
ESTADUAL DE ENSINO DE SANTA CATA
 pela Doutoranda Lenir Rodrigues Minghetti, sob
 Dr. Nilzo Ivo Ladwig (UNESC) e Coorientado
 (UNIPLAC).

O objetivo principal da investigação é
 biopsicossociais presentes no ambiente e no traba
 Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina.

As respostas são individuais e serão apen
 pesquisadora e seus orientadores. Será garanti
 informações prestadas.

Para responder o questionário é necessári

www.pesquisaprofessores.com

Para melhor funcionalidade do site recomenda-se
 Chrome. O preenchimento de todo o ques

APÊNDICE C – E-MAIL CONVITE ENVIADO AOS PROFESSORES

E-mail de SED-SC - Convite para participar da Pesquisa de Doutorado

<https://mail.google.co>



LENIR RODRIGUES MINGHETTI

Convite para participar da Pesquisa de Doutorado

1 mensagem

ASCOM Assessoria de Comunicacao <ascom@sed.sc.gov.br>

Para: comunicacaoprofessores@sed.sc.gov.br

Prezados professores,

Foi concedida autorização para que enviemos o e-mail abaixo, após for pesquisadora (Processo SED 00142439/2021, seguindo as recomendações 2034 de 10/11/2020)

CONVITE

O Programa de Pós-graduação Doutorado em Ciências Ambientais da Universidade de Santa Catarina- UNESC, **CONVIDA TODOS OS PROFESSORES EFETIVOS** para participar da pesquisa: "**RISCOS BIOPSSICOSSOCIAIS PRESENTES NO AMBIENTE DE TRABALHO DOS PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DE SANTA CATARINA**".
Doutoranda Lenir Rodrigues Minghetti, sob a orientação do Prof. Dr. Nivaldo de Oliveira. Coordenadora: Dra. Lilia Kanan (UNIPLAC).

O objetivo principal da investigação é analisar os riscos biopsicossociais no trabalho de professores da Rede Estadual de Ensino de Santa Catarina. As respostas são individuais e serão apenas manuseadas pela pesquisadora. Será garantido o total sigilo das informações prestadas.

Para responder o questionário é necessário entrar no site: www.unesc.br
Para melhor funcionalidade do site recomenda-se acessar pelo Google. Para responder todo o questionário deve levar aproximadamente 40 minutos. Suas informações obtidas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos. Sua participação é fundamental para o sucesso deste estudo.

A pesquisa estará disponível para participação entre 03/04 a 30/06/2021.
Pesquisador responsável Prof. Dr. Nilzo Ivo Ladwig (UNESC)

MSc. Lenir Rodrigues Minghetti
Psicóloga: CRP12/10.231 (48)999705685
Doutoranda em Ciências Ambientais (Unesc)
Mestra em Ambiente e Saúde (Uniplac)

E-mail de SED-SC - Convite para participar da Pesquisa de Doutorado

<https://mail.google.co>

*acarretar ameaça aos direitos fundamentais de liberdade e de privacidade de p
ação estará sujeito às sanções administrativas. Antes de repassar qualquer in
todos os fundamentos disciplinares da LGPD e leis correlatas:*

Lei de Acesso à Informação — 12.527/2011;

Lei do Governo Digital — 14129/2021;

Lei do Marco Civil da Internet— 12.965/2014;

Lei de Proteção do Consumidor — 8.078/1990; e

Lei da tipificação criminal de delitos informáticos — 12.737/2012



convite-pesquisa survey-Doutorado-unesc-Lenir Rodrigues.pdf
321K

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO DOS PARTICIPANTES

Questionário sociodemográfico dos participantes
1-Função exercida: () Professor (a); () segundo (a) professor (a); () Supervisor (a) Escolar (a); () Assistente de educação; () Assistente técnico pedagógico; () Secretária (o); () Orientador (a) Educacional; () Bibliotecário (a); () Administrador Escolar; () Especialista; () Assessor (a) de direção; () Diretor (a); () Readaptado (a); () não informado; Outra função:
2-Sexo: () masculino; () feminino; () não informado;
3-Idade: () entre 20 e 25 anos; () entre 26 e 31 anos; () entre 42 e 45 anos; () entre 46 e 51; () 52 anos ou mais; () não informado;
4-Estado civil: () Solteiro (a); Casado (a); () União estável (a); () Viúvo (a); () Divorciado (a); separado (a); () não informado;
5-Ter filhos: () “não”; () “sim”;
6-Número de filhos: () Zero, () um, () dois, () três, () quadro, () não informado;
7-Grau de escolaridade: () Ensino Médio completo; () Graduação completa; () Graduação incompleta; () Pós-graduação (completa); () Pós-graduação incompleta; () Mestrado; () Mestrado incompleto; () Doutorado; () Doutorado incompleto; () Pós doutorado; () não informado;
8-Tempo de serviço no magistério: () entre 6 meses e 2 ano; () entre 3 e 5 anos; () entre 6 e 8 anos; () entre 9 e 12 anos; () acima de 13 anos; () acima de 20 anos; () em fase de aposentadoria; () não informado;
10-Possui outro Emprego formal: () “não”; () “sim”; () não informado;
11-Jornada de trabalho no Estado: () 10h; () 20h; () 30h; () 40h; () 50h; 60h; () não informado;
12-Sua casa é: () própria; () alugada; () financiada; () cedido; () mora com familiares;
13-Fuma cigarros: () “não”; () “sim”; () não informado;
14-Quantas vezes fuma cigarros: () nenhuma vez ao dia; () fuma 1x ao dia; () fuma 2x ao dia; () fuma 3x ao dia; () fuma 4x ao dia; () fuma 5x ao dia; () e fuma mais vezes ao dia. () não informado.
15-Faz uso de bebida alcoólica: () “não”; () “sim”; () não informado;
16-Quantas vezes toma bebida alcoólica: () nenhuma vez na semana; () 1 vez por semana; () 2 vezes por semana; () 3 vezes por semana; () mais vezes na semana; () nenhuma vez no dia; () 1 vez ao dia; () 2 vezes ao dia; () 3 vezes ao dia; () vezes no dia. () não informado;
17-Você pratica alguma atividade física: () “não”; () “sim”; () não informado;
18-Quantas vezes realiza atividade física: () algumas vezes ao mês, esporadicamente; () 1x p/semana; () 2x p/semana; () 3x p/semana; () 5x p/semana; () todos os dias. () não informado;
19-Formação é em: () disciplinas do Ensino Técnico; () Ciências Humanas e suas Tecnologias; () Ciências da Natureza e suas Tecnologias; () Linguagens, Códigos e suas Tecnologias; () Matemática e suas Tecnologias; () não informado;
20- Regional de educação você faz parte: () Araranguá; () Blumenau; () Braço do Norte; () Brusque; () Caçador; () Campos Novos; () Canoinhas; () Chapecó; () Concórdia; () Criciúma; () Curitiba; () Dionísio Cerqueira; () Florianópolis; () Ibirama; () Itajaí; () Itapiranga; () Ituporanga; () Jaraguá do Sul; () Joaçaba; () Joinville; () Lages; () Laguna; () Mafra; () Maravilha; () Palmitos; () Rio do Sul; () São Bento do Sul; () São Joaquim; () São Lourenço do Oeste; () São Miguel do Oeste; () Seara; () Taió; () Timbó; () Tubarão; () Videira; () Xanxerê; () não informado;
21-Das doenças citadas, você já contraiu alguma no ambiente de trabalho: () tuberculose, () malária, () febre amarela; () Covid-19; () Influenza A/H1N1; () leptospirose; varicela; () Dengue, () Chikungunya, () Zika; () Caxumba; () sarampo; () hepatite; () Leishmaniose; () Meningite; () Poliomielite; () Rubéola, () impetigo; () escabiose; virose () não informado;
22-Das doenças citadas, algum aluno seu já se afastou das aulas por ter contraído alguma das doenças citadas: () tuberculose, () malária, () febre amarela; () Influenza A/H1N1; () leptospirose; varicela; () Dengue, () Chikungunya, () Zika; () Caxumba; () sarampo; () hepatite; () Leishmaniose; () Meningite; () Poliomielite; () Rubéola, () impetigo; () escabiose; virose () não informado;

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO OCUPACIONAL

Questionário Ocupacional					
Das questões abaixo assinale: 5 Concordo totalmente; 4 Concordo; 3 concordo parcialmente; 2 não concordo e 1 para indiferente					
Função professor	5	4	3	2	1
1. A poeira de giz interfere em sua saúde?					
2. O cheiro de álcool dos pincéis atômicos interfere em sua saúde?					
3. O ruído em sala de aula atrapalha o seu desempenho?					
4. A ventilação existente é suficiente?					
5. A iluminação nas salas é satisfatória?					
6. Existem bactérias, fungos, bacilos, parasitas, protozoários, vírus, entre outros, no seu ambiente de trabalho?					
7. Sua escola é higienizada (limpa) diariamente?					
8. Existem animais peçonhentos em sua escola?					
9. Os banheiros de sua escola são higienizados?					
10. Existe precariedade na instalação elétrica em sua escola?					
11. Existe precariedade na estrutura do prédio de sua escola?					
12. Os movimentos repetitivos que executa interferem em sua saúde?					
13. Você considera pesados os materiais didáticos que carrega?					
14. A postura inadequada (cadeiras e mesas inadequadas) pode causar adoecimento?					
15. Já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) em sala de aula?					
16. Já sofreu alguma forma de violência (verbal, psicológica, física) na escola?					

ANEXO(S)

ANEXO A – Inventário de trabalho e riscos de adoecimento (ITRA)

Escala de avaliação o Contexto do Trabalho (EACT)

1. Leia os itens abaixo e escolha a alternativa que melhor corresponde à avaliação que você faz do seu Contexto de Trabalho , tendo em vista a escala abaixo. (EACT)									
1	2	3	4	5					
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre					
Itens	Organização do trabalho			1	2	3	4	5	
1	Falta tempo para realizar pausas de descanso no trabalho								
2	Ritmo do trabalho é excessivo								
3	Tarefas são cumpridas sob pressão de prazos								
4	Existe forte cobrança por resultados								
5	As normas para execução das tarefas são rígidas								
6	Existe fiscalização do desempenho								
7	O número de pessoas é insuficiente para realizar as tarefas								
8	Os resultados esperados estão fora da realidade								
9	Existe divisão entre quem planeja e quem executa								
10	As tarefas executadas sofrem descontinuidade								
11	As tarefas são repetitivas								
Itens	Condições de trabalho			1	2	3	4	5	
12	As condições de trabalho são precárias								
13	O ambiente físico é desconfortável								
14	Existe muito barulho no ambiente de trabalho								
15	O mobiliário existente no local de trabalho é inadequado								
16	O posto de trabalho é inadequado para a realização das tarefas								
17	As condições de trabalho oferecem riscos à segurança das pessoas								
18	Os instrumentos de trabalho são insuficientes para realizar as tarefas								
19	Os equipamentos necessários para realização das tarefas são precários								
20	O espaço físico para realizar o trabalho é inadequado								
21	O material de consumo é insuficiente								
Itens	Relações socioprofissionais			1	2	3	4	5	
22	As tarefas são claramente definidas								
23	A autonomia é inexistente								
24	A distribuição das tarefas é injusta								
25	Os funcionários são excluídos das decisões								
26	Existem disputas profissionais no local de trabalho								
27	As informações que preciso para executar minhas tarefas são de difícil acesso								
28	Existem dificuldades na comunicação entre chefia e subordinados								
29	Falta integração no ambiente de trabalho								
30	A comunicação entre os funcionários é insatisfatória								
31	Falta apoio das chefias para o meu desenvolvimento profissional								

Escala avaliação o Custo Humano do Trabalho (ECHT)

2. Escolha a alternativa que melhor corresponde à **avaliação** que você faz das **exigências** decorrentes do **Custo Humano no trabalho**, nos últimos seis meses. (ECHT)

1	2	3	4	5				
Nada exigido	Pouco exigido	Mais ou menos exigido	Bastante exigido	Totalmente exigido				
Itens	Custo físico			1	2	3	4	5
1	Subir e descer escadas							
2	Usar a força física							
3	Ter que manusear objetos pesados							
4	Usar os braços de forma contínua							
5	Ficar em posição curvada							
6	Ser obrigado a ficar em pé							
7	Fazer esforço físico							
8	Usar as pernas de forma contínua							
9	Usar as mãos de forma repetida							
10	Caminhar							
Itens	Custo cognitivo			1	2	3	4	5
11	Desenvolver macetes							
12	Fazer previsão de acontecimentos							
13	Ter desafios intelectuais							
14	Ter que resolver problemas							
15	Ser obrigado a lidar com imprevistos							
16	Usar a visão de forma contínua							
17	Fazer esforço mental							
18	Ter concentração mental							
19	Usar a criatividade							
20	Usar a memória							
Itens	Custo afetivo			1	2	3	4	5
21	Transgredir valores éticos							
22	Ser submetido a constrangimentos							
23	Ser obrigado a sorrir							
24	Ter que lidar com ordens contraditórias							
25	Ser obrigado a cuidar da aparência física							
26	Ser bonzinho com os outros							
27	Ter controle das emoções							
28	Ter custo emocional							
29	Ser obrigado a lidar com a agressividade dos outros							
30	Disfarçar os sentimentos							
31	Ser obrigado a ter bom humor							
32	Transgredir valores éticos							

Escala Avaliação os de Prazer-Sufrimento no Trabalho (EIPST)

3. Avaliando o seu trabalho atualmente, marque a frequência com que você experimenta vivências positivas e negativas em relação aos aspectos discriminados a seguir.						
1	2	3	4	5		
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre		
Itens	Realização profissional	1	2	3	4	5
1	Valorização					
2	Reconhecimento					
3	Motivação					
4	Realização profissional					
5	Satisfação					
6	Bem-estar					
7	Identificação com a própria tarefa					
8	Gratificação pessoal com as minhas atividades					
9	Orgulho pelo que faço					
Itens	Liberdade de expressão	1	2	3	4	5
10	Solidariedade entre os colegas					
11	Confiança entre os colegas					
12	Liberdade para expressar minhas opiniões no local de trabalho					
13	Liberdade para usar a minha criatividade					
14	Liberdade para falar sobre o meu trabalho com as chefias					
15	Cooperação entre os colegas					
16	Liberdade com a chefia para negociar o que precisa					
17	Liberdade para falar sobre o meu trabalho com os colegas					
Itens	Esgotamento profissional	1	2	3	4	5
18	Medo					
19	Esgotamento emocional					
20	Insatisfação					
21	Sobrecarga					
22	Frustração					
23	Insegurança					
24	Estresse					
Itens	Falta de reconhecimento	1	2	3	4	5
25	Discriminação					
26	Inutilidade					
27	Desqualificação					
28	Injustiça					
29	Falta de reconhecimento do meu esforço					
30	Falta de reconhecimento do meu desempenho					
31	Desvalorização					
32	Indignação					

Escala de Avaliação de Danos Relacionados ao Trabalho (EADRT)

4. Os itens a seguir tratam os tipos de **problemas físicos, psicológicos e sociais** que geralmente são causados pela realização do trabalho. Marque o número que melhor corresponde à frequência com a qual eles estão presentes na sua **atividade**, tomando por base a escala abaixo (EADRT).

1	2	3	4	5					
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre					
Itens	Problemas físicos				1	2	3	4	5
1	Dores no corpo								
2	Dores nos braços								
3	Dor de cabeça								
4	Distúrbios respiratórios								
5	Distúrbios digestivos								
6	Dores nas costas								
7	Distúrbios auditivos								
8	Alterações de apetite								
9	Distúrbios na visão								
10	Alterações do sono								
11	Dores nas pernas								
12	Distúrbios circulatórios								
Itens	Problemas sociais				1	2	3	4	5
13	Insensibilidade em relação aos colegas								
14	Dificuldades nas relações fora do trabalho								
15	Vontade de ficar sozinho								
16	Conflitos nas relações familiares								
17	Agressividade com outros								
18	Dificuldade com os amigos								
19	Impaciência com as pessoas em geral								
Itens	Problemas psicológicos				1	2	3	4	5
20	Amargura								
21	Sensação de vazio								
22	Sentimento de desamparo								
23	Mau-humor								
24	Vontade de desistir de tudo								
25	Tristeza								
26	Irritação com tudo								
27	Sensação de abandono								
28	Dúvida sobre a capacidade de fazer as tarefas								
29	Solidão								

ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC

PARECER CONSUBSTANCIADO DO

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Riscos biopsicossociais presentes no ambiente e no
Estadual de Ensino de Santa Catarina.

Pesquisador: Nilzo Ivo Ladwig

Área Temática:

Número do Parecer: 5.053.767

Apresentação do Projeto:

Nesta pesquisa será utilizado o Método hipotético-dedutivo; Do ponto de vista da abordagem de pesquisa será aplicada; ponto de vista de seus objetivos será explicativa e descritiva; Do ponto de vista da forma de abordagem se caracteriza como quantitativa; Do ponto de vista dos procedimentos técnicos esta pesquisa será survey; amostra professores efetivos; Os instrumentos de coleta de dados são: questionário sociodemográfico; questionário ocupacional de Trabalho e Riscos de Adoecimento (ITRA).

Objetivo da Pesquisa:

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: cetica@unes

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Continuação do Parecer: 5.053.767

presentes no trabalho de professores.c) Correlacionar os dados socio contexto e custo humano do trabalho, aos indicadores de prazer-sofrimento no trabalho e aos danos relacionados a

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Esta pesquisa de análise dos riscos biopsicossociais presentes no ambiente da Rede Estadual de Ensino de Santa

Catarina, não apresenta riscos diretos aos entrevistados, visto que os dados são coletados online, sem a identificação dos participantes.

Todavia, se no decorrer da pesquisa os participantes vierem a sofrer danos emocionais, físicos, psicológicos, sociais e/ou

educacionais, poderão suspender, encerrar a pesquisa, como preconiza a Resolução CNS

Resolução 196/96; 466/12 e 510/16.

Benefícios:

Em relação aos benefícios da pesquisa os dados identificados poderão

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este estudo apresenta como objetivo principal a análise dos Riscos biopsicossociais presentes no trabalho de Professores da Rede

Estadual de Ensino de Santa Catarina. Este objetivo pode contribuir para o

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Continuação do Parecer: 5.053.767

campo da interdisciplinaridade entre a Educação e Ciências Ambientais. Do ponto de vista de sua natureza em concordância dedutivo, esta pesquisa será aplicada, e forma de abordagem do problema será quantitativa. Quanto aos seus objetivos descritiva; e o procedimento técnico definido como survey. A amostragem será com 375 Professores efetivos do

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionado

Tipo Documento	Arquivo	Postagem
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_1709151_E1.pdf	17/10/2021 18:41:38
Cronograma	Texto_teste.pdf	17/10/2021 18:37:43
Declaração de concordância	6.pdf	11/01/2021 11:35:22
Folha de Rosto	4.pdf	11/01/2021 11:34:42
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	3.pdf	11/11/2020 15:56:18
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de	2.pdf	11/11/2020 15:52:04

Endereço: Avenida Universitária, 1.105

Bairro: Universitário

CEP: 88.806-000

UF: SC

Município: CRICIUMA

Telefone: (48)3431-2606

E-mail: cetica@unesc.r

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

Continuação do Parecer: 5.053.767

CRICIUMA, 22 de Outubro de 2021

ANEXO B – AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA COM OS PROFESSORES

ESTADO DE SANTA CATARINA
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

TERMO DE ANUÊNCIA DA INSTITUIÇÃO OU A SUA

A Secretaria de Estado da Educação- SED está de acordo com a pesquisa intitulado “**RISCOS BIOPSSICOSSOCIAIS PRESENTES NO TRABALHO DE PROFESSORES DA REDE ESTADUAL DE I CATARINA**”; Doutoranda Lenir Rodrigues Minghetti (Matrícula Orientador Prof. Dr. Nilzo Ivo Ladwig (UNESC- pesquisador responsável) Lília Kanan (UNIPLAC). PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO CIÊNCIAS AMBIENTAIS da UNIVERSIDADE DO EXTREMO S UNESC.

A **Secretaria de Estado da Educação- SED** assume o compromisso de desenvolvimento da referida pesquisa pela autorização da coleta de dados no período de **Abril (04/2021) até Junho (06/2021)**. Com a autorização da realização do projeto, o(a) pesquisador/a e seu orientador/a responsáveis pelos procedimentos de ética em pesquisa e sua aprovação, conforme prevê a PORTARIA Nº 10/11/2020. Declaramos ciência de que nossa instituição é coparticipante do projeto de pesquisa, e requeremos o compromisso do (a) pesquisador(a) com o resguardo da segurança e bem-estar dos participantes de pesquisa nela realizados.

Autorizamos (X) OU Não autorizamos () a citação do nome da instituição nas futuras publicações dos resultados do estudo.